



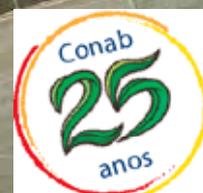
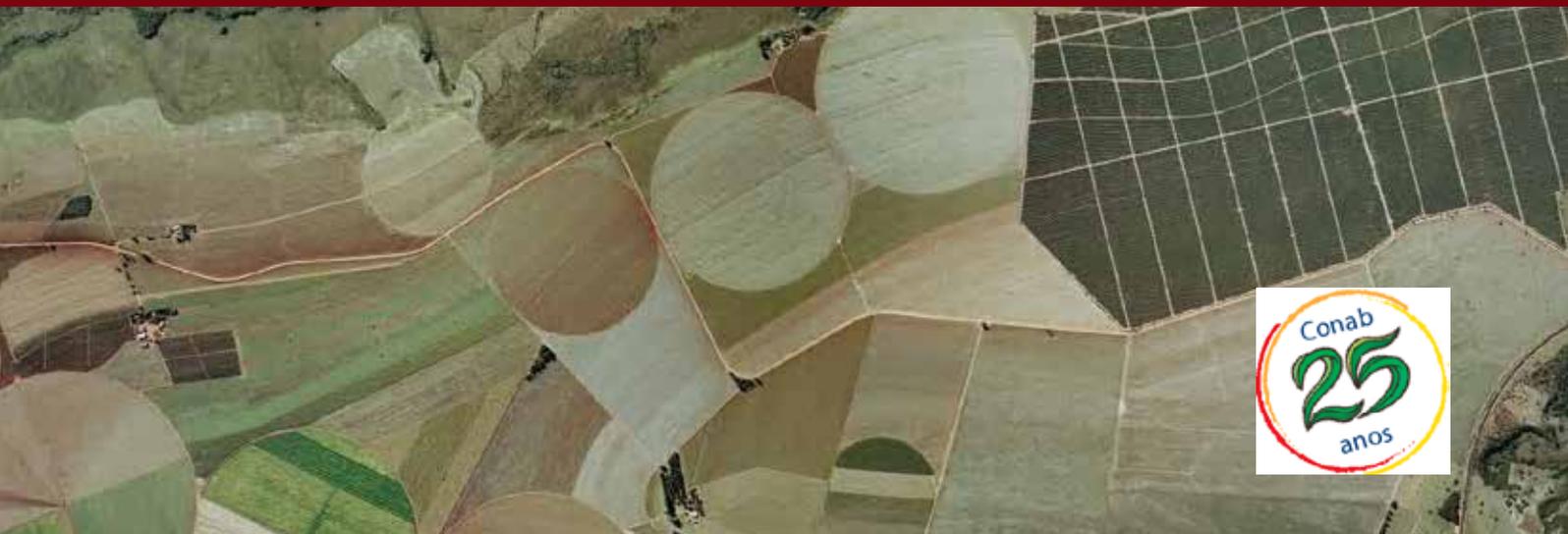
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 3 - SAFRA 2016 - N. 2 - Segundo levantamento | **MAIO 2016**



Presidente da República

Michel Temer (interino)

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blaíro Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Dígep)

Arno Jerke Júnior

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Arno Jerke Júnior (interino)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dípai)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramo (Estagiária)

Guilherme Aílson de Sousa Nogueira (Estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (Estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (Estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V.3 - SAFRA 2016 - N.2 - Segundo levantamento | **MAIO 2016**

Monitoramento agrícola – Café – Safra 2016

ISSN 2318-7913

Acomp. safra bras. café, v. 3 – Safra 2016, n.2 - Segundo Levantamento, Brasília, p. 1-104, mai.2016

Copyright © 2016– Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-7913

Tiragem: 1.000

Impresso no Brasil

Colaboradores

Patrícia Mauricio Campos (Suinf)

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Danielle Barros Ferreira (Inmet)

Asdrubal de Carvalho Jacobina (Gecup)

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

Andrea Malheiros Ramos (INMET)

Priscila Oliveira Rodrigues (Geint)

André Luís Farias de Souza (Assessor Dipai)

Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Lucas Cortes Rocha (Gecup)

Colaboradores das Superintendências

ES – João Marcos do Nascimento (Gerente), Delcio da Costa Soares (Encarregado), Maicow Paulo Aguiar B. de Almeida, Kerley Mesquita de Souza, Paulo Roberto de Luna e Pedro Antônio Medalane Cravinho.

GO – Ana Lúcia de Fátima Fernandes (Gerente), Espedito Leite Ferreira (Encarregado), Adair Malaquias de Souza, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima e Rogério César Barbosa.

MG – João Eduardo Lopes (Gerente), Patrícia de Oliveira Sales (Encarregada), Eugênio Teixeira de Carvalho, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Hygino Felipe Carvalho, Marcel de Melo Innocentini, Márcio Carlos Magno, Sérgio de Lima Starling, Telma Ferreira e Silva e Terezinha Vilela de Melo Figueiredo.

RO – Rosemberg Alves Pereira (Gerente), Erik Colares de Oliveira (Encarregado), João Adolfo Kásper e Niécio Campanati Ribeiro.

BA – Marcelo Ribeiro (Gerente), Ednabel Caracas Lima (Encarregada), Aurenir Medeiros de Melo, Gerson Araújo dos Santos, Jair Ilson dos Reis Ferreira, Jair Lucas Oliveira Junior, Israel Cerqueira Santos e Jockã Lima do Couto.

PR – Rosimeire Lauro (Gerente), Daniela Furtado de Freitas Yanaga (Encarregado), José Segundo Bosqui.

SP – Luiz Alberto Martins (Gerente), Antonio Carlos Costa Farias (Encarregado), Cláudio Lobo de Ávila, Alfredo Brienza Coli e Marisete Belloli Breviglieri.

RJ – Juçanã de Moraes Vital (Gerente), Paulo Roberto Batista dos Santos (Encarregado), Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F. Carvalho.

MT – Francielle Tonietti Capilé Guedes (Gerente), Marly Aparecida Cruz da Silva (Encarregada), Allan Vinicius Pinheiro Salgado e Jacir Lopes da Silveira.

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Yamashita/Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área cultivada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 13



5. Estimativa de produção ----- 14



6. Crédito rural ----- 15



7. Monitoramento agrícola ----- 17



8. Avaliação por estado----- 30

-8.1. Minas Gerais-----30

-8.2 Espírito Santo-----37

-8.3. São Paulo-----40

-8.4. Bahia -----	43
-8.5. Paraná -----	49
-8.6. Rondônia-----	52
-8.7. Goiás -----	54
-8.8. Mato Grosso -----	52
-8.9. Rio de Janeiro-----	54



9. Receita bruta -----	57
-------------------------------	-----------



10. Custos de produção -----	79
-------------------------------------	-----------



11. Preços do café beneficiado -----	81
---	-----------



12. Exportação e importação -----	86
--	-----------



13. Resultado detalhado -----	92
--------------------------------------	-----------



14. Calendário de colheita -----	99
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção da safra de 2016 está estimada em 49.668,5 mil sacas beneficiadas de café. A área total utilizada para a produção deve ser de 1.942,1 mil hectares. Este ano é bienalidade positiva na maior parte dos estados produtores.

Minas Gerais (28,5 milhões de sacas)

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste): aumento de área e produtividade refletem numa produção superior à safra anterior em 38,22%. Após dois anos consecutivos de instabilidade climática nas regiões cafeeiras, a safra de café 2016 foi beneficiada pela regularidade do clima em toda a região produtora.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): aumento de área e produtividade refletem numa produção superior à safra anterior em 60,2%. O aumento estimado se deve ao ganho de produtividade, decorrente do ciclo bienal da cultura, potencializado por produções menores do que o esperado nas duas últimas safras e ao incremento significativo da área de café em produção na ordem de 7,4%, resultante da incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): Apesar do leve aumento na área em produção, a produção deve ser 7,03% menor do que a safra anterior, tendo em vista a bienalidade negativa das lavouras, a redução da área em produção e ao menor cres-

cimento das hastes e respectivos internódios, com redução do potencial produtivo dos cafezais das regiões mais baixas e quentes, onde o impacto do déficit hídrico acumulado dos últimos anos é mais visível.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): redução de área e produtividade refletem numa produção inferior à safra anterior em 2,7%. A produtividade na presente safra foi influenciada negativamente em virtude dos fatores climáticos adversos.

Espírito Santo (9,5 milhões de sacas)

A perspectiva de queda de produtividade no estado (6,6%) refletem numa safra 11,6% inferior a 2015. As lavouras de conilon foram as mais afetadas pelos problemas climáticos (seca, alta temperatura, má distribuição de chuva, insolação). As consequências da seca levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas nas lavouras e desacelerar o programa de renovação de suas plantações.

São Paulo (5,5 milhões de sacas)

Área, produtividade e produção superior à safra passada, numa safra de bienalidade positiva, clima favorável, entrada de pés novos em produção, aumento nos tratamentos culturais e retorno vigoroso, com forte produção, daquelas plantas que tiveram poda/recepa na safra anterior.

Bahia (2,6 milhões de sacas)

Cerrado: produção próxima à safra anterior. Altas temperaturas em novembro de 2015 provocou abortamento de flores, escaldadura das folhas do cafeeiro e má formação dos grãos.

Planalto: estimativa de recuperação da produtividade nesta safra, tendo em vista o impacto da estiagem na formação de grãos na safra passada.

Atlântico: forte incremento de área e manutenção na produtividade refletem numa produção 10% superior à safra anterior. Nessa região, em função da estiagem e ataque de pragas, ocorreu a má formação do fruto, frutos leves e pequenos.

Rondônia (1,6 milhão de sacas)

Expectativa de queda na produção em função da queda na produtividade. A redução da produtividade decorre principalmente da falta de chuvas ocorridas em agosto e setembro na época da florada, prejudicando o pegamento. Nas áreas irrigadas ocorreram incidências de sol forte, calor intenso e altas temperaturas registradas durante outubro e novembro, prejudicaram a formação e também a queda dos chumbinhos.

Paraná (1,1 milhão de sacas)

Tendo em vista as geadas em 2013, houve provável inversão na bienalidade da cultura, sendo negativa para este ano, com produção superior a 1,1 milhão de sacas, mas inferior à safra 2015. A incorporação de lavouras podadas intencionalmente pelos produtores e que agora se somam à área produtiva explica o aumento de área.

Rio de Janeiro (326,6 mil sacas)

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, favorecem as lavouras que encontram-se bem enfolhadas, justificando os ganhos de área, produção e de produtividade em relação à safra passada.

Goiás (223,1 mil sacas)

Cultura irrigada com expectativa de recuperação de produtividade, tendo em vista o efeito das altas temperaturas na safra passada. As boas condições pluviométricas em janeiro e fevereiro também colaboraram para um bom desenvolvimento dos frutos, principalmente evitando temperaturas altas e grandes oscilações térmicas.

Mato Grosso (118,9 mil sacas)

A queda na área em produção e aumento na produtividade média para o estado reflete numa produção 7% inferior à safra passada. Mesmo com o regime de chuvas pouco favorável para a cultura neste ano, prevê-se aumento de 36,3% na produtividade do café em relação à safra anterior, justificado pelo fenômeno de bienalidade de produção de café.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), realiza quatro levantamentos a campo, ao longo do ano safra da cultura, como segue:

O primeiro levantamento ocorre em novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, acontecendo no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas, garantem boa uniformidade e qualidade dos grãos.

O segundo levantamento ocorre em maio, com divulgação em junho, no período pré-colheita, onde menos de 20% do café do país foram colhidos.

O terceiro levantamento, realizado em agosto e divulgado em setembro, ocorre no período de plena colheita no país, de março a outubro, todavia, é concentrada de maio a agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já ultrapassa 90% do total.

O quarto levantamento, realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês, é o último da safra e compreende o período pós-colheita, quando a colheita já foi finalizada e as estimativas são corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado objetivando permitir a elaboração de planejamentos estratégicos por toda a cadeia produ-

tiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira com muita dedicação. Na oportunidade a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados nos municípios dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Goiás), que correspondem acerca de 98,6% da produção nacional.





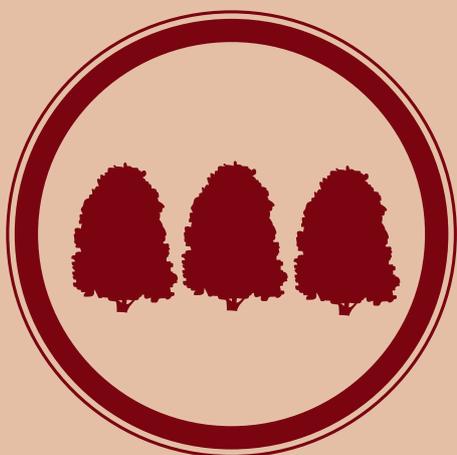
3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

3.1. ÁREA CULTIVADA

A área total plantada no país com a cultura de café (arábica e conilon) totaliza 2.209.097,7 hectares, é 1,8% menor do que 2015. Desse total, 267.043,1 hectares (12,1%) estão em formação e 1.942.054,6 hectares (87,9%) em produção.

A área plantada do café arábica no país soma 1.753.100,8 hectares, o que corresponde a 79,35% da área existente com lavouras de café. Neste segundo levantamento estima-se redução de 0,8% (13.818,9 hectares) em relação à safra anterior. Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, 1.180.617,8 hectares, correspondendo a 67,35% da área ocupada com café arábica, em âmbito nacional.

Para o café conilon o levantamento indica redução de 5,4% na área, estimada em 455.996,9 hectares. Desse total, 417.357,8 hectares estão em produção e 38.639,1 hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 286.371 hectares, seguido de Rondônia, com 94.561 hectares e logo após a Bahia, com 41.472,9 hectares.

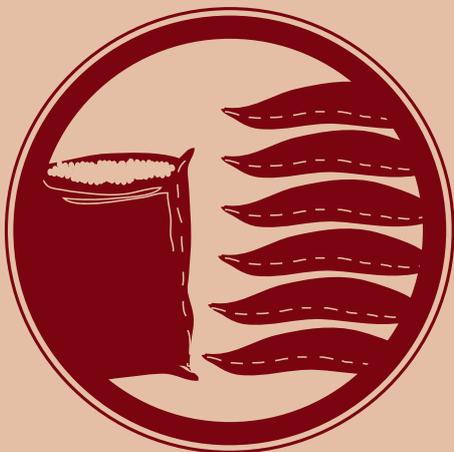


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Para a safra 2016, considerando as duas espécies (arábica e conilon), estima-se produtividade média de 25,58 sc/ha, equivalendo a um ganho de 13,7% em relação à safra passada. Com exceção do estado de Rondônia, região do Cerrado baiano, regiões da Zona da Mata e Norte de Minas, Espírito Santo e do Paraná, todos outros estados apresentam crescimento na produtividade.

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de biennialidade positiva, favorecem as lavouras e justificam os ganhos de produtividade na maioria dos estados. Os maiores ganhos são observados na região do Triângulo mineiro, com 49,1%, e em São Paulo, com crescimento de 33,6%.

O café conilon apresenta perda de 11% na produtividade. Os principais estados produtores apresentam redução. O Espírito Santo, com (16,5%), Rondônia (5,6%) e Minas Gerais (2,3%). Em Mato Grosso e Pará, observa-se ganhos.



5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A segunda estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2016 indica que o país deverá colher 49,7 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa um acréscimo de 14,9%, quando comparado com a produção de 43,24 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

O café arábica representa 81,1% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a nova safra, que é de ciclo de alta bienalidade, estima-se que sejam colhidas 40,3 milhões sacas. Tal resultado representa um acréscimo de 25,6%. Este acréscimo se deve, principalmente ao aumento de 44.886,5 hectares da área em produção, à incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação decorrente de podas realizadas, especialmente esqueletamentos e às condições climáticas mais favoráveis.

A produção do conilon representa 18,9% da produção total (arábica e conilon) de café do país, estimada em 9,4 milhões de sacas, representando redução de 16%. Este resultado se deve à redução de 5,6% na área em produção e, sobretudo, à seca e à má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos nos estádios de florescimento, formação e enchimento de grãos no Espírito Santo, maior produtor da espécie conilon. Em Rondônia, segundo maior produtor da espécie, também ocorreu estiagem nas fases críticas das lavouras. A quebra de produtividade neste estado foi amenizada pela entrada em produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior do que as áreas tradicionais.

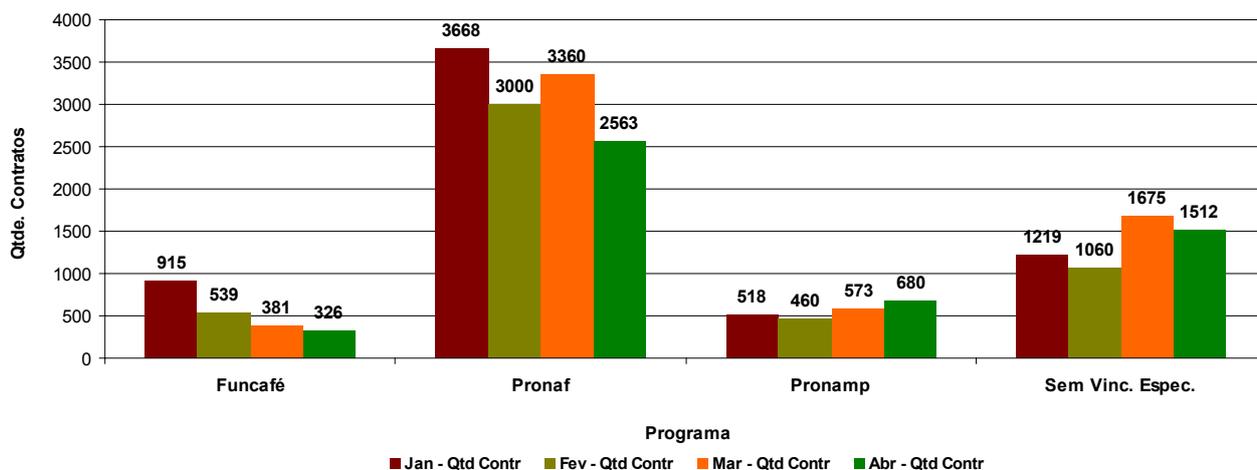


6. CRÉDITO RURAL

Para o aporte financeiro para a lavoura do café, o crédito rural disponibilizado pode ser observado sob dois distintos escopos. O primeiro deles faz referência à quantidade de contratos realizados e o segundo aos valores aportados.

Sob a ótica do número de contratos realizados entre janeiro e abril de 2016, pode-se observar na figura abaixo que, para os três distintos programas de créditos existentes para a cultura do café, Funcafé, Pronaf e Pronamp e; a disponibilização de crédito sem vínculo a programa específico há uma pequena tendência de queda, entre janeiro e abril, no número de contratos no Funcafé e Pronaf, enquanto para o Pronamp e a modalidade sem vínculo a programa específico, uma pequena ascensão no quantitativo de contratos realizados entre janeiro e abril de 2016.

Gráfico 1 - Crédito rural - Custeio do café - Janeiro a abril de 2016*

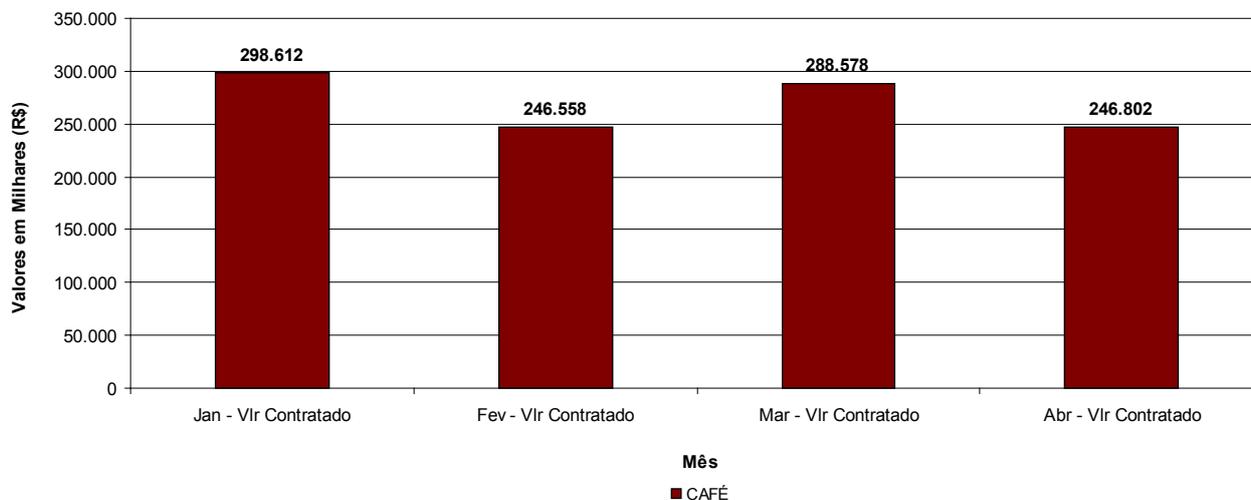


Fonte: Bacen; Conab;

Obs.:* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês.

Já pela ótica dos montantes aportados, a representação gráfica a seguir indica, também, tendência de queda entre janeiro e abril de 2016.

Gráfico 2- Total em valor contratado (janeiro a abril de 2016)*



Fonte: Bacen; Conab;

Obs.:* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

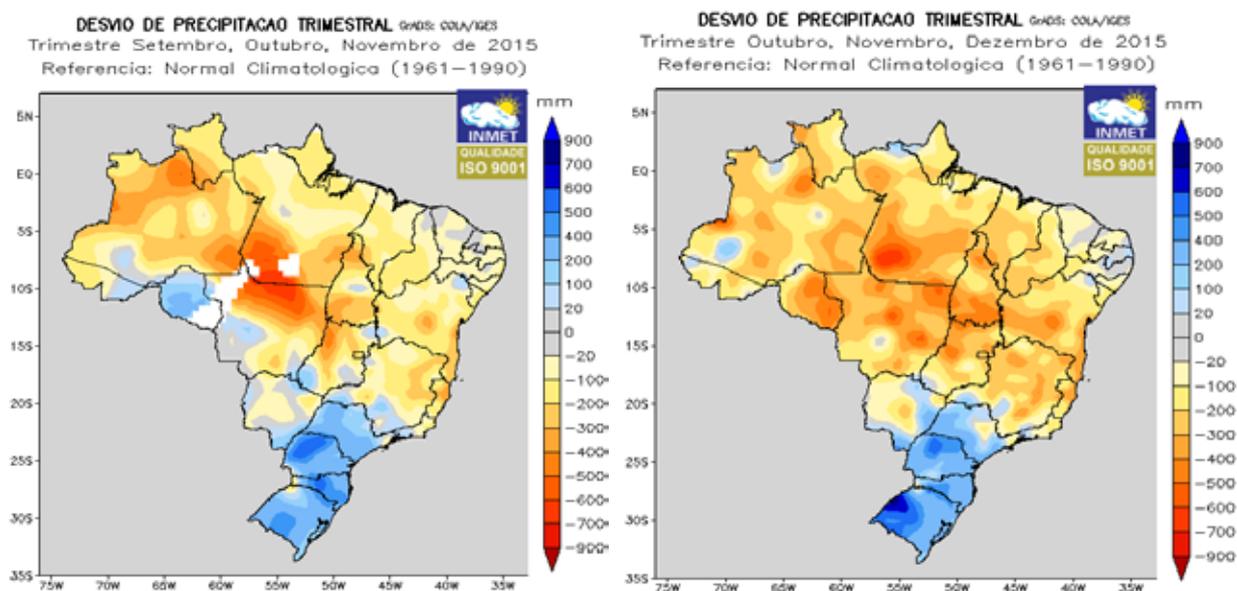
O monitoramento agrícola do café tem o objetivo de contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas, da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até o período do prognóstico climático dos próximos três meses. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são estimadas no monitoramento agrometeorológico.

1.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DE SETEMBRO/15 A ABRIL/16¹

De setembro a dezembro de 2015 (Figura 1) foi observado a condição de deficit pluviométrico sobre grande parte das Regiões Norte, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste do Brasil e superávit pluviométrico sobre a Região Sul, englobando parte de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Isto ocorreu devido à persistência de águas quentes sobre a área central do Pacífico Equatorial,

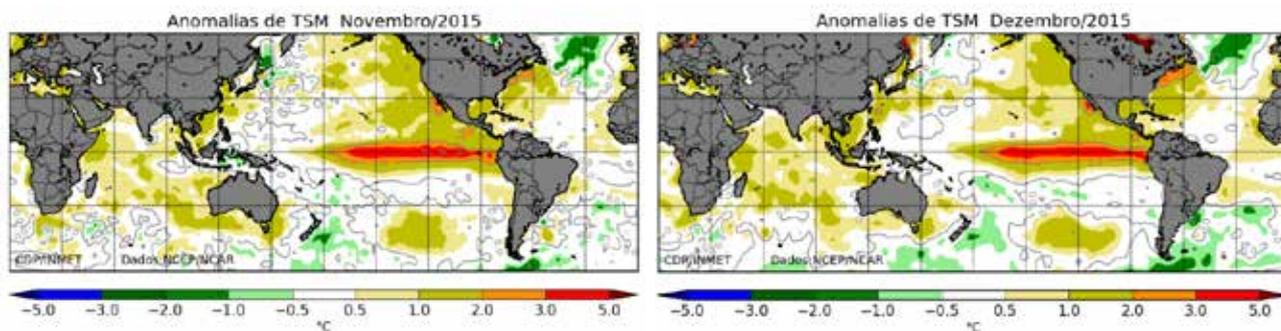
determinando a fase madura do fenômeno El Niño, principalmente em novembro e dezembro, em que os valores de anomalia de temperatura da superfície do mar (TSM) excederam 4° C na parte central e leste do Pacífico Equatorial (Figura 2).

Figura 1 – Precipitação acumulada (mm) nos trimestres de setembro a novembro e outubro a dezembro de 2015



Fonte: Inmet.

Figura 2 - Mapas das anomalias de TSM em novembro e dezembro de 2015



Fonte: CDP/Inmet.

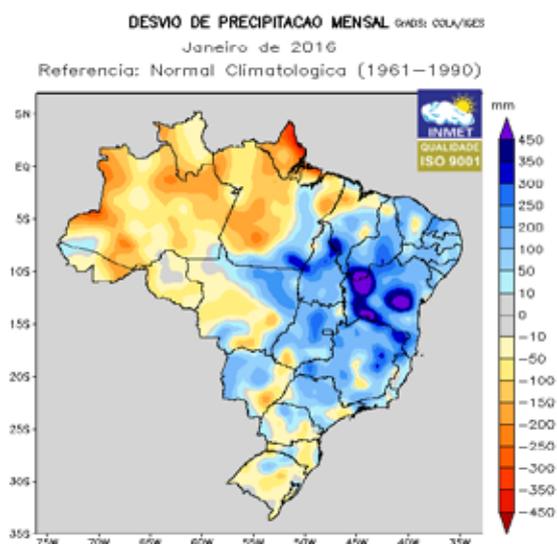
Em janeiro de 2016 (Figura 3) houve a atuação de oscilações atmosféricas intrassazonais, que contribuíram para inibir os efeitos do fenômeno El Niño, acarretando em uma mudança nos padrões de temperatura e precipitação, ou seja, diminuição das elevadas temperaturas e aumento da precipitação sobre as Regiões

Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Aliado a isto, a atuação dos vórtices ciclônicos em altos níveis (VCAN) da atmosfera, sobre a Região Nordeste, contribuiu para um aumento na precipitação muito acima da média sobre essas regiões, principalmente no oeste da Bahia.

1- Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília, Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista CDP-INMET-Brasília



Figura 3 – Precipitação acumulada (mm) em janeiro de 2016

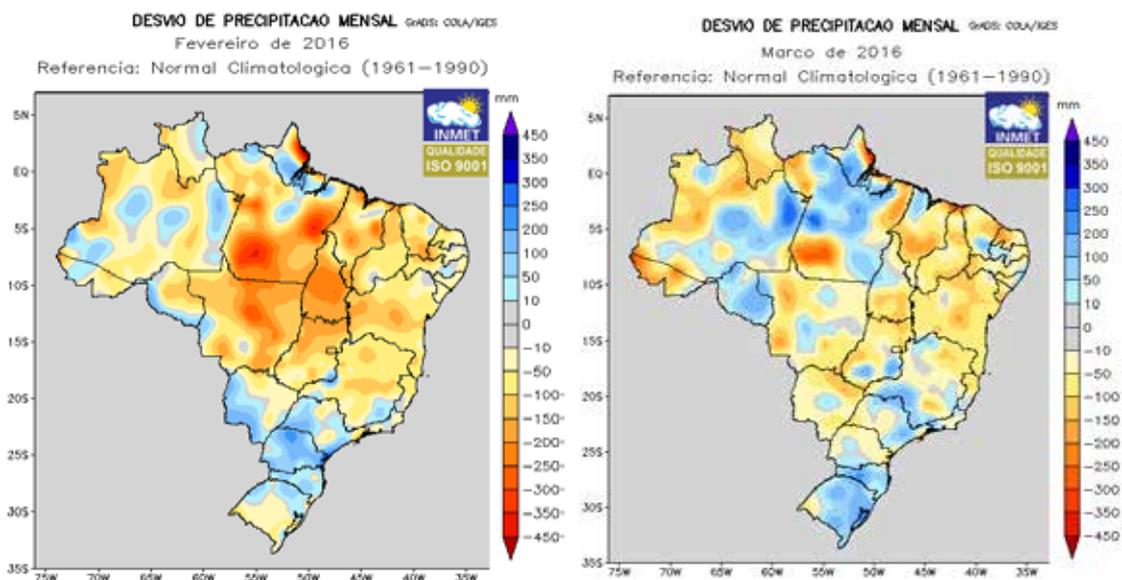


Fonte: Inmet.

Em fevereiro e março deste ano (Figura 4), a distribuição espacial de chuvas voltou a apresentar um padrão típico associado ao fenômeno El Niño-Oscilação Sul (ENOS), com excesso de chuva na maior parte da Região Sul e déficit pluviométrico no semiárido nordestino. Porém, na maior parte das regiões Centro-Oeste e Sudeste as chuvas foram bastante irregulares. Des-

ta forma, as anomalias positivas de TSM excederam 3°C na região equatorial do Oceano Pacífico (região do Niño 3.4) em janeiro de 2016, enquanto declinaram a valores inferiores a 2°C próximo à costa oeste da América do Sul em fevereiro de 2016 (Figura 5), indicando que haveria um lento enfraquecimento das condições de El Niño ao longo dos próximos meses.

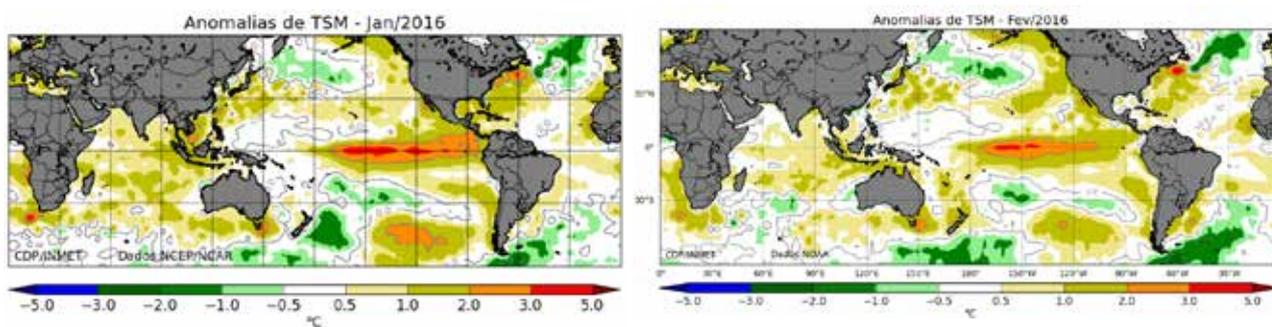
Figura 4 – Precipitação acumulada (mm) em fevereiro e março de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 5 – Mapas das anomalias de TSM em janeiro e fevereiro de 2016

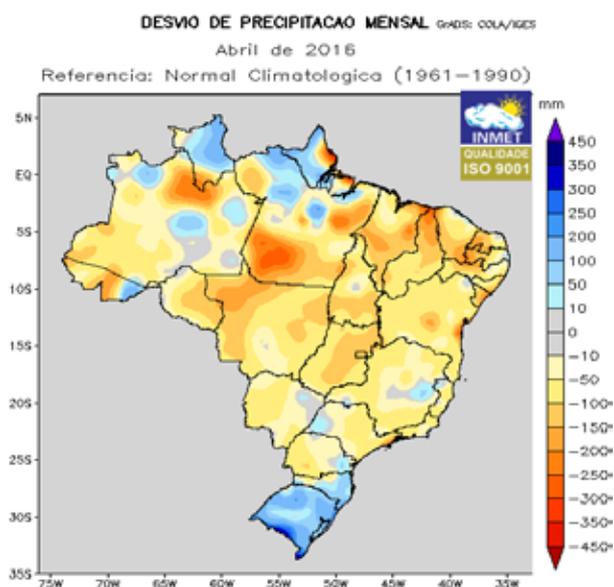


Fonte: CDP/Inmet.

Em abril (Figura 6), as chuvas acima da média ocorreram no extremo norte da Região Norte, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Na maior parte do país, as chuvas foram abaixo da média. Isto ocorreu devido à intensificação do sistema alta pressão subtropical do Atlântico Sul (ASAS), que antecipou o fim da estação

chuvosa na maior parte da área central do Brasil. Por exemplo, nas capitais Goiânia e Brasília, locais que normalmente chove em torno de 120 mm em abril e houve o registro de chuva de 1,3 e 10,8 mm, respectivamente.

Figura 6 – Precipitação acumulada (mm) em abril de 2016



Fonte: Inmet.

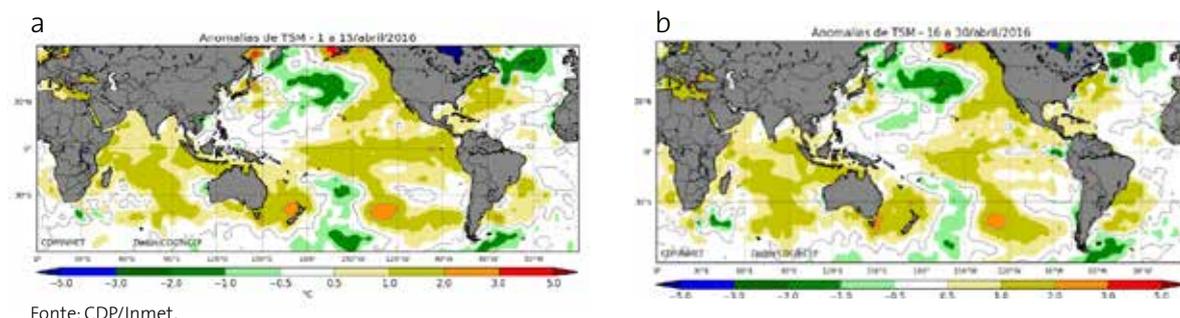
O declínio do fenômeno El Niño está ocorrendo no Pacífico Equatorial, especialmente na área adjacente à costa da América do Sul (na região conhecida como Niño 1+2), em que ao longo das últimas semanas passou a apresentar uma anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) negativa. As anomalias positivas de TSM entre 1 e 2° C estiveram presentes em toda extensão do oceano Pacífico Equatorial durante a primeira quinzena de abril (Figura 7a), enquanto que na segunda quinzena houve a formação de uma

pequena porção de águas mais frias, com desvios da ordem de 2° C abaixo da média próximo à costa da América do Sul (Figura 7b).

A maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate Society), indicam que condições do El Niño continuarão enfraquecendo durante o resto do outono (Gráfico 3), com provável término no final do inverno, havendo posteriormente chances de haver o desenvolvimento de um La Niña (resfriamento das águas do Pacífico Equatorial).

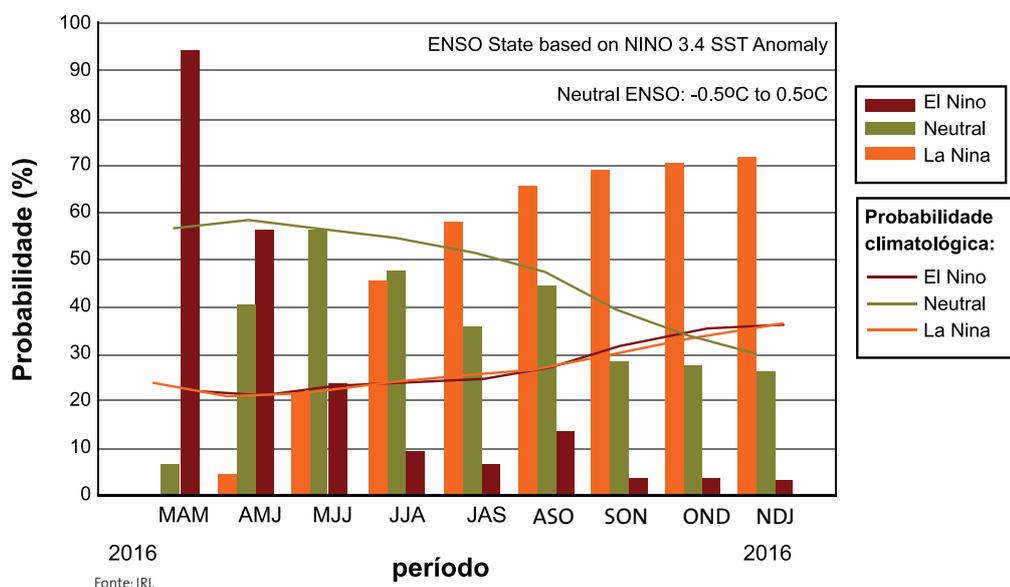


Figura 7 - Mapas das anomalias de TSM na: (a) primeira e (b) segunda quinzenas de abril/2016



Fonte: CDP/Inmet.

Gráfico 3 - Previsão probabilística de El Niño



Fonte: IRI.

1.2. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE MAIO-JUNHO-JULHO DE 2016²

Os mapas do modelo climático estatístico do INMET (Figura 8) indicam que nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste predominam as áreas com maior probabilidade de os totais pluviométricos no trimestre maio-junho-julho/2016 ocorrerem na categoria dentro da faixa normal ou acima da média, exceto no oeste de Goiás e sudoeste do Mato Grosso. Observa-se que o mapa de anomalias previstas de precipitação não apresenta desvios muito acentuados, tanto nas áreas acima quanto abaixo da média. Contudo, no início do trimestre devem predominar chuvas sobre a região Sudeste, exceto no noroeste de Minas Gerais.

Na Região Sul, as probabilidades indicam que devem prevalecer as áreas com totais acima da média do trimestre, principalmente no noroeste do Rio Grande do

Sul e oeste de Santa Catarina, onde as chuvas podem exceder entre 200 e 300 mm acima da média.

Para Rondônia a previsão indica maior probabilidade de os totais pluviométricos no trimestre ficarem acima ou dentro da faixa normal climatológica.

As previsões de temperatura média indicam uma forte probabilidade de que as temperaturas apresentem desvios positivos em relação à média do período em todo o Brasil, com desvios mais acentuados no centro-norte do país (Figura 9). No Rio Grande do Sul, oeste de Mato Grosso do Sul e Paraná e parte de Santa Catarina, a tendência de maio a julho é o predomínio de temperaturas médias dentro do padrão climatológico. Nesta época do ano é muito comum ocorrer entrada

2- Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília, Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista CDP-INMET-Brasília



de massas de ar, porém com o enfraquecimento do El Niño, podem ocorrer dias com declínios significativos de temperatura e ocorrência de geadas mais intensas com relação ao ano passado, em que presenciamos

um inverno atípico nesta região.

Figura 8 – Previsão climática de precipitação (probabilidades e anomalias) de maio, junho e julho/2016

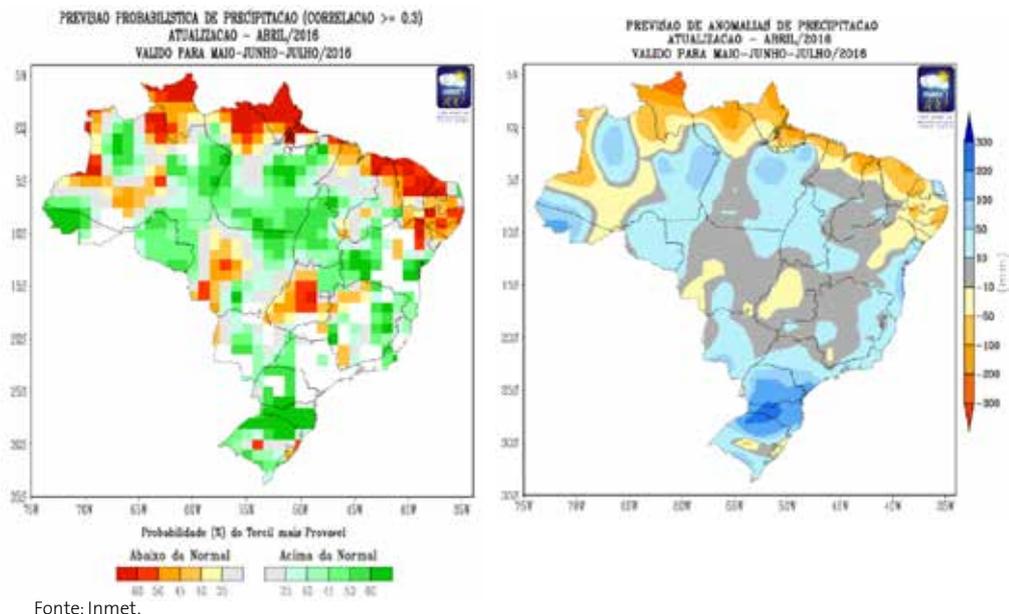
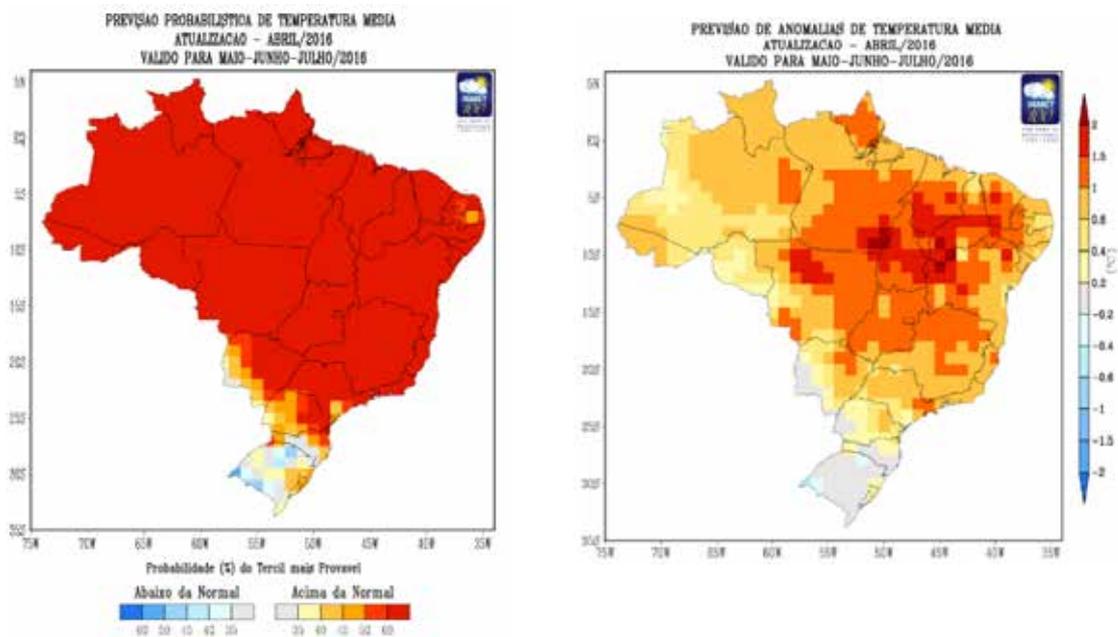


Figura 9 – Previsão climática de temperatura média (probabilidades e anomalias) de maio, junho e julho/2016



1.3. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a temperatura. Para os principais estados produtores, foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou ex-

cesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;

- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, e/ou, por baixas ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção

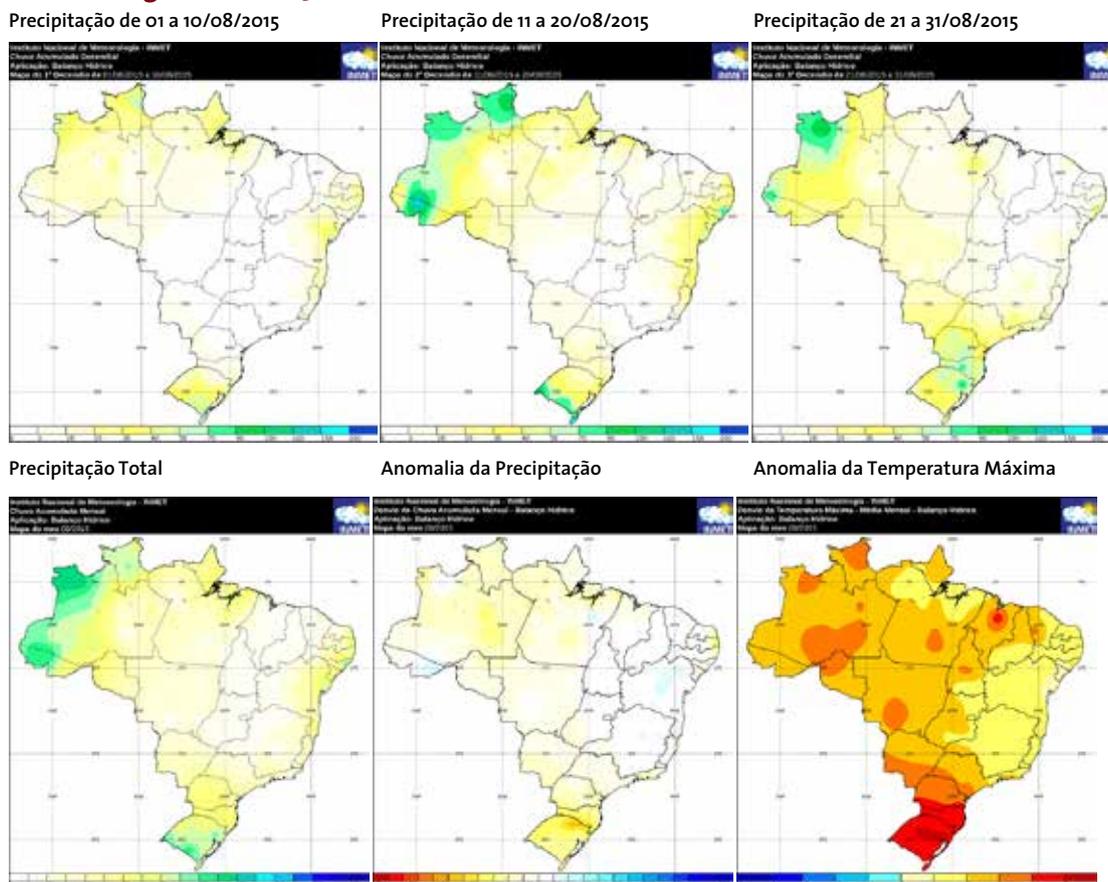
Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

	Baixa restrição falta de chuva		Alta restrição falta de chuva		Média restrição excesso de chuva		Baixa restrição temperaturas baixas		Alta restrição temperaturas baixas
	Média restrição falta de chuva		Baixa restrição excesso de chuva		Alta restrição excesso de chuva		Média restrição temperaturas baixas		Favorável

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento do café, que analisa a safra 2016 no período de agosto/15 a abril/16.

Os resultados desse monitoramento são apresentados nos capítulos referentes aos estados.

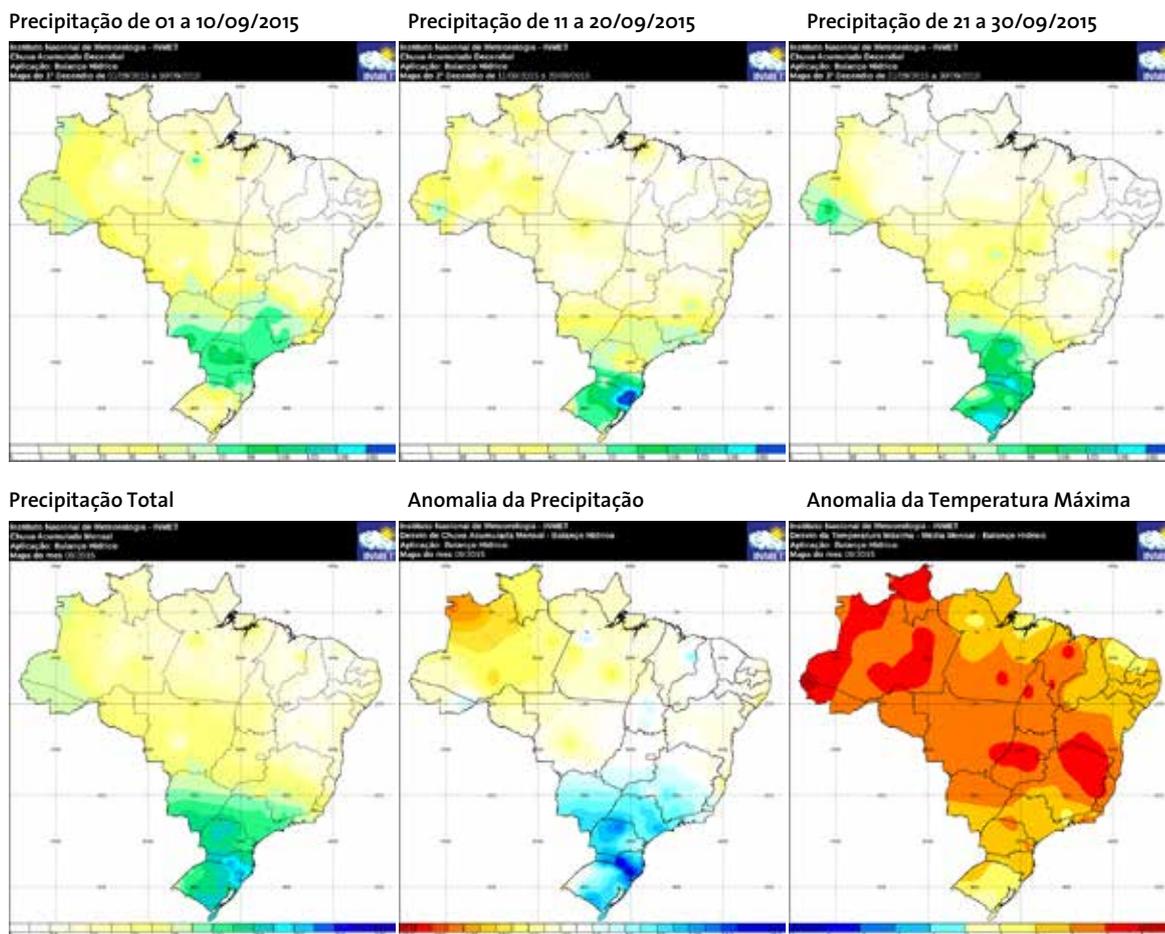
Figura 10 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em agosto de 2015



Fonte: Inmet.

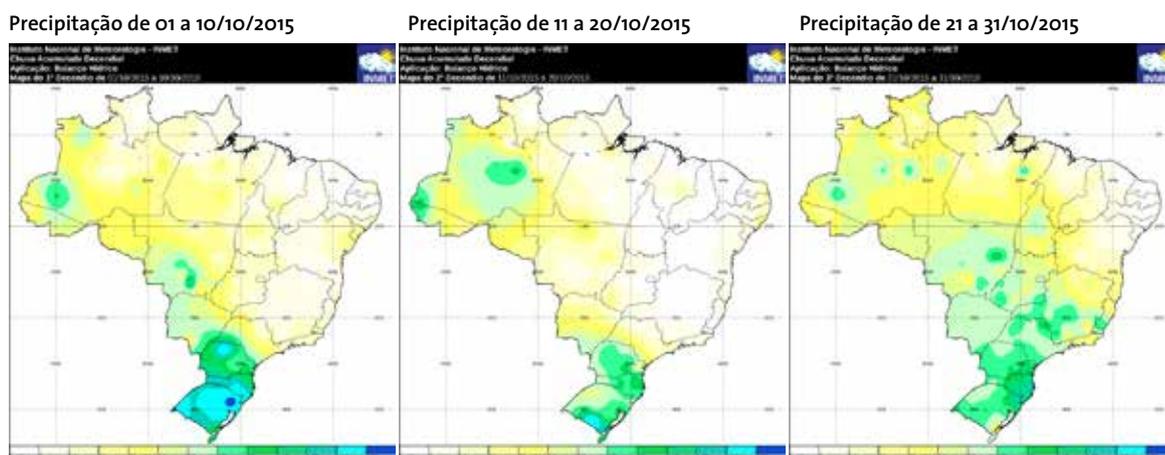


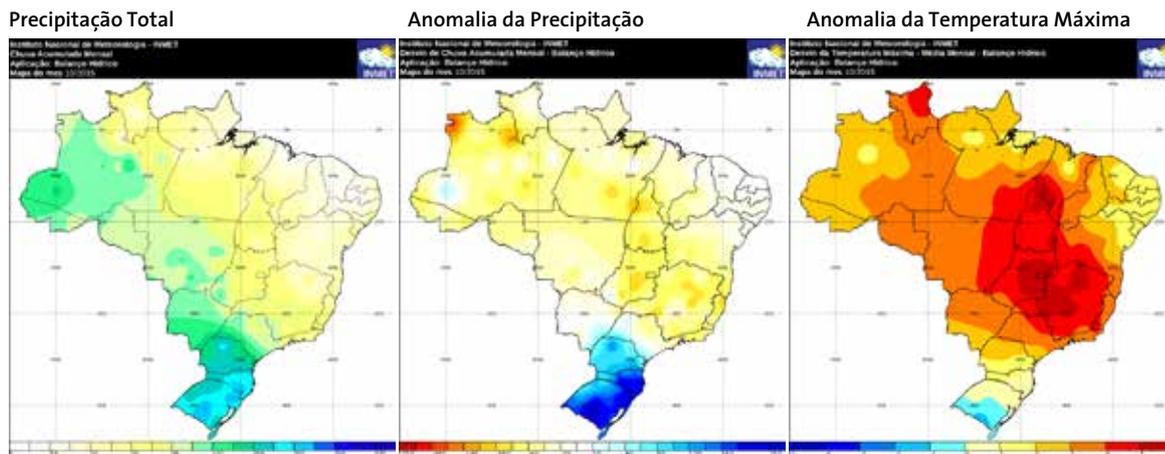
Figura 11 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em setembro de 2015



Fonte: Inmet.

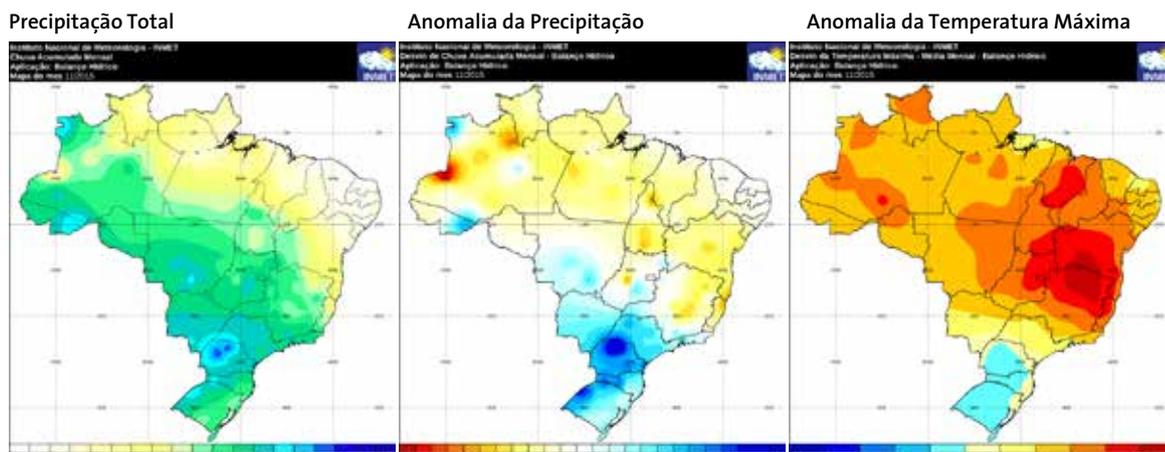
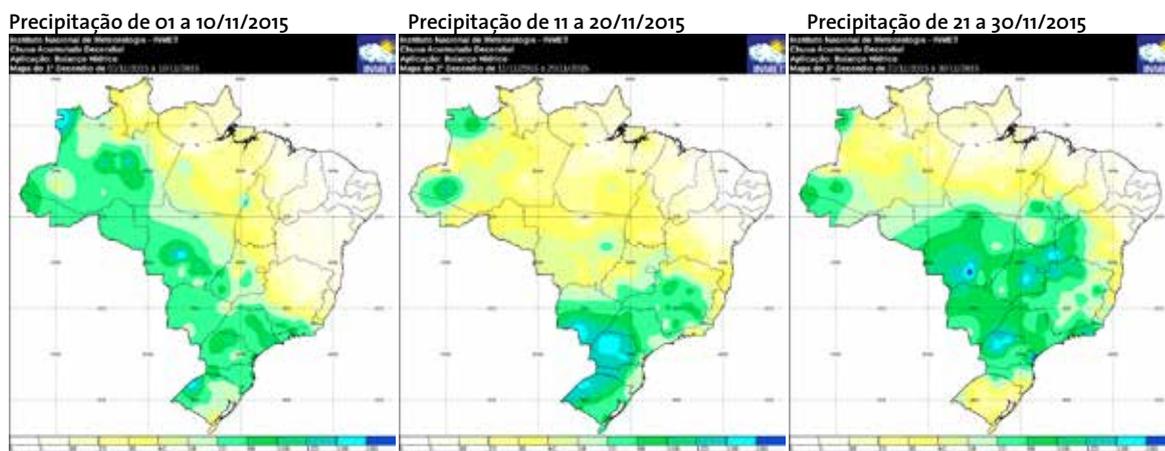
Figura 12 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em outubro de 2015





Fonte: Inmet.

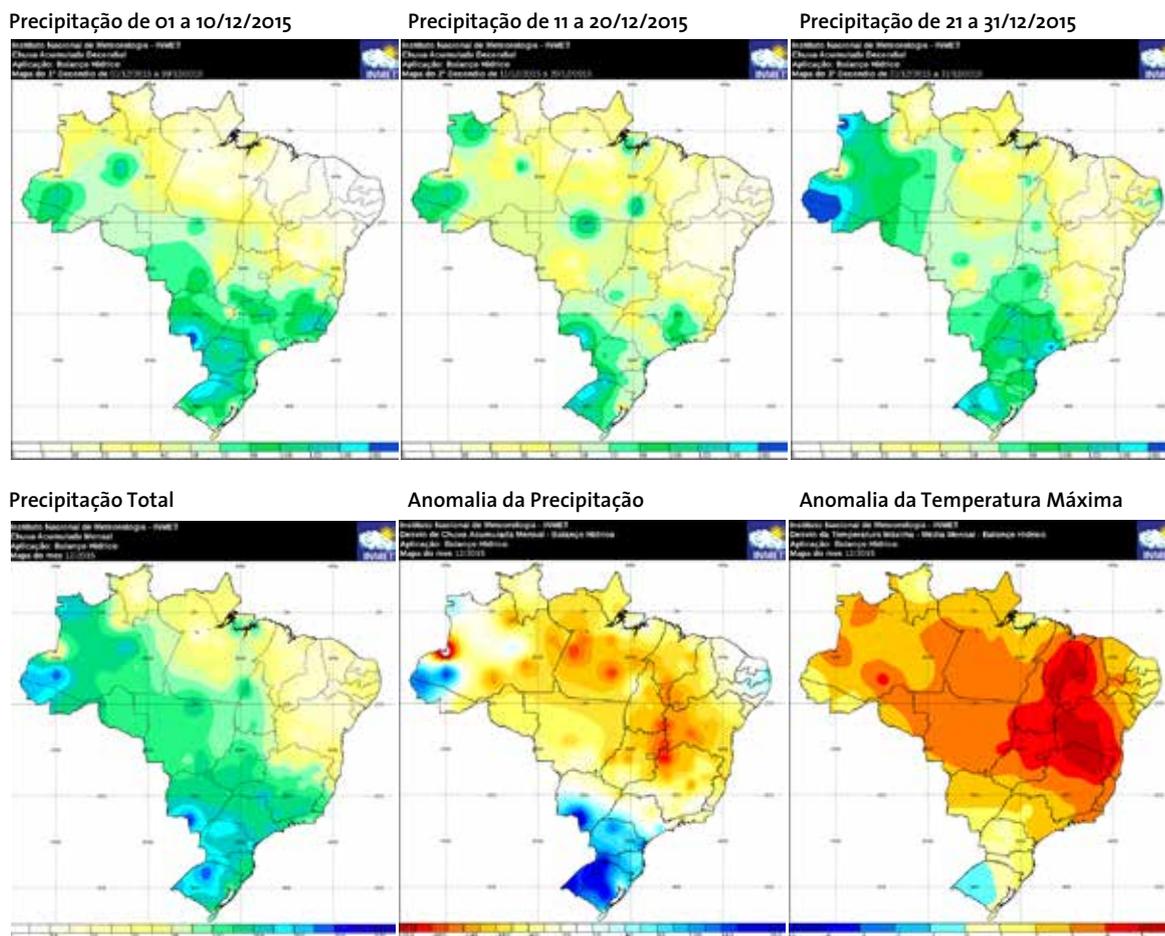
Figura 13 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em novembro de 2015



Fonte: Inmet.

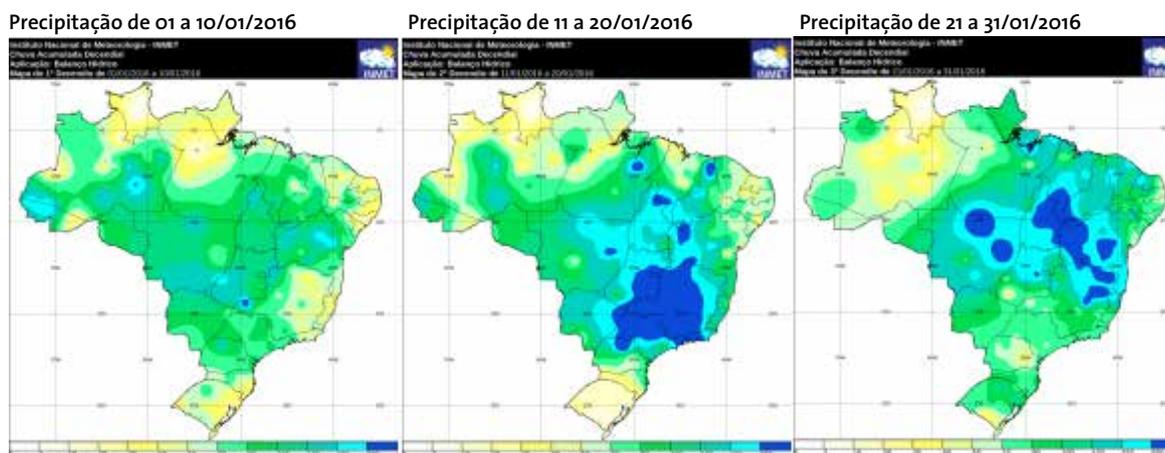


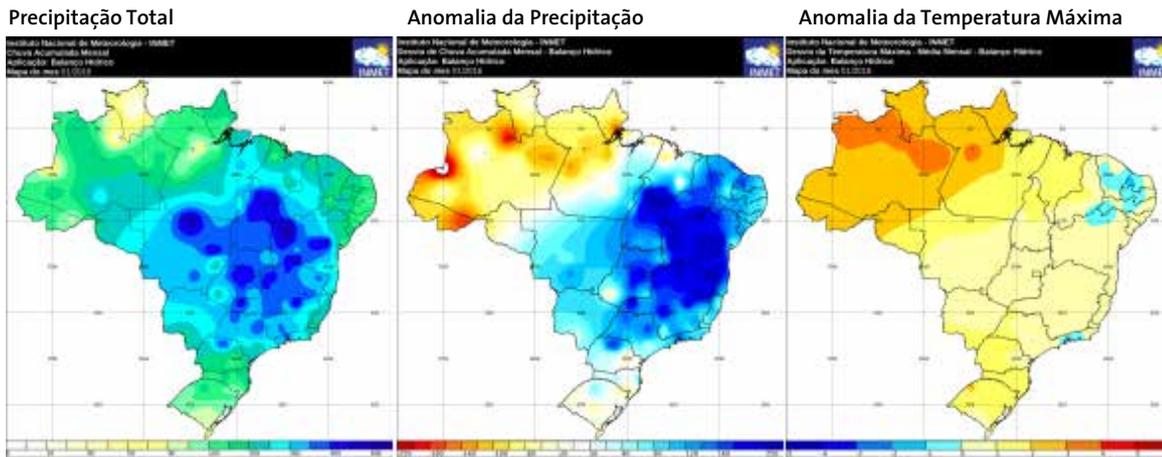
Figura 14 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em dezembro de 2015



Fonte: Inmet.

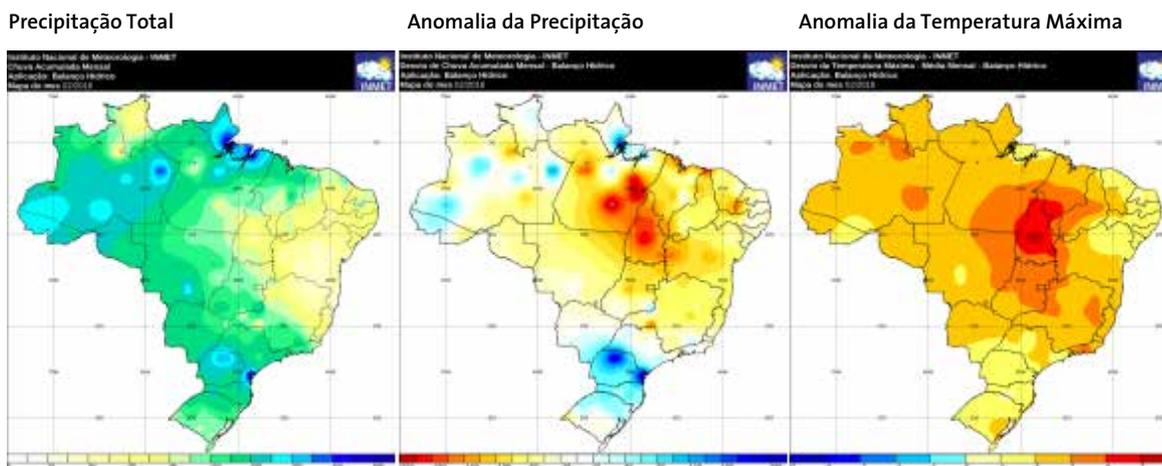
Figura 15 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em janeiro de 2016





Fonte: Inmet.

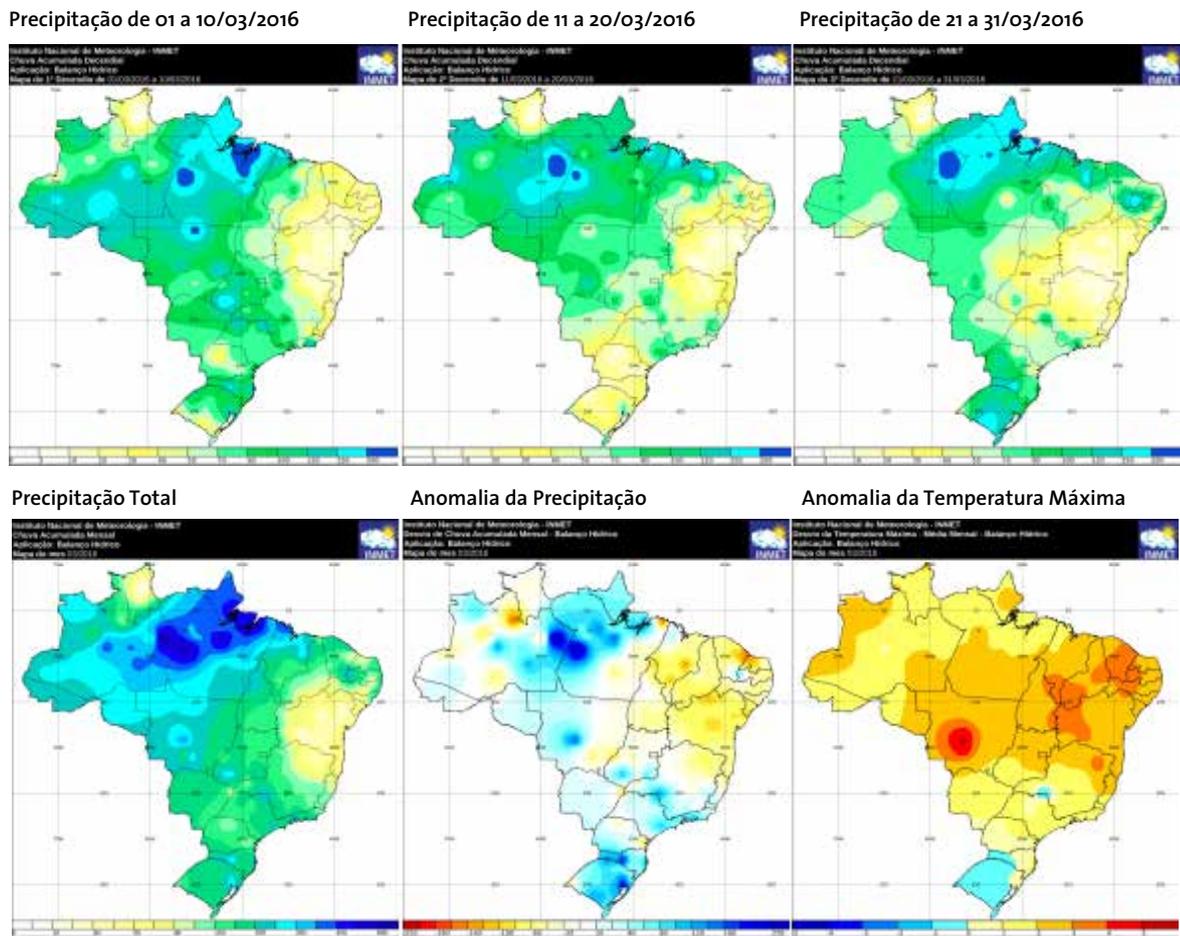
Figura 16 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em fevereiro de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 17 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em março de 2016

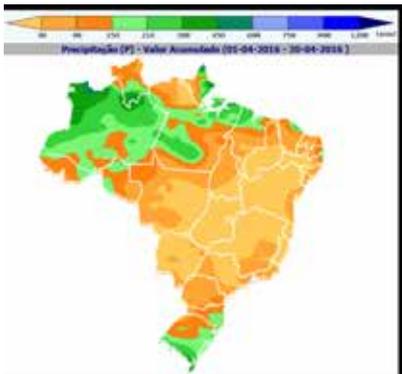


Fonte: Inmet.

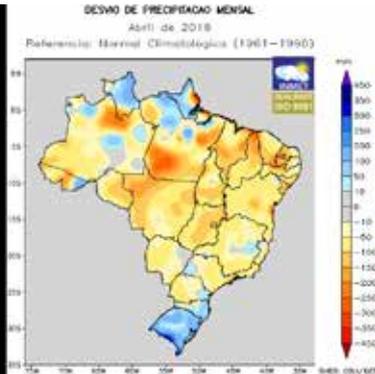
Figura 18 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e de temperaturas médias em abril de 2016



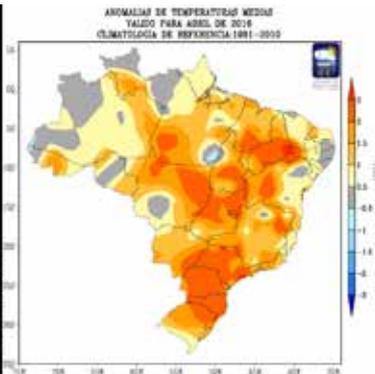
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



Anomalia da Temperaturas Médias



Fonte: Sisdagro/Inmet.





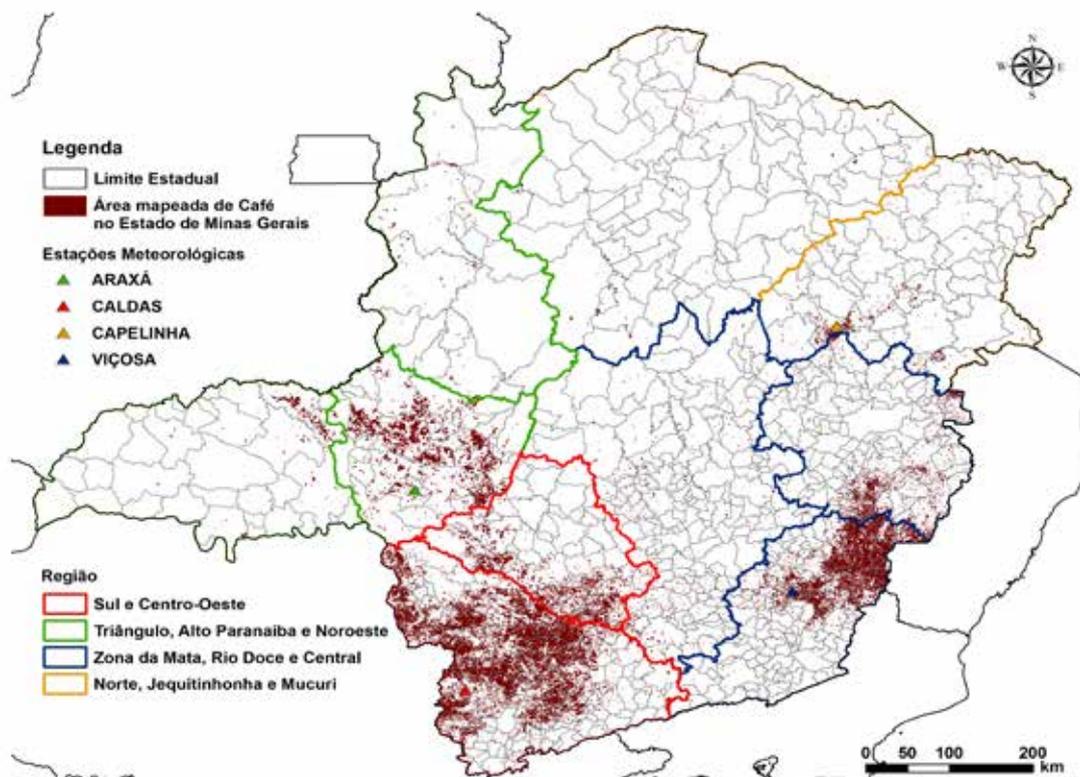
8. AVALIAÇÃO POR ESTADO

8.1. MINAS GERAIS

8.1.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos do café em Minas Gerais. O mais atual é apresentado abaixo com a respectiva divisão das regiões produtoras de café do estado e a localização de estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Figura 19 - Mapeamento do café em Minas Gerais



As floradas da safra 2016 em importantes regiões produtoras foram favorecidas por chuvas em setembro (Figura 11), principalmente na região do Sul de Minas, onde ocorreram com maior intensidade. No entanto, em outubro (Figura 12), em todas as regiões produtoras do estado, condições climáticas caracterizadas por altas temperaturas e precipitação abaixo da média resultaram em restrições no pegamento e ocorrência de novas floradas.

O cenário modificou-se em novembro (Figura 13), com chuvas favoráveis às lavouras das regiões do Sul de Minas e do Cerrado Mineiro. Nas outras regiões produtoras, a irregularidade da precipitação, com chuvas escassas no primeiro decêndio resultou em baixa restrição.

Em todas as regiões produtoras, em dezembro e, principalmente, em janeiro (Figuras 15 e 16 e Gráficos 4 a

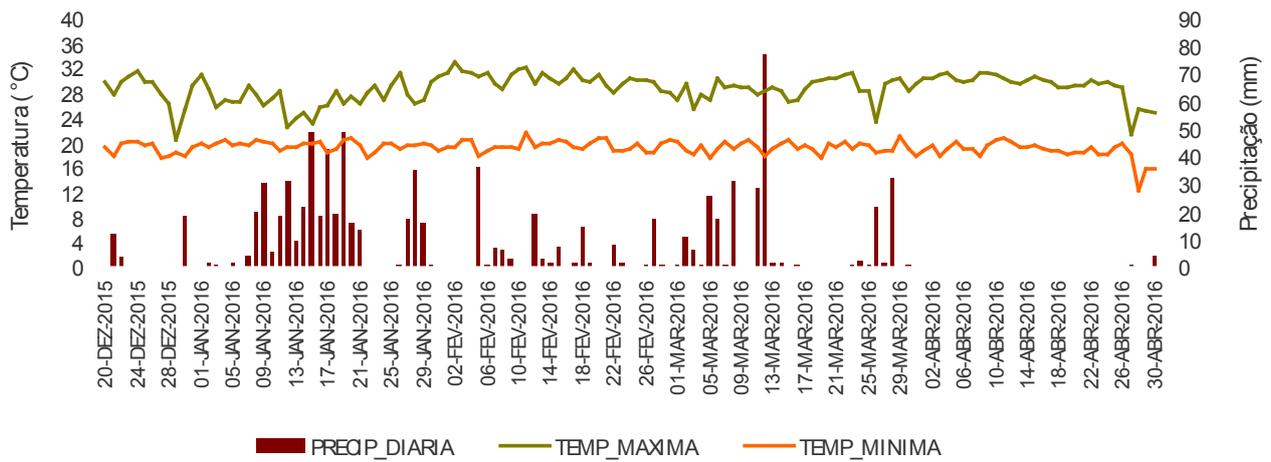
7), que apresentou chuvas bem acima da média, as condições climáticas foram benéficas. Em fevereiro (Figura 16 e Gráficos 4 a 7) houve restrições por falta de chuva nas regiões produtoras do Rio Doce, Norte, Jequitinhonha e Mucuri. Nessas três últimas regiões citadas, em março (Figura 17 e Gráficos 4 a 7), a condição climática não se alterou, com impactos às lavouras.

Em abril (Figura 18 e Gráficos 4 a 7), em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação dos frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

No Quadro 1 verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Minas Gerais.

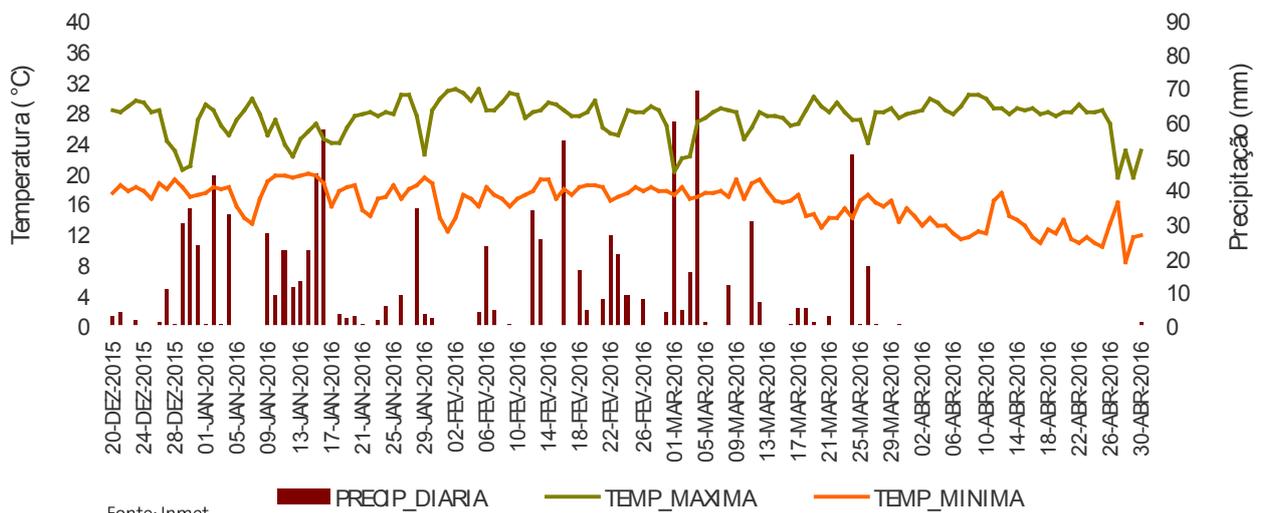


Gráfico 4 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Araxá



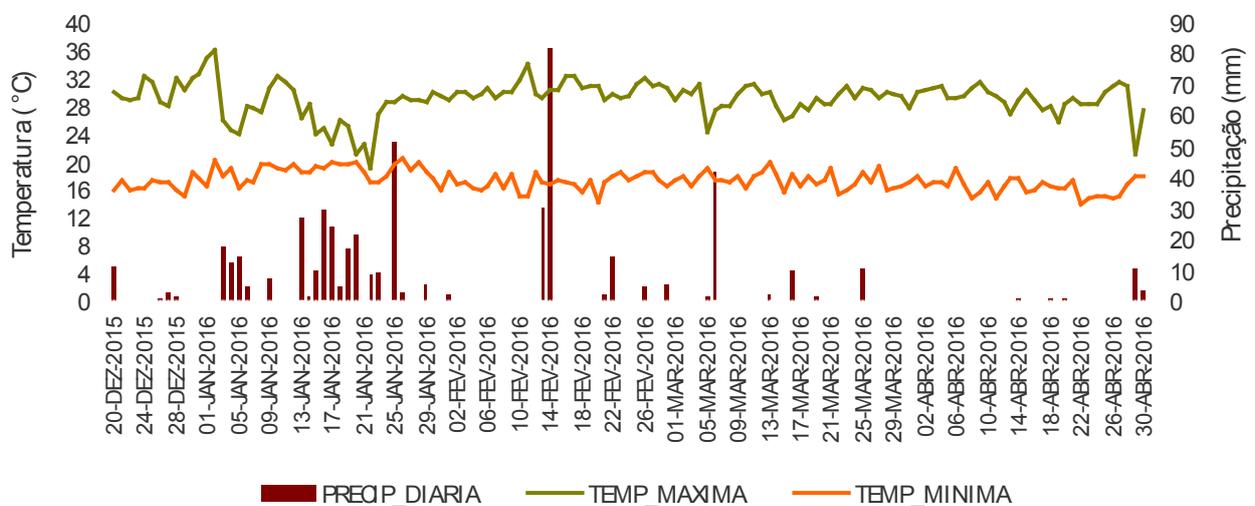
Fonte: Inmet.

Gráfico 5 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Caldas



Fonte: Inmet

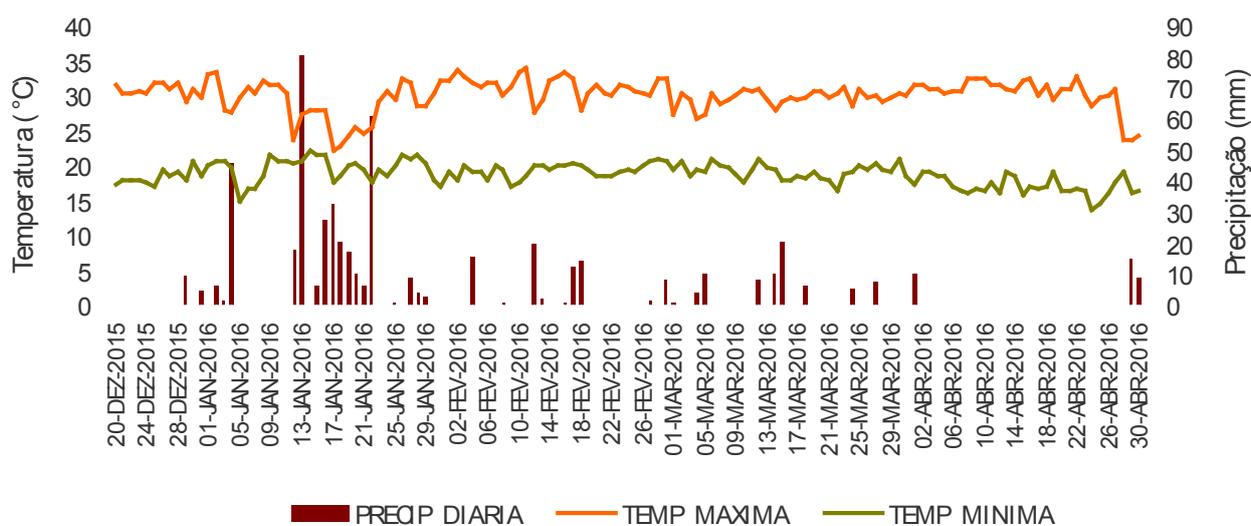
Gráfico 6 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Capelinha



Fonte: Inmet



Gráfico 7 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Viçosa



Fonte: Inmet.

Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

		Minas Gerais												
Ano		2015				2016								
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Feb	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	F	F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paraíba e Noroeste)	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central		F	CH	EF	EF	GF**	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri		F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce, houve condição desfavorável.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

8.1.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Na maioria das regiões produtoras de café no estado, com exceção da região do Norte de Minas/Jequitinhonha e Mucuri, as condições climáticas vigentes no período compreendido entre fevereiro e maio de 2015, com a retomada das chuvas, favoreceram o desenvolvimento de ramos produtivos e criaram boas expectativas com relação à produção da safra 2016.

Choveu bem no início de setembro, favorecendo uma primeira e principal florada, seguiu-se período de 30 a 40 dias de estiagem, causando algum abortamento, e voltou a chover a partir do final de outubro, concorrendo para uma segunda boa florada.

Em novembro transcorreu com precipitações boas, regulares, acompanhadas de temperaturas ainda bastante elevadas, e já em dezembro houve uma maior alternância de períodos de chuva e sol.

A ocorrência de chuvas fortes e contínuas na primeira quinzena de janeiro de 2016 acabou dificultando e atrasando os procedimentos de controle de pragas e doenças.

A alternância de períodos de chuva e sol retornou a partir de meados de janeiro, em toda a região, criando condições favoráveis para o enchimento dos grãos.

O período de 30 a 40 dias de estiagem e altas temperaturas que se seguiu, do final de março ao final de abril, chegou a criar alguma apreensão com relação ao desenvolvimento das lavouras mais novas, mas acredita-se que não deva impactar a produtividade esperada das áreas em fase de produção, visto que os grãos já se encontravam bem formados e granados.

Chuvas esparsas a partir do final de abril, concorrendo



para acelerar a maturação final dos grãos e para pre-

servar as boas condições das lavouras.

8.1.3. SITUAÇÃO DA LAVOURA

O clima vem se mostrando favorável para a cafeicultura nesta safra 2016. As chuvas, ocorridas no último trimestre de 2014 e ao longo de quase todo o primeiro semestre de 2015, concorreram para a recuperação das lavouras e para o crescimento dos ramos produtivos.

Geralmente ocorrem duas floradas principais, a primeira e maior por volta do início de setembro, com bom pegamento, apesar de algum abortamento decorrente da estiagem no período pós-florada, e a segunda em final de outubro ou início de novembro.

As condições climáticas se mostraram favoráveis também no 1º trimestre de 2016, com a ocorrência de chuvas no período crítico de enchimento de grãos e acredita-se que a forte estiagem ocorrida ao longo de abril não chegue a comprometer a produtividade das lavouras, visto que os grãos já se encontravam bem formados e granados.

Em que pese a alta dos preços dos insumos, grande parte dos produtores procurou manter os tratamentos culturais dentro da normalidade, adubando e fazendo aplicações de fungicida e inseticida de solo, em face dos preços de mercado do café e da expectativa de crescimento da produção em 2016, visando o incremento

da renda e a quitação de eventuais débitos pendentes devido à frustração das últimas duas safras.

As ocorrências de bicho mineiro no período mais quente e seco foram bem controladas e não têm havido relatos de problemas mais sérios com broca. Têm sido frequentes, no entanto, os relatos de problemas com cercóspora, notadamente nos frutos e de ácaro da leprose, bem como de ferrugem na presente safra. Ocorrência, também, de escaldaduras em folhas e frutos de café.

De modo geral, as lavouras estão bem enfolhadas e carregadas, com destaque para as esqueletadas na safra anterior e para as que apresentaram carga mais baixa em 2015, mas mesmo as lavouras que estavam mais sentidas têm mostrado uma boa recuperação.

As lavouras se encontram predominantemente em fase de maturação, apenas um pequeno percentual já iniciou colheita. A maturação está um pouco mais uniforme este ano, e os grãos mais graúdos, com expectativa de melhor renda e maior percentual de peneira alta. A ocorrência de chuvas nestes últimos dias tem favorecido o processo de maturação, não havendo previsão de invernada que possa trazer prejuízos à colheita e à qualidade do produto.

8.1.4. ÁREA E PRODUÇÃO

A produção de café de Minas Gerais está estimada em 28.499.721 sacas na safra 2016, sendo 28.181.288 sacas de café arábica e 318.433 sacas de café conilon. A variação percentual é de 2,61% para mais ou para menos, com intervalo de produção entre 27.756.289 sacas e 29.243.153 sacas.

A área total de café em produção deve totalizar 1.008.039 hectares, superior em 4,04% em comparação à safra passada e a produtividade média do estado está estimada em 28,27 scs/ha, 22,82% acima do resultado obtido na safra 2015. A área em produção de café conillon está estimada em 12.928 hectares.

Em comparação com a safra 2015, o resultado do presente levantamento sinaliza um crescimento da produção cafeeira de Minas Gerais em 27,78%, pautada principalmente na expansão projetada para as regiões do Cerrado Mineiro e Sul de Minas. Para a região da Zona da Mata, que apresenta bienalidade invertida com relação ao estado, a estimativa é de redução da produção de 7,03% em relação a 2015.

Região do Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste) – A produção estimada para a safra 2016 na região Sul de Minas é de 14.939.705 sacas de café, resultado que sinaliza um crescimento de 38,22% em relação à safra 2015, que fechou em 10.808.279 sacas, e 38,28% superior à safra 2014, que foi de 10.803.693 sacas.

O clima favorável foi o fator de maior impacto no aumento da produção da safra 2015/16. Após dois anos consecutivos de instabilidade climática nas regiões cafeeiras, a safra de café 2016, cuja colheita inicia-se em maio, será beneficiada pela regularidade do clima em toda a região produtora. As precipitações registradas nas diversas estações meteorológicas espalhadas pela região, comprovam um volume de chuvas acima da média histórica. O déficit hídrico existente até meados do ano anterior se transformou num excedente hídrico em todos os municípios pesquisados. Segundo avaliação dos técnicos entrevistados, as chuvas foram bem distribuídas, com volumes satisfatórios em todas as fases de desenvolvimento das lavouras. Este cenário contribuiu para que as plantas absorvessem



plenamente os nutrientes aplicados, tornando-as saudáveis e produtivas. A consequência imediata é um aumento expressivo de produção, com expectativa de um excelente rendimento.

Além das chuvas, a temperatura também se manteve dentro da média, com exceção do mês de abril, onde observou-se um aumento de, pelo menos, um grau na média. Todavia, segundo os técnicos, neste período os grãos já estavam totalmente formados.

Neste início de colheita, os dias estão ensolarados, com temperaturas amenas, condições ideais para o período de colheita.

As lavouras estão com excelente aspecto foliar e produtivo. As boas condições climáticas foram suficientes para estimular o enfolhamento e o crescimento de ramos. O crescimento de nós por ramos está acima da média. Todavia, o Boletim de Avisos Sanitários da Fundação Procafé de Varginha, emitiu alerta para um aumento significativo de infestação por ferrugem, neste período. Técnicos avaliam que a doença deverá ser controlada com aplicação de defensivos específicos. As demais doenças e pragas são consideradas de baixa intensidade e totalmente sob controle, sem riscos de comprometimento das lavouras.

O clima favorável permitiu que os frutos se desenvolvesse plenamente, com grãos bem formados, peanhas altas e certamente, pela maturação uniforme, terão poucos defeitos, prenunciando produção de boa qualidade.

A colheita está sendo iniciada agora e vem ocorrendo em pequena escala, devendo ser intensificada a partir de Junho.

Região do Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste) – A segunda estimativa de produção de café na região do cerrado mineiro para a safra 2015/16, é de 6.780.685 sacas de 60 quilos, o que representa um aumento de 60,2%, comparativamente à safra anterior. A produtividade média apresentou um incremento de 49,1%, passando de 24,81 scs/ha em 2015, para 36,99 scs/ha em 2016. A área de café em produção teve um acréscimo de 7,4% em relação à safra passada. A área total de café na região do cerrado mineiro está estimada em 208.458 hectares, sendo 183.273 hectares em produção e 25.205 hectares em formação e renovação. O aumento estimado para a produção de café na safra 2015/16, se deve ao ganho de produtividade, decorrente do ciclo bienal da cultura, potencializado por produções menores do que o esperado, principalmente, nas duas últimas safras, decorrente de condições climáticas desfavoráveis e ao incremento significativo da área de café em produ-

ção na ordem de 7,4%, resultante da incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação, decorrente de podas realizadas, especialmente esqueletamentos. As primeiras chuvas, após a estação seca, ocorreram na primeira quinzena de setembro, em volumes significativos, favorecendo a primeira e é a mais representativa das floradas.

Entretanto, o período compreendido entre meados de setembro até o terceiro decêndio de outubro foi seco e quente. No final de outubro e início de novembro as pancadas de chuva foram recorrentes na região, propiciando o surgimento de uma segunda florada de menor intensidade. No período compreendido entre novembro até meados de março, as chuvas, embora com alguma irregularidade na distribuição, tornaram-se frequentes na região, favorecendo a formação e o desenvolvimento dos grãos, que, segundo as expectativas, deverá influenciar positivamente na renda do café no ato do beneficiamento, devido à obtenção de grãos mais graúdos, ou seja, será necessário menos café da lavoura para a obtenção de um saco de café beneficiado, ao contrário do registrado na última safra, em que a renda no beneficiamento foi severamente comprometida pelas intempéries climáticas. Dessa forma, espera-se para a região do cerrado mineiro, pelas razões já expostas, uma safra recorde e de excelente qualidade, caso o tempo permaneça favorável no decorrer da colheita. A escassez de chuva registrada a partir de meados de março e que se estendeu ao longo de abril, não deverá trazer prejuízos significativos para a colheita na safra atual, considerando que a formação dos grãos já estava praticamente assegurada. No entanto, cabe destacar que o recente período de estiagem aliado a altas temperaturas favoreceu a infestação por bicho mineiro e teve impactos negativos, principalmente, sobre as lavouras novas e já causando alguma escaldadura em lavouras adultas.

A colheita na safra atual deverá iniciar-se em maio, neste ano mais adiantada em torno de 15 a 20 dias em relação a anos anteriores, devido ao tempo seco e quente e se estender até de setembro.

Região da Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central) - A produção de café estimada para a safra 2016 é de 6.144.961 sacas. Os levantamentos de campo apontam para redução da produção em 7,03% quando comparada com a safra anterior. A área em produção está estimada em 269.484 hectares, decréscimo de 6,2% em relação à safra 2015. A produtividade média está estimada em 22,8 scs/ha, 0,9% menor em comparação com a safra passada. A redução da produção deve-se à bienalidade negativa das lavouras, à redução da área em produção, já que parte das lavouras precisou ser reformada após ano de alta produção em 2015 (renovação, podas, substituição) e ao menor



crescimento das hastes e respectivos internódios, com redução do potencial produtivo dos cafezais das regiões mais baixas e quentes, onde o impacto do déficit hídrico acumulado dos últimos anos é mais visível.

As chuvas de verão tiveram início em meados de setembro e se estenderam de forma irregular até a segunda quinzena de novembro em praticamente todos os municípios da Zona da Mata Mineira e região do Rio Doce. Ainda que irregulares estas chuvas reduziram o déficit hídrico do solo e propiciaram a abertura de duas a três floradas nos cafezais da região, visto que as ocorridas em setembro e novembro foram as mais vigorosas. Condições climáticas favoráveis no período de dezembro de 2015 a março do corrente ano, caracterizadas por chuvas bem distribuídas e com intensidade dentro das médias regionais de pluviosidade, contribuíram para a boa granação dos frutos e bom desenvolvimento dos cafezais, confirmando as expectativas iniciais de boa carga produtiva para as lavouras na safra 2016. Entretanto, nos municípios pesquisados na região do Rio Doce, chuvas escassas e mal distribuídas em fevereiro durante a granação dos frutos podem prejudicar a renda no beneficiamento. A partir de meados de março até o final de abril, forte estiagem acompanhada de altas temperaturas e alta insolação provocaram queima de ponteiros e murchamento de frutos em lavouras localizadas em regiões mais baixas e quentes, podendo comprometer o desenvolvimento vegetativo das lavouras, com possíveis impactos para a próxima safra.

Ressaltamos que a intensidade das floradas e por consequência, a carga das lavouras para a safra 2016 é menor na maior parte dos municípios visitados, quando comparadas com a safra passada, uma vez que a safra que ora se desenha é considerada de bialidade baixa na região, em condição inversa às demais regiões produtoras de café do estado. De maneira geral, as lavouras apresentam boas condições vegetativas e nutricionais, sem sinais de infestação de pragas ou doenças de maior relevância, indicando boas perspectivas para a produção da safra 2016. Tal condição reflete o retorno das chuvas e a retomada dos tratamentos culturais das lavouras, incentivados pela manutenção dos preços do café em patamares relativamente remuneradores nos últimos três anos. Todavia, a escassez de chuvas e elevadas temperaturas em alguns dos municípios visitados propiciou o aparecimento de doenças e inviabilizou a realização da terceira adubação, reduzindo o aproveitamento dos nutrientes pelas plantas com possíveis prejuízos ao seu desenvolvimento. Os cafeicultores já iniciaram os trabalhos de arruação das lavouras e manutenção dos carregadores com vistas ao início da colheita prevista para meados de maio.

Regiões Norte de Minas e Jequitinhonha/Mucuri (Norte de Minas Jequitinhonha e Mucuri) - A produção de café nesta região do estado está estimada em 634.370 sacas, que representa variação negativa de 2,74% em relação à safra 2015.

A área em produção permanece praticamente estável em relação a 2015, com variação percentual negativa de apenas 1,84%, decorrente de podas realizadas, contabilizando 32.240 hectares na safra atual. A área total de café está estimada em 35.986 hectares, visto que 3.215 hectares se encontra em formação.

O ano agrícola de 2016, assim como no ano anterior, iniciou-se com atraso da temporada de chuvas nas regiões Norte de Minas, no Jequitinhonha e no Mucuri. As chuvas tardias verificadas até o início do inverno de 2015 provocaram boas expectativas quanto a recuperação das lavouras, que foram castigadas pelas reduzidas precipitações ocorridas durante quase todo o verão daquele ano. Em outubro passado praticamente não houve precipitações, caracterizando-se por elevadas temperaturas e apreensão do setor. Somente a partir de meados de novembro a situação começou a se desfazer no do início e regularização das chuvas. Essas precipitações levaram a indução de boas floradas em algumas localidades e suficientes para garantir o seu vingamento, sem, no entanto, reestabelecer a confiança dos agricultores naquelas regiões onde estão localizadas as lavouras de café de sequeiro. Em algumas localidades era possível verificar lavouras em condições de regular a ruins, com plantas apresentando evidências de ponteiros secos e folhagem com sinais de escaldadura, lembrando que compõem o roteiro municípios onde predominam as lavouras irrigadas, como é o caso de Ninheira, Rio Pardo de Minas, Taiobeira, Turmalina e Várzea da Palma. No final de novembro houve precipitações bastante satisfatórias, entretanto, durante o segundo levantamento, os registros de baixas precipitações predominam em praticamente todas as regiões compreendidas pelo roteiro. De maneira geral, ocorreram chuvas até janeiro, quando houve precipitações elevadas em curto período, uma vez que nos meses seguintes o quadro foi de estiagem em praticamente todos os municípios. No final de abril houve poucas e esparsas precipitações e que em nada concorrerão para a elevação do rendimento das lavouras. Já nas lavouras irrigadas o que se observa é uma redução drástica na irrigação, chegando a situações extremas, como registrado no município de Taiobeira, onde do total de 755 hectares de lavouras em produção, 305 hectares deixaram de ser irrigados e deixarão de produzir. Dessa forma podemos concluir que a produtividade na presente safra deverá ser influenciada negativamente em virtude dos fatores climáticos adversos.



8.1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as estimativas de produção da safra 2016 sejam passíveis de ajustes, considerando que a colheita ainda é apenas incipiente, as condições climáticas vigentes até agora na maior parte do estado permitem avançar nas expectativas de bons resultados para a produção de café.

Além de fatores relacionados com a questão da biennialidade, os técnicos consultados são unânimes em afirmar que as condições climáticas favoráveis foram o principal motivo para o expressivo aumento da safra mineira.

Também devemos levar em consideração que os produtores de café vêm se adequando às novas exigên-

cias do mercado, com a adoção de novas técnicas de manejo e com utilização racional de insumos e máquinas modernas no sentido de melhorar a produtividade e minimizar os custos de produção.

Com relação à qualidade da safra de café 2016 também há boas expectativas, visto que a maturação está mais uniforme, os grãos estão mais graúdos e tem aumentado a preocupação dos produtores com os cuidados e manejo no pós-colheita.

A colheita está apenas iniciando e estima-se que será colhida durante maio cerca de 5% da área em produção, com os trabalhos se intensificando a partir de junho.

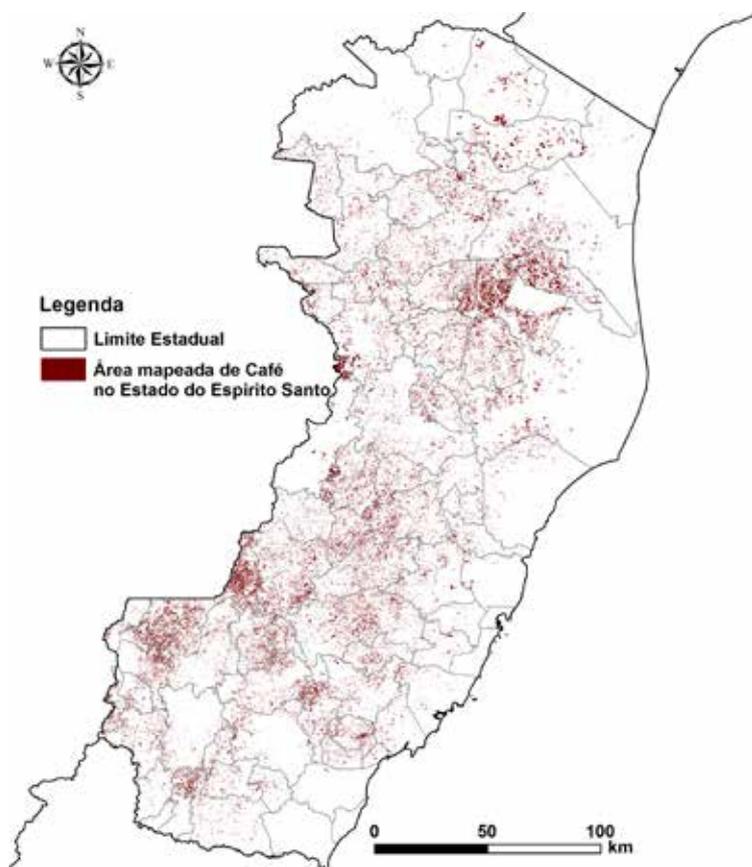
8.2. ESPÍRITO SANTO

8.2.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Estado do Espírito Santo, o mapeamento é apresentado

abaixo.

Figura 20 – Mapeamento do café no Estado do Espírito Santo



No sul do estado, onde há maior concentração de lavouras de café arábica, a floração da safra 2016 foi favorecida pelos volumes de chuva que ocorreram, principalmente, no primeiro e segundo decêndios de setembro (Figura 11). No entanto, houve restrições para o pegamento das floradas e desenvolvimento dos frutos em função das chuvas abaixo da média e altas temperaturas em outubro e novembro (Figuras 12 e 13).

De dezembro a março (Figuras 14 a 17), com exceção de fevereiro, nessa região do estado, embora com chuvas irregulares verificada entre os decêndios, houve condições suficientes para o desenvolvimento da safra.

Em abril (Figura 18), as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação dos frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

No norte do estado, onde há maior concentração do café conilon, as condições climáticas foram mais desfavoráveis em relação à região sul do estado. A diferença foi que, ao contrário do sul, em setembro, dezembro e março (Figuras 11, 14 e 17), houve menor volume de precipitação, resultando em restrições às lavouras em granação dos frutos. Já, em abril (Figura 18), as chuvas escassas também favoreceram as lavouras em maturação e início de colheita.

O impacto na produtividade, pelas condições adversas do clima, foi menor em lavouras irrigadas, que estão concentradas na região norte. No entanto, as perdas poderiam ser ainda menores caso houvesse maior disponibilidade de água nos mananciais e as anomalias de temperatura máxima não fossem tão altas.

Nos Quadros 2 e 3 verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Espírito Santo.

Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Conilon**														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--

Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Arábica**														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	E

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região sul

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva
---	--

8.2.2. ASPECTOS GERAIS

Os dados para a segunda estimativa da safra de 2016 no Espírito Santo foram levantados no período de 20 de abril a 10 de maio de 2016. Como resultado desse trabalho verifica-se que a produção na segunda estimativa de safra cafeeira de 2016 no Espírito Santo será de 9.455 mil sacas. Desse quantitativo, 3.502 (37,04%) mil sacas serão de café arábica e 5.953 (62,96%) mil sacas de café conilon. Esse total é oriunda de um par-

que cafeeiro em produção de 410.057 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 23,34 sc/ha para o café arábica e 22,89 sc/ha para o café conilon, resultando em uma produtividade estadual, ponderando café arábica e conilon, de 23,06 sc/ha.

Fazendo um paralelo entre a produção de 2015 e 2016 verifica-se o decréscimo de 11,64% na produção geral



do Espírito Santo, com acréscimo de 19,2% para o café arábica e decréscimo de 23,30% para o café conilon.

Registra-se que essa é a segunda estimativa de produção para a próxima safra. Atualmente os frutos nas lavouras encontram-se em fase de maturação, com menos da 10% da safra colhida. Em agosto de 2016 será realizado um novo levantamento para continuar avaliando se houve interferência do clima (efeito

8.2.3. CAFÉ ARÁBICA

Para a segunda estimativa de previsão de safra cafeeira 2016, a produção de café arábica do Espírito Santo foi estimada em 3.502 mil sacas, 19,2% superior à produção de 2015 que foi de 2.939 mil sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 150.025 hectares. A pesquisa indica produtividade média de 23,34 sc/ha.

O acréscimo para a produção de café arábica de 2016, deve-se aos seguintes fatores: adição de produtores no programa de renovação e revigoramento de lavouras, baixa produção por dois anos consecutivos, adequada florada e melhora de preços, principalmente para os cafés de melhor qualidade o que levou muitos produtores a cuidar melhor das plantações, sobretudo, das lavouras inseridas na região Serrana do estado.

As lavouras têm potencial para maior produção, devido à inserção cada vez maior dos cafeicultores ao Programa de Renovação e Revigoramento de Lavouras (Programa Renovar Café Arábica), com a utilização das boas práticas agrícolas. Mas os preços ainda baixos, principalmente para os cafés normais, levaram a

8.2.4. CAFÉ CONILON

Para a segunda previsão de estimativa de safra 2016 de café conilon, a produção foi estimada em 5.953 mil sacas, que representa decréscimo de 23,3% em relação à safra 2015. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 260.057 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 22,89 sc/ha.

As lavouras de café conilon no Espírito Santo vêm sendo renovadas e revigoradas na ordem de 7% a 8% ao ano, sobre novas bases tecnológicas, com variedades clonais mais produtivas, nutrição adequada, poda, manejo de pragas, doenças e irrigação. Como resultado, a produção do estado vem ininterruptamente crescendo na média de 5% ao ano. Essa sequência positiva de crescimento foi interrompida nos dois últimos anos por problemas climáticos (seca, má distribuição de chuvas, associado a altas temperaturas e insolação).

da precipitação pluviométrica, distribuição de chuvas, seca o/ou a alta temperatura) no enchimento e processo de maturação dos frutos (janeiro a abril). Na terceira estimativa verificar-se-á a interferência das condições climáticas no rendimento de beneficiamento do conilon, uma vez que mais de 90% desse café já tenha sido colhido e beneficiado.

muitos produtores a fazerem adubações e os tratos culturais aquém das recomendações técnicas.

Associado ao exposto, o deficit hídrico e a má distribuição de chuvas nos últimos dois anos na região sul/Caparaó, que corresponde a 40% do arábica do Espírito Santo, localizada entre 500 e 700 metros de altitudes, provocou interferências no crescimento da planta, floração, desenvolvimento dos frutos, e dificultou a realização das adubações, aplicação dos tratos culturais e fitossanitários. Como consequência provocará uma produção aquém do potencial das lavouras.

O parque cafeeiro de arábica capixaba encontra-se em média ainda envelhecido. Há necessidade de acelerar o processo de renovação. A dificuldade na renovação e revigoramento de lavouras, a realização adequada das adubações, dos tratos culturais e fitossanitários, deve-se ao fato da descapitalização dos cafeicultores, em função dos preços médios ainda baixos pago pelo café, que para muitos cafeicultores, está aquém do custo de produção, além da escassez e custo elevado da mão de obra.

O decréscimo significativo da produção de café conilon em 2015 e 2016 deve-se a seca e má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, interferiram no número e época das floradas, na fertilização das flores, no número e no desenvolvimento dos frutos, provocou a queda de folhas e de frutos em crescimento e prejudicou o desenvolvimento e vigor da planta. A falta de água nos mananciais (córregos, rios, represas) associada à normativa de proibição de irrigação durante o dia por falta de água, em todo o Espírito Santo, comprometeu a irrigação de 70% das lavouras do Espírito Santo que são irrigadas, além de provocar a redução de adubações, prejudicou os tratos culturais, promoveu maior incidência de ácaros vermelho, cochonilha da roseta e broca das hastes. Registra-se que as consequências dos problemas associados às mudanças climáticas ocorreu em todas



as regiões produtoras de café conilon, mas as maiores perdas foram em lavouras não irrigadas, com significativa diferenciação entre as regiões.

As lavouras apresentam capacidade de responder ainda mais à produção. Para tal, há necessidade de melhorar as estruturas para a reserva de água e melhorar o manejo de irrigação. As lavouras têm sido renovadas com variedades melhoradas e outras tecnologias associadas, que, com certeza, poderão contribuir para aumentar de forma significativa a produção e melhoria na qualidade final do produto do café conilon no

8.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lavouras de conilon foram as mais afetadas pelos problemas climáticos do Espírito Santo.

Como consequência dos problemas climáticos (seca, alta temperatura, má distribuição de chuva, insolação) dos últimos dois anos verificou-se a ruptura do aumento contínuo e progressivo, em média de 5% ao ano nas últimas duas décadas, da produção que vinha acontecendo com o café conilon do Espírito Santo.

As consequências da seca levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas nas lavouras e desacele-

rar o programa de renovação de suas plantações.

As condições climáticas, muito adversas nesses dois últimos anos, jamais vista na cafeicultura do conilon, por intermédio do aumento médio da temperatura média durante o dia de até 3 °C e redução média da precipitação pluviométrica entre 30 e 60% nas diferentes regiões e a deficiência de irrigação por falta de água, promoveram danos muitos significativos nas lavouras, com interferência muito expressiva nas produções e na qualidade nos anos de 2015, 2016, podendo se estender para 2017.

Os dados coletados de campo nas lavouras amostradas, para a realização dessa segunda estimativa de produção, foram na fase de pré-colheita do café. Melhor aferição dos resultados ocorrerá na terceira estimativa de safra a ser realizada agosto de 2016. Nessa época será melhor visualizado por intermédio do rendimento de beneficiamento os efeitos do clima (deficiência e má distribuição de chuvas, seca o/ou a alta temperatura) na formação e enchimento de grãos.

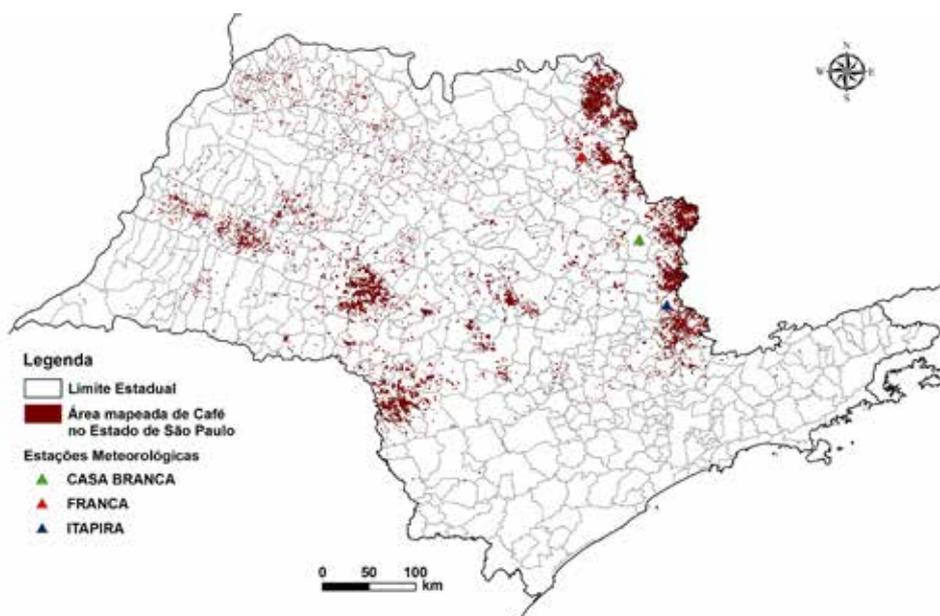
8.3. SÃO PAULO

8.3.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Em São Paulo foram realizados três mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização de

estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Figura 21 – Mapeamento do café em São Paulo



As floradas foram favorecidas por chuvas em setembro (Figura 11), principalmente ao sul do estado, onde ocorreram com maior intensidade. Em outubro (Figura 12), ao sul, com precipitações dentro ou acima da média, houve umidade suficiente para o pegamento das floradas. No entanto, ao norte, precipitações abaixo da média e altas temperaturas resultaram em restrições ao desenvolvimento da safra.

No período de novembro a março (Figuras 13 a 17 e Gráficos 8 a 10), em todas as regiões produtoras, o desenvolvimento das lavouras foi beneficiado por chuvas intensas e bem distribuídas, que favoreceram o

desenvolvimento dos frutos.

Em abril (Figura 18 e Gráficos 8 a 10), em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação de frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

No Quadro 4 verifica-se o monitoramento agrometeorológico em São Paulo.

Gráfico 8 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Itapira

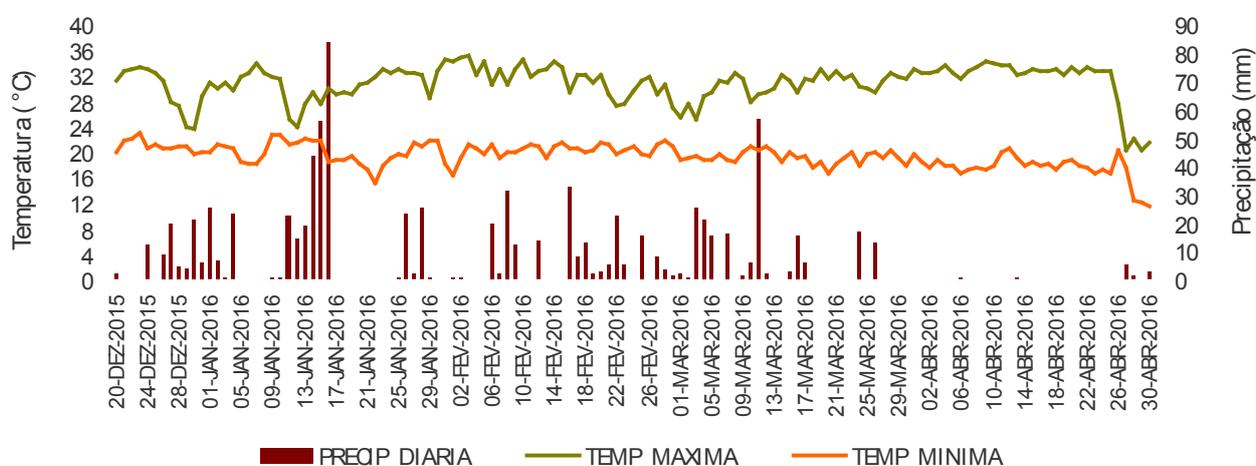


Gráfico 9 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Casa Branca

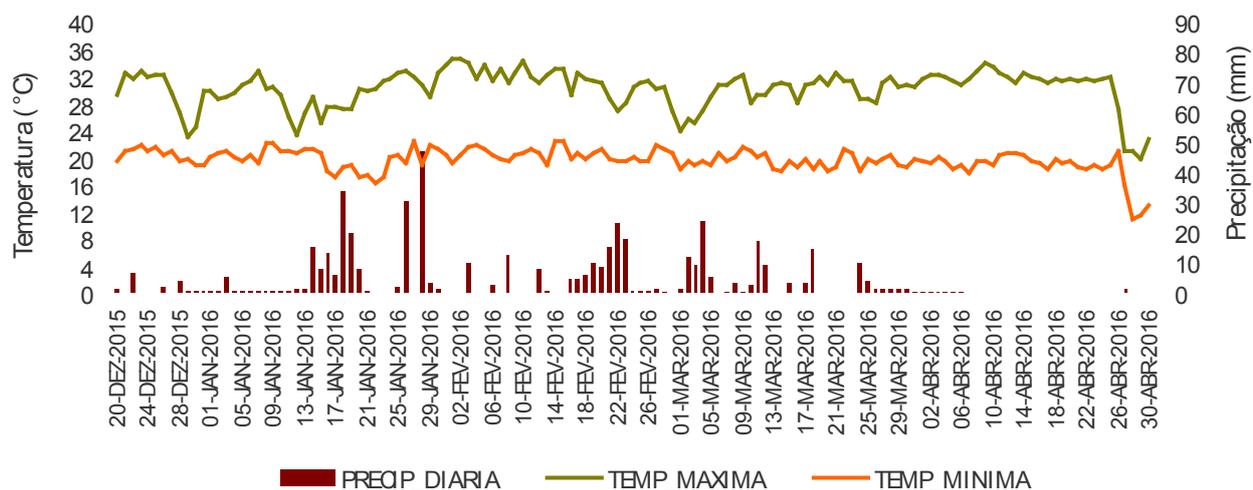
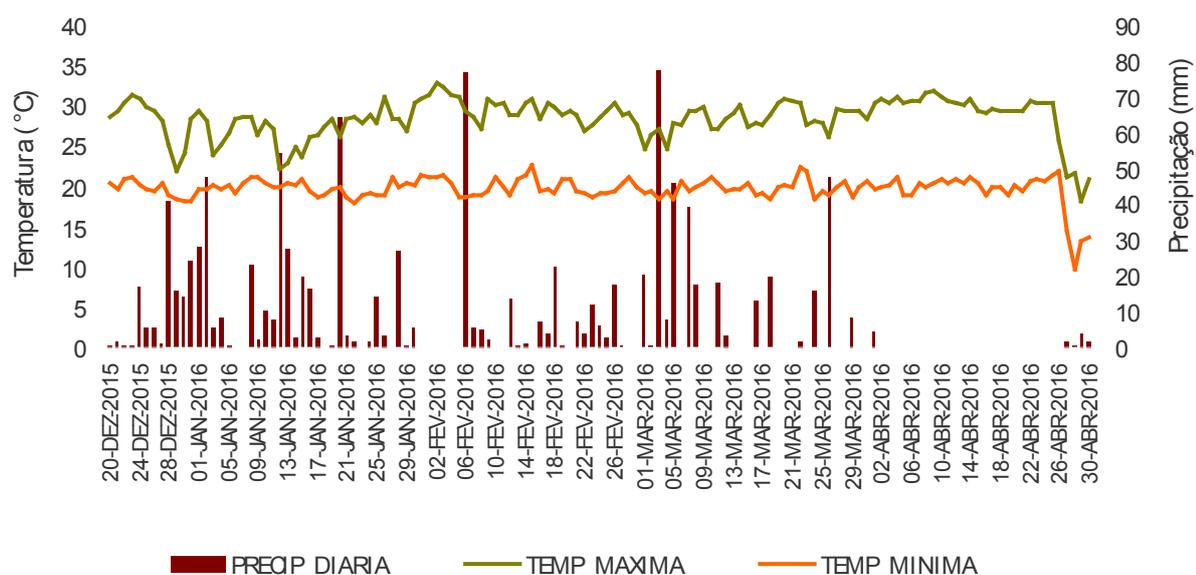


Gráfico 10 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo - Franca



Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	CH**	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável.

Favorável
 Baixa restrição
 falta de chuva

8.3.2. PRODUÇÃO

São Paulo tem registrado, desde setembro de 2015, excelentes condições climáticas em praticamente todo o estado, com chuvas constantes e bem distribuídas, que foram decisivas na recuperação dos cafezais após duas safras afetadas fortemente pela seca. Para a região de Franca, maior produtora, a precipitação foi de 352 mm, e com esta precipitação foi gerado um excedente hídrico de 263,7 mm.

O armazenamento de água no solo está em 91,5 mm, não havendo necessidade de irrigação. A temperatura ficou pouco abaixo da média histórica. Em função das excelentes condições climáticas ocorridas na maioria das regiões produtoras do estado paulista (temperatura e precipitações) houve forte pegamento e desenvolvimento dos frutos a partir da primeira florada, ocorrida em setembro de 2015.

Em consequência da alternância de períodos secos e chuvosos os frutos entraram em maturação mais cedo e, a colheita deve ter seu início antecipado na

presente safra (a partir abril).

Este segundo levantamento da safra 2016 sinaliza um expressivo aumento da quantidade a ser colhida no estado e deve-se, fundamentalmente, à recuperação da produção e da produtividade no cinturão cafeeiro de Franca, principal região produtora, no qual se espera uma colheita em torno de 1,9 milhão de sacas de 60kg (produtividade média de 33,10 sc/ha).

A Alta Mogiana é tradicional região produtora dos melhores café paulistas em virtude de sua grande altitude, clima favorável e grande experiência em café finos.

Fatores que estão sendo apontados como determinantes para o crescimento da safra 2015/16 são:

- clima favorável (que potencializou a produtividade);
- a entrada de pés novos em produção;



- bienalidade positiva;
- retorno vigoroso, com forte produção, daquelas plantas que tiveram poda/recepa na safra anterior.
- melhor manejo com as plantas (tratos culturais), visto que o manejo intensificado é referenciado na safra 2016 com maior destaque, se comparado com as safras anteriores.

8.3.3. CRÉDITO

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou recentemente a distribuição dos recursos para o Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) em 2016. A Lei Orçamentária deste ano prevê R\$ 4,8 bilhões para empréstimos do fundo. Desse total, R\$ 4,6 bilhões foram repartidos entre diferentes modalidades de crédito, como operações de custeio e financiamento para aquisição de café. Os R\$ 200 milhões restantes ficarão reservados como margem de contingência, caso haja demanda adicional por crédito.

Do montante distribuído pelo CMN, R\$ 950 milhões são para operações de custeio, o mesmo valor de 2015. O crédito para estocagem aumentou, de R\$ 1,5 bilhão, no ano passado, para R\$ 1,752 bilhão este ano. O recurso para financiar a aquisição de café, por sua vez, será R\$ 1 bilhão em 2016, ante R\$ 750 milhões em 2015. O crédito para financiar contratos de opção e de operações em mercados futuros foi definido em R\$ 10 milhões e, para recuperação de cafezais danificados,

Diante dos fatores mencionados, os seguimentos ligados à cultura do café, em São Paulo, apontam para produtividades boas e café de maior qualidade. Para uma boa qualidade da bebida seria necessário que o ciclo de chuvas nas áreas produtoras chegassem a níveis próximos de zero, pelo menos até o final da colheita.

em R\$ 20 milhões, ambos sem alteração em relação ao ano passado.

O colegiado destinou R\$ 900 milhões para financiamento de capital de giro, sendo R\$ 200 milhões para indústrias de café solúvel, R\$ 300 milhões para indústrias de torrefação de café e R\$ 400 milhões para cooperativas de produção do grão. Os valores também são iguais aos destinados em 2015.

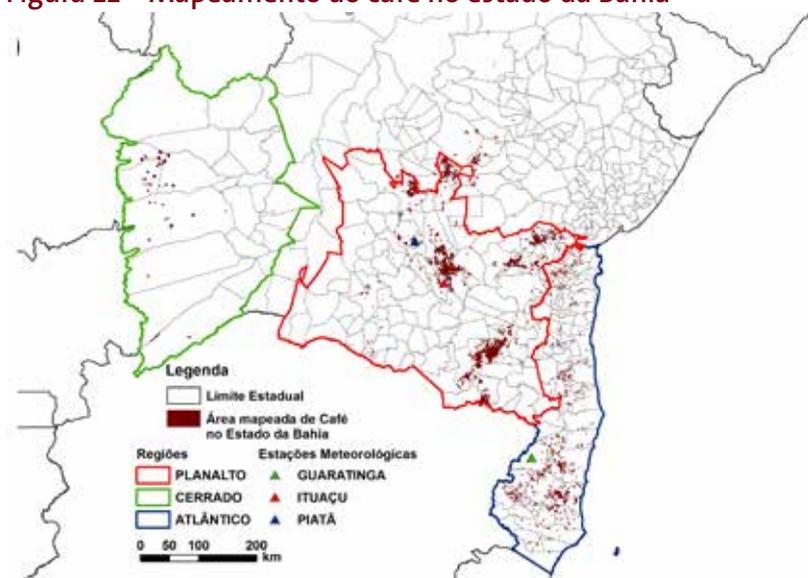
O crédito para estocagem é de fundamental importância para o setor, uma vez que esse instrumento dá mais tranquilidade para ao segmento negociar sua produção no momento mais adequado (de melhores preços), haja vista que os compromissos financeiros assumidos pelos produtores são de grande monta e, a estocagem dos cafés evita que estes venham a se desfazer de sua produção, “a qualquer preço” para cumprir compromissos inadiáveis.

8.4. BAHIA

8.4.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Estado da Bahia, o mapeamento é apresentado abaixo.

Figura 22 – Mapeamento do café no estado da Bahia



Nas regiões do Planalto e Atlântico, de outubro a dezembro (Figuras 12 a 14), as condições de chuvas abaixo da média e as altas temperaturas dificultaram o pegamento das floradas e o desenvolvimento dos frutos. Em dezembro (Figura 14), a restrição foi maior devido à grande intensidade da estiagem e das altas temperaturas.

Em janeiro (Figura 15 e Gráficos 11 a 13), nessas regiões, a ocorrência de chuvas, com boa distribuição e em grandes volumes favoreceu a recuperação de parte do potencial produtivo.

No entanto, de fevereiro a abril (Figuras 16 a 18 e Gráficos 11 a 13), o cenário foi similar ao do último trimestre de 2015, com a ocorrência de estiagem e temperaturas

elevadas, que impactaram lavouras em estádios críticos. Em abril (Figura 18 e Gráficos 11 a 13), o impacto à produtividade foi menor devido ao maior percentual de lavouras em maturação e início de colheita, principalmente na região do Atlântico, onde predominam lavouras de café conilon.

Na região do Cerrado, onde as lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos na floração e no início do desenvolvimento dos frutos devido a altas temperaturas no último trimestre de 2015 (Figuras 12 a 14).

No Quadro 5 verifica-se o monitoramento agrometeorológico na Bahia.

Gráfico 11 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Guaratinga

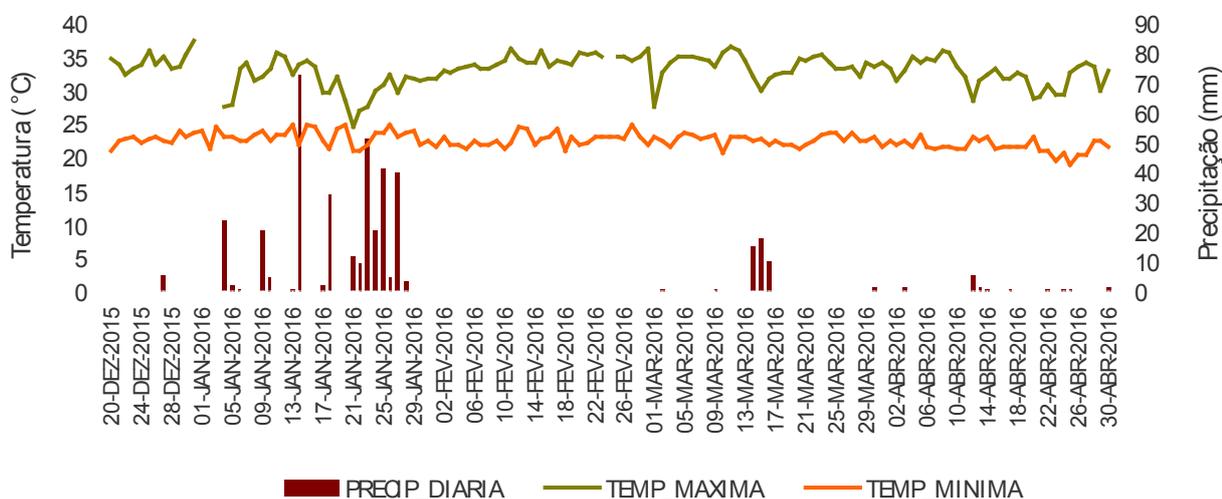


Gráfico 12 – Estações meteorológicas do Inmet na Bahia - Ituaçu

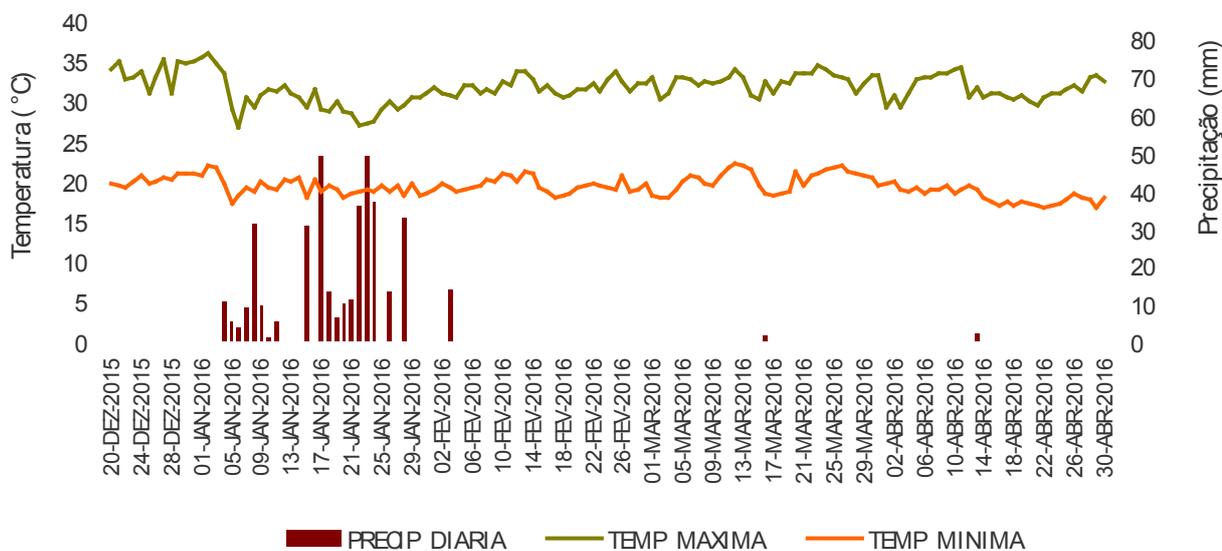
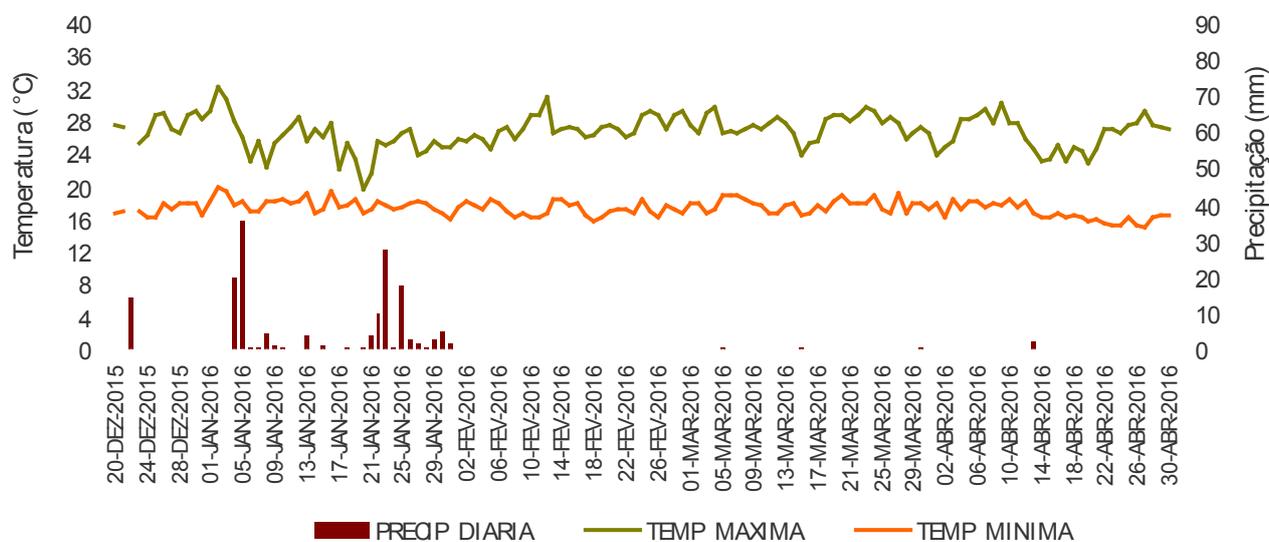


Gráfico 13 – Temperaturas (Máxima e Mínima) da Estação Meteorológica Automática - Piatã - Bahia (BA) - Precipitação do modelo COSMO nas coordenadas de Piatã-BA



Fonte: Slisdagro/Inmet.

Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia.

Bahia													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	F	F***	CH***	EF***	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C
	Planalto		F	CH	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico		F	CH	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

8.4.2. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

A cafeicultura desenvolvida na Bahia apresenta atualmente um quadro tecnológico bastante diversificado, o que reflete diferentes condições ambientais, variadas formas de ocupação do seu espaço agrário e modalidades de organizações da atividade produtiva. O estado possui três regiões produtoras principais: Cer-

rado e Planalto (regiões que concentram café arábica) e Atlântica

(especializada em conilon) (Embrapa, 2014). Estas diferentes regiões apresentam características diferentes, demonstram níveis tecnológicos diferenciados e produzem diversos tipos de bebida.

8.4.3. RESUMO DA PRODUÇÃO

A produção de café para esta safra, na Bahia, está estimada em 2.638,9 mil sacas beneficiadas, sendo 1.336,9 mil sacas da espécie arábica e 1.302 mil sacas da espécie Conillon. A área em produção está estimada em 141.923,8 hectares, 2,3% superior à safra de 2015.

Esta estimativa pode ser atribuída às áreas que na safra 2015 estavam em formação e que na safra atual entraram em produção, como a região Atlântica e Cerrado. Em relação à colheita, estima-se que na região atlântica tenha sido colhido 5%, no cerrado 10% e no planalto ainda está em fase inicial da colheita.



8.4.4. SITUAÇÕES CLIMÁTICAS

Diversos fatores influenciam a produtividade de uma cultura, e os elementos climáticos de maior relevância à produção do café no cerrado baiano é a temperatura ambiente e a umidade relativa do ar.

De acordo com estudos demonstram que as temperaturas médias entre 19 e 22 °C são as ideais para a produção do café arábica, obtendo-se as melhores produtividades e qualidade de bebida. Temperaturas

Atlântico

Desde a última colheita em 2015 constatou que somente em janeiro de 2016, período de “granação” do fruto, houve chuva significativa. Porém devido à estiagem e à alta temperatura, a colheita que todo ano co-

Cerrado

Em outubro e novembro foram registrados picos de temperatura acima de 40 °C, com a média diária em torno de 30 °C e valores de umidade relativa do ar em torno de 18%. Tal fenômeno causou abortamento de flores e má formação de frutos, com um grão por fruto. Estes dois problemas fisiológicos não foram observados nas plantas que floresceram no início de setembro.

Quanto à necessidade hídrica dos cafezais, a irregu-

Planalto

Na microrregião da Chapada Diamantina percebe-se que em novembro e dezembro, época que o café se encontra na fase de florescimento, houve precipitação abaixo da média para esta região, variando entre 25 a 100 mm. Apesar desta precipitação, menor que a média histórica, houve uma boa florada e um bom pegamento de frutos quando comparada à safra anterior. Em janeiro, época em que o café se encontrava na fase de formação do grão, ocorreram chuvas acima da média histórica em toda região, variando de 350 a 600 mm.

Esta precipitação acima da média histórica fez com que se criasse uma grande expectativa para esta safra, no entanto, em fevereiro, março e abril, ocorreu uma forte estiagem nesta região, prejudicando a fase de desenvolvimento e enchimento do grão de café (Figuras 8, 9, 10 e 11).

A temperatura e a forte insolação são outros fatores que prejudicaram a safra na microrregião da Chapada Diamantina, principalmente em dezembro e abril,

acimas 26 °C aceleram o ciclo reprodutivo, antecipando a maturação dos frutos e acima de 30 °C prejudicam o desenvolvimento dos botões florais, provocando má formação dos frutos e aborto de flores e frutos novos (chumbinhos) (Embrapa, 2009). Nos últimos 90 dias os índices pluviométricos não ultrapassaram 100 mm nas regiões produtoras de café (Atlântico, Cerrado e Planalto).

meça em maio foi antecipada para abril. Constatou-se também que, com a estiagem, o grão está menor e as hastes com menos quantidade de frutos.

laridade das chuvas não causa problemas, pois toda a lavoura de café do cerrado baiano é irrigada. No entanto, a disponibilidade hídrica no solo para as plantas de café não é o único benefício das chuvas. Elas também promovem alterações no microclima local, aumentando a umidade relativa do ar, favorecendo o crescimento de vegetação espontânea mantendo o solo protegido, reduzindo a infestação de algumas pragas, entre outros benefícios.

quando a temperatura máxima variou de 2 a 5 °C acima da média histórica.

Nas microrregiões do Planalto e Brejões as chuvas não foram satisfatórias para a região centro-sul do estado. As precipitações para o desenvolvimento das lavouras cafezeiras iniciaram de fato em janeiro. As chuvas de janeiro foram bem distribuídas, constantes e prolongadas. No entanto, fevereiro, março e abril não apresentaram um regime pluviométrico satisfatório para as necessidades das lavouras, prejudicando a expansão e granação dos frutos.

Somada ao estresse hídrico, observou-se altas temperaturas e baixa umidade do ar. As plantas estão sentindo os efeitos da falta de chuva, em muitos casos as elevadas temperaturas ocasionaram escaldadura dos cafezais, provocando lesões nas folhas, o que aumenta a vulnerabilidade da planta à incidência de fungos e bactérias.

A microrregião do Planalto da Conquista, por exemplo,



está inserida em um ambiente favorável ao cultivo do café, com temperaturas amenas, boa pluviosidade, em uma paisagem de relevo de montanhas e vales, em altitude entre 700 a 1.000 metros. No entanto, segundo pesquisadores da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB), observou-se que a temperatura das

plantas que ficam expostas ao sol está muito elevada. Altas temperaturas podem prejudicar os cafezais e dificultar a realização da fotossíntese. Uma estratégia utilizada pelos produtores é a arborização dos pés de café para amenizar os danos da forte incidência solar.

8.4.5. SITUAÇÃO DA LAVOURAS

Atlântico

Nessa região, em função da estiagem e ataque de pragas, ocorreu a má formação do fruto, frutos leves e pequenos. Com isso, a produção e a qualidade tende a ser comprometida. Este fato foi observado em abril, sobre os primeiros 5% já colhidos, podendo haver ao longo do período mudanças no cenário. Para os próximos meses está previsto realizar a colheita da seguin-

te forma: 40% em maio, 30% em junho e 20% julho.

As condições das lavouras encontram-se em média: 30% boa, 60% regular e 10% ruim. Quanto às fases da cultura, estas encontram-se com 90% maturação e 10% em frutificação.

Cerrado

As lavouras estão em período reprodutivo, sendo encontrado grãos verde cana e cereja. Ocorreu abortamento de flores, escaldadura das folhas do cafeeiro e má formação dos grãos devido às altas temperaturas em novembro de 2015. Foram registrados intensa infestação do bicho mineiro, controladas com aplicação de defensivos.

talhões de algumas propriedades a estima de produtividade é de 12 sc/ha, retratando a severidade dos abortamentos e ataque do bicho mineiro.

No entanto, devido à incidência do bicho mineiro e do abortamento floral, a expectativa inicial é de que a produtividade fique em torno de 34 sc/ha. Em alguns

Em toda região estima-se que cerca de 3.000 hectares entraram em fase de produção e outros 2.100 hectares serão recepadados ou esqueletados, passando para a fase de renovação. Estima-se que a colheita tenha alcançado 10% da área em produção. A colheita é 100% mecanizada e os frutos estão em fase de secagem em terreiros.

Planalto

A situação das lavouras cafeeiras não estão uniformes, em face dos diferentes tratamentos culturais e à influência climática desfavorável. Na microrregião de Brejões, que sofreu severa perda na safra 2015, o bom regime de chuvas em janeiro de 2016 animou os produtores. No entanto, a estiagem observada entre fevereiro e abril e a falta de recursos para adubação e correção do solo provocaram quebra de safra, com expectativa de colheita de cerca de 5 scs/ha.

que produtores com pequenas áreas têm conseguido obter melhores resultados.

A estiagem no período de granação prejudicou o crescimento dos grãos. O ideal é obter uma saca de café beneficiado a partir de 480 litros do café maduro, no entanto, estima-se que seja necessário cerca de 600 litros para se obter uma saca de café beneficiado. Ainda na microrregião de Brejões percebe-se um crescimento do cultivo do maracujá, inclusive, consorciado com o cafeeiro. Nestes casos, os recursos utilizados com os tratamentos culturais do maracujá estão influenciando na melhoria das condições das lavouras de café dos pequenos produtores. Vale ressaltar que não há uniformidade qualitativa nas lavouras de café e

Na microrregião de Vitória da Conquista estima-se uma perda de cerca de um terço da produção agrícola. A região está inserida num ambiente favorável ao cultivo do café arábica no estado, é conhecida pelas temperaturas amenas, boa pluviosidade e por possuir uma paisagem de relevo de montanhas e vales em altitude entre 700 a 1.000 metros. No entanto, apesar do período chuvoso em janeiro de 2016, a estiagem de fevereiro a abril deste ano afetaram substancialmente as lavouras de café.

A microrregião da Chapada Diamantina é caracterizada por uma produção de café de boa qualidade. Este evento se deve ao fato de uma parte dos produtores terem cuidado no processo de secagem do café, evitando o processo de fermentação dos grãos, conseguindo assim, obter um produto de melhor qualidade. Outro fator que contribui para a região é seu clima ameno e seco, onde a altitude é em torno dos 1.100 a



1.500 metros, a maior do país para a produção do café, com destaque para os municípios de Piatã, Mucugê e Ibicoara.

Um dos problemas enfrentados pelos produtores em alguns municípios da microrregião da Chapada Diamantina é a desuniformidade no momento da floração, ocasionando duas a três floradas na fase reprodutiva. Este problema provoca dificuldade no momento da colheita, já que a região não possui mão de obra suficiente para se fazer várias colheitas na mesma área, o que acaba reduzindo a qualidade do produto.

Os cafés nesta região estão iniciando a fase de maturação e a colheita deve iniciar efetivamente no fim de

maio. Ao iniciar a colheita e processamento do grão teremos uma melhor mensuração do quanto a estiação no trimestre fevereiro, março e abril prejudicou a qualidade do grão.

Em relação ao crédito, a procura para a cultura do café é quase inexistente na região. O principal motivo é a maioria dos municípios não serem zoneados para este cultivo de sequeiro. Em alguns municípios da Chapada Diamantina, a maioria dos acessos ao crédito rural são para investimentos em qualidade do produto, dessa forma, mesmo com a crescente diminuição das áreas de café na região, os produtores conseguem uma melhor remuneração por obterem um melhor preço do produto.

8.4.6. ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

Atlântico

Para essa safra verifica-se a presença da lagarta par-da, ácaro vermelho, cochonilha da roseta e lagartinha da roseta. Em algumas áreas isoladas observou-se a presença do bicho mineiro. A estiação potencializou a incidência de pragas, o que pode ser um dos fatores que contribuiu no baixo desenvolvimento das plantas.

Cerrado

Durante janeiro, com as intensas chuvas, não foram observados sintomas do bicho mineiro e de nenhuma outra praga ou doenças. Em fevereiro, com o veranico, ambiente mais seco e temperaturas mais altas, a in-

Planalto

O aumento da vulnerabilidade das plantas permite a ocorrência de pragas e doenças. Observou-se a incidência do bicho mineiro em lavouras do Planalto da Conquista, no entanto, convive-se com estes problemas fitossanitários através de controle químico, sem danos econômicos significativos. O principal problema fitossanitário nesta região é o bicho mineiro e mancha de Phoma. Os produtores também relatam a ocorrência ocasional de Cercosporiose, ferrugem

Houve relatos de um incremento considerável na comercialização de produtos fitossanitários em função das altas demandas por acaricidas e inseticidas para conter a infestação de pragas como a lagarta mede-palmo (*Oxidia saturniata*), lagarta da roseta (gênero *Planococcus*), ácaro vermelho e cochonilhas.

festação de bicho mineiro foi muito intensa, causando danos significativos à cultura. Para o eficiente controle químico, os produtores repetiam as aplicações de inseticidas em períodos inferiores a 21 dias.

e ácaro. Juntos, estas pragas e doenças provocam uma perda de aproximadamente 5% na produção. Os produtores convivem com estes problemas fitossanitários com a utilização de controle químico, principalmente o controle preventivo. Apesar das altas temperaturas registradas, condições que favorecem a incidência de bicho-mineiro, nesta safra não teve relatos de infestações acima do normal para a cultura na região.

8.4.7. ÁREA E PRODUÇÃO

Atlântico

Devido aos baixos índices pluviométricos e ao ataque de pragas a colheita teve início antecipado para abril. Até o presente momento foram colhidos em torno de 5%. Com produtividade média 36,6 sc/ha. A produção,

já colhida, está sendo destinada ao armazenamento.

A área em produção da safra passada foi de 35.228 hectares, com produção total de 1.183,6 mil sacas be-



neficiadas. Já para a atual safra a área está estimada em 38.750,8 hectares, aumento de 10%, visto que a estimativa de produção está estimada em 1.302 mil

Cerrado

A produção de café para a atual safra está estimada em 340 mil sacas beneficiadas de café arábica. A área total cultivada está estimada em 14.500 hectares, estando 10.000 hectares em produção e 4.500 hectares em formação.

Comparando a safra atual com a anterior, a área em produção e a produção tendem a ser superiores em

Planalto

Na microrregião da Chapada Diamantina a estimativa é que a produtividade se mantenha em aproximadamente 11 sc/ha, valor abaixo da média nacional devido, principalmente às áreas de pequenos agricultores com emprego de baixo nível de tecnologia e às condições climáticas adversas que se repetem nos últimos anos. Um fator que eleva a produtividade na região são as áreas irrigadas, a maioria nos Municípios de Mucugê e Ibicoara. A produção nestas áreas irrigadas corresponde a aproximadamente 30% do total produzido na Chapada.

A expectativa é que a produção na região da Chapada Diamantina seja de aproximadamente 322 mil sacas beneficiadas, um aumento de 8,1% em relação à safra anterior, justificado pelo investimento do cultivo irrigado.

Com a precipitação que ocorreu em janeiro na microrregião da Chapada Diamantina, os produtores esperavam que este ano tivesse uma safra muito acima do ano anterior. As condições climáticas propiciaram uma boa florada e um bom pegamento dos frutos, no entanto, com o veranico que ocorreu nos meses subse-

sacas beneficiadas. Esse aumento de área pode ser atribuído às áreas que estavam em formação na safra anterior e passaram para formação.

9,5% e 0,7%, respectivamente. Isto se deve à entrada em produção de áreas que estavam, na safra passada, em renovação e formação.

Para a safra 2016 estima-se que a área em produção seja de 10.000 hectares, com produtividade de 34 sc/ha, produzindo 340 mil sacas.

quentes reduziu-se a expectativa na produção inicial. Com a adversidade climática, que se repete este ano, provavelmente os cafés colhidos serão menores, mal granados e mais leves, sendo necessário um maior volume de grãos para a composição de uma saca. Mesmo com este intenso veranico na fase de enchimento de grãos, não se espera inferior à ocorrida no ano anterior devido, naquele ano, o veranico ter ocorrido na fase de floração e início da formação do grão.

A diminuição da área em produção se deve às áreas que foram podadas (recepa) e a substituição de algumas áreas de café por outras atividades como pecuária e fruticultura.

Um dos problemas enfrentados pelos produtores em alguns municípios da região da Chapada Diamantina é a desuniformidade no momento da floração ocasionando 2 a 3 floradas na fase reprodutiva. Este problema provoca dificuldade no momento da colheita, já que a região não possui mão de obra suficiente para se fazer várias colheitas na mesma área, o que acaba reduzindo a qualidade do produto.

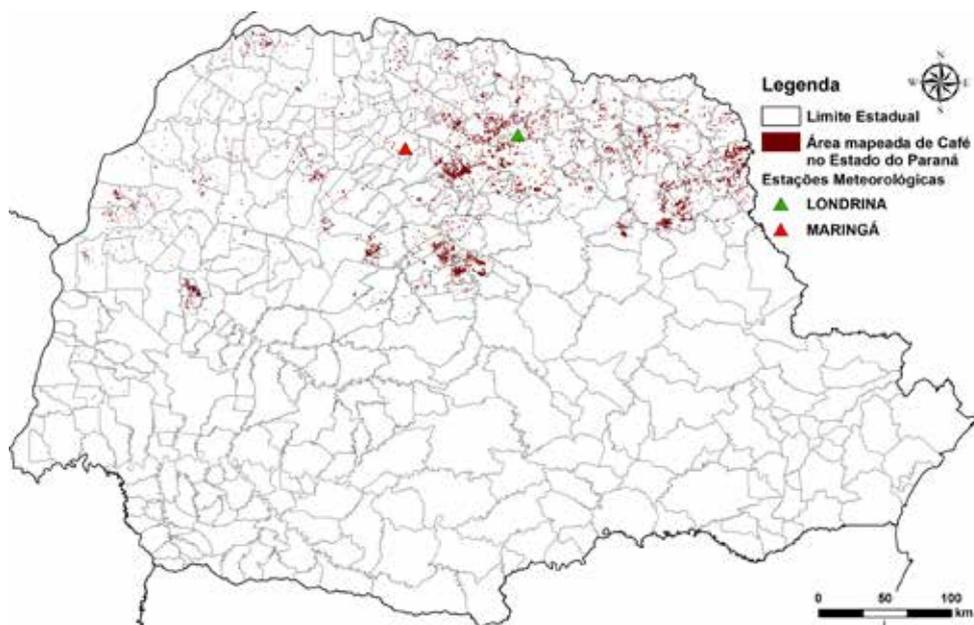
8.5. PARANÁ

8.5.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Paraná foram realizados dois mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização de estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).



Figura 23 – Mapeamento do café no Paraná



A ocorrência de chuvas acima da média em setembro e outubro (Figuras 11 e 12) favoreceu a ocorrência e o pegamento das floradas da safra 2016.

No período de novembro a março (Figuras 13 a 17 e Gráficos 14 e 15) predominaram as condições de chuvas acima da média nas regiões produtoras, com benefícios ao desenvolvimento dos frutos.

Em abril (Figura 18), em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação de frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

No Quadro 6 verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Paraná.

Gráfico 14 – Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Londrina

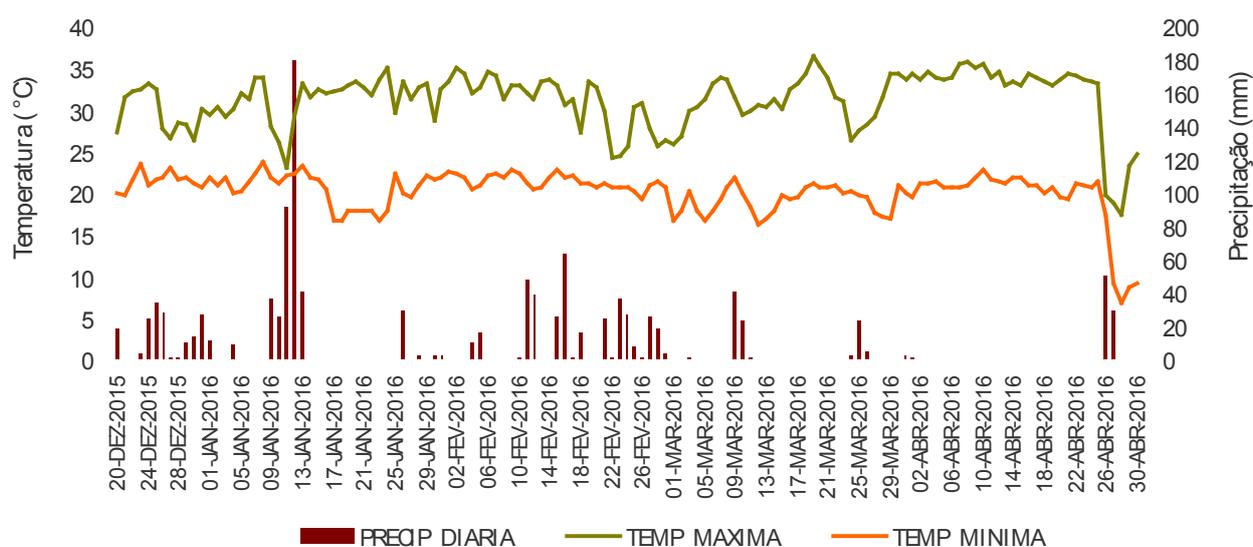
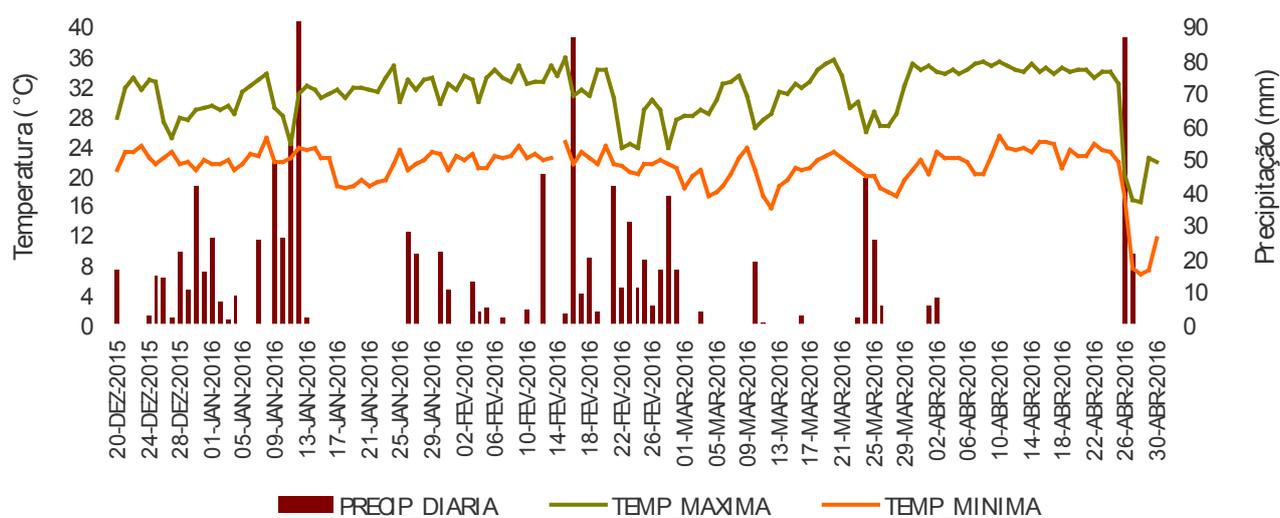


Gráfico 15– Estações meteorológicas do inmet no Paraná - Maringá



Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C	C

* (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável

8.5.2. ÁREA E PRODUÇÃO

O segundo levantamento confirma que a área total plantada com café no Paraná totaliza 50.500 hectares, que aponta redução de quase 4,8% quando comparada com a safra 2015. A erradicação de áreas improdutivas, a renovação de talhões e a necessidade de adoção de tecnologia mecanizada são os principais fatores que motivam a redução.

A previsão da área em produção para 2016 é de 47300

hectares, cerca de 6,3% superior à cultivada na safra 2015. A incorporação de lavouras podadas intencionalmente pelos produtores e que agora se somam à área produtiva explica o aumento de área. A produção estimada para a colheita em 2016 é de 1,1 milhão de sacas, ou 13,5% inferior ao ciclo anterior. A redução se deve basicamente à bienalidade negativa da produção de café.

8.5.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

No estado as precipitações foram acima da média entre dezembro e fevereiro nas principais regiões produtoras, o que foi favorável para o desenvolvimento da cultura. A partir de março as chuvas diminuíram, e em abril se configurou uma estiagem que perdurou por quase todo o mês. As precipitações mais significativas só ocorreram a partir do dia 25.

Segundo relatos dos técnicos de campo do Departamento de Economia Rural (Deral) as condições climáticas foram favoráveis para a cafeicultura até o momento. Na região de Jacarezinho alguns produtores estão optando em antecipar os trabalhos de colheita, assumindo, assim, o risco de eventuais descontos na hora de receber pelo produto.

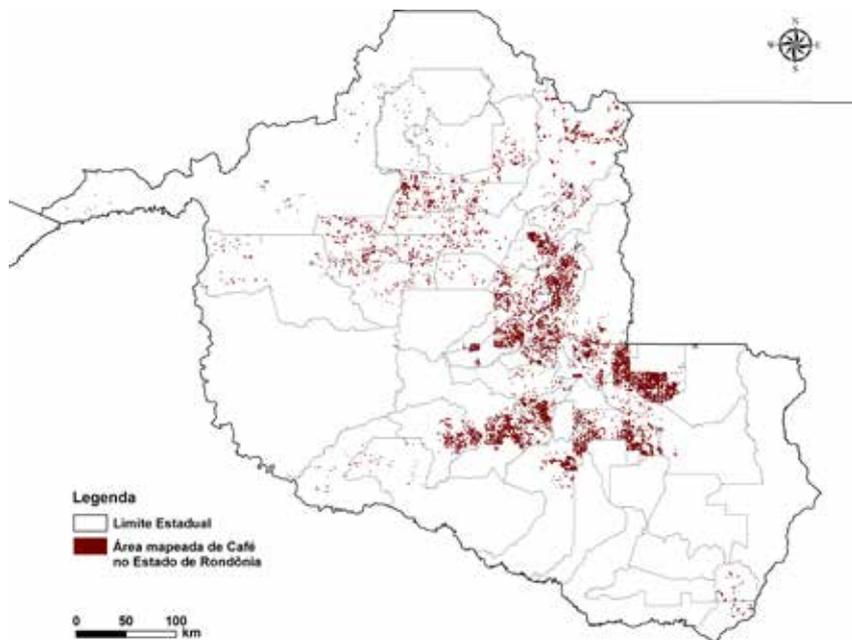


8.6. RONDÔNIA

8.6.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Estado de Rondônia, o mapeamento é apresentado abaixo.

Figura 24 – Mapeamento do café em Rondônia



A predominância de chuvas abaixo da média e altas temperaturas de agosto a dezembro (Figuras 10 a 14) prejudicou o desenvolvimento da safra 2016. Nesse período, os menores volumes de chuva ocorreram em agosto e setembro (Figuras 10 e 11).

Apesar disso, o desenvolvimento dos frutos foi favorecido pelo aumento na intensidade das chuvas de

janeiro a março (Figuras 15 a 17). Em abril (Figura 18) a ocorrência de baixa precipitação foi favorável, já que as lavouras estavam em maturação e início de colheita.

No Quadro 7 verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Rondônia.

Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de agosto/15 a abril/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia													
Ano	2015					2016							
Meses	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva



8.6.2. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

As informações levantadas nas diversas regiões pesquisadas indicam que a área da cultura para a safra atual deverá permanecer inalterada em relação ao primeiro levantamento realizado em dezembro de 2015, ou seja, a área prevista em produção do café da safra 2016 no estado de Rondônia é de 87.657 hectares.

Em relação à produtividade a pesquisa indica que deverá haver uma pequena redução em relação ao levantamento anterior, sendo a produtividade atualmente estimada de 18,56 sc/ha. Dessa forma, a previsão da produção da safra de café para o estado de Rondônia é de 1.626.914 sacas beneficiadas. A redução da produtividade decorre principalmente da falta de chuvas ocorridas em agosto e setembro na época da florada, prejudicando o pegamento da florada.

8.6.3. CRÉDITO DE CUSTEIO E INVESTIMENTO

Os créditos de Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para os financiamentos das lavouras de café estão acontecendo normalmente por parte dos agentes financeiros, como Banco do Brasil, Banco da Amazônia e Cooperativas de Crédito. A maioria dos financiamentos são destinados às la-

8.6.4. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Houve falta de chuvas em agosto e setembro. Em quase todas as áreas visitadas, as chuvas escassas, aliadas a altas temperaturas, sol intenso e a umidade baixa, prejudicaram a formação das lavouras justamente na fase de florescimento, provocando em parte o abortamento da florada, formação e queda dos chumbinhos e redução de número de grãos por roseta. Já em outubro e novembro, com a entrada das chuvas, observou-se em algumas regiões chuvas dispersas e com intervalos, o que também prejudicou a expansão dos

8.6.5. SITUAÇÃO DA CULTURA

Atualmente a situação da cultura pode ser considerada normal, com as lavouras tanto dos cafés seminais como dos clonais em fases de maturação, uma vez

8.6.6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Em Rondônia é plantado quase todo o café da espécie robusta, da variedade Conilon (*Coffea Canephora*), melhor adaptada às condições climáticas, seu relevo topográfico e solo. O café é produzido na sua maioria em pequenas propriedades, com características na sua quase totalidade da agricultura familiar. Ainda é comum a existência de lavouras com baixa produ-

tividade e outras em pleno declínio de produção, onde muitas delas estão chegando aos dez anos ou mais de idade. Aliado a isso, a maioria das lavouras de café em Rondônia foi implantada inicialmente com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados e sem controle oficial. Observou-se também, que algumas progênias de café

frutos. Mesmo para aquelas propriedades com cafés clonais que utilizam a irrigação, o clima desfavorável também afetou com menor intensidade a produção. As lavouras que sofreram mais foram aquelas com café seminal, que na sua maioria, não dispõem de irrigação. Assim, para a segundo levantamento da safra 2016, a previsão é da confirmação da tendência de queda verificada no primeiro levantamento devendo à produtividade média ter uma redução, devendo passar de 19,15 sc/ha para 18,56 sc/ha.

Mesmo aquelas áreas plantadas com cafés clonais que são irrigadas, parte das lavouras foram prejudicadas devido à incidência do sol forte, calor intenso e altas temperaturas registradas durante outubro e novembro, prejudicando a formação e também a queda dos chumbinhos. As lavouras de cafés seminal foram as mais afetadas.

Devemos observar que a queda da produtividade não foi ainda maior em virtude da entrada em produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior do que as áreas tradicionais. A área total atualmente cultivada de café no estado permanece inalterada em relação ao primeiro levantamento, ou seja, são no total de 94.561 hectares, sendo 6.904 hectares de café (clonal) em formação.

vouras de cafés Clonais, contemplando todo o pacote tecnológico envolvendo, inclusive, investimentos para aquisições de equipamentos para irrigação. Os bancos estão fazendo exigências necessárias de forma a garantir a liquidação desses financiamentos.

que cerca de 20% a 25% das lavouras já foram colhidas.



introduzidas no estado, não se adaptaram às condições locais, mostrando-se pouco produtivas. O início da implantação dos cafés clonais partiu da ideia de alguns agricultores Capixabas radicados no estado de Rondônia em disseminar o seu plantio, no estado.

Observa-se ainda, que a cafeicultura no estado vem passando por um processo gradativo e permanente de substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se cafés clonais, uma vez que em determinados municípios tradicionalmente produtores, essa substituição já alcança cerca de 40% da área plantada. Essa mudança, que pode ser constatada em todas as regiões produtoras, decorre de uma série de fatores, entre os quais podemos destacar o apoio do governo do estado, Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural (Seagri), através dos serviços de extensão rural, Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (Emater-RO), com a sua equipe técnica com escritórios nos 44 municípios, além de mais 4 escritórios situados nos distritos, abrangendo assim, todas as regiões produtoras de café.

Os agentes financeiros, destacando o Banco da Amazônia, Banco do Brasil e ainda as Cooperativas de Créditos, têm disponibilizado volume de crédito para

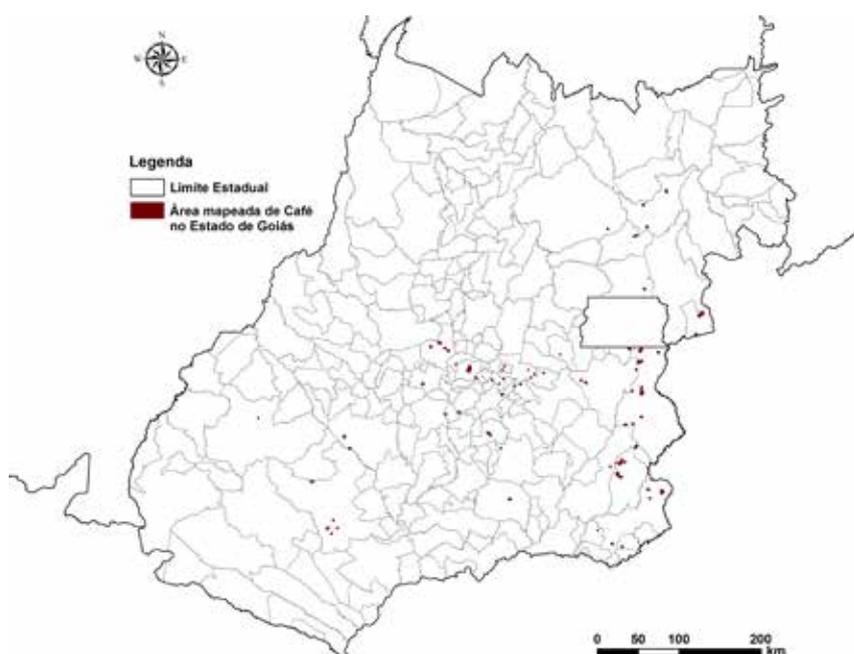
custeio e investimento suficiente para atender a demanda existente e proporcionar aos cafeicultores condições para as mudanças/substituições das lavouras tradicionais por cafés clonais, as quais exigem um maior investimento e melhores cuidados e conhecimentos técnicos por parte dos produtores. Também a Embrapa Rondônia, através dos seus pesquisadores, tem buscado em parceria com a Emater-RO e a Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron), diagnosticar pragas e doenças no desenvolvimento da cultura, bem como desenvolvendo cultivares com características de maior tolerância ao déficit hídrico. Dentro do processo de disseminação de variedades de café, além daquelas desenvolvidas pelos próprios produtores rurais que detêm viveiros de mudas clonais sem base genética definida, podemos destacar como resultado das pesquisas desenvolvidas pela Embrapa/RO ao longo dos anos a cultivar Conilon BRS Ouro Preto, que estão constituindo jardins Clonais em vários municípios e cuja finalidade é oferecer aos cafeicultores uma alternativa de diversificação para o café. Por fim, registra-se que, como forma de proteger a cafeicultura dada a sua importância estratégica, recentemente Idaron publicou portaria aprovando os requisitos fitossanitários para a produção, o comércio, entrada, o trânsito, armazenamento e utilização de mudas de café no estado.

8.7. GOIÁS

8.7.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Estado de Goiás, o mapeamento é apresentado abaixo.

Figura 25 – Mapeamento do café em Goiás



Em Goiás, onde as lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos na floração por altas temperaturas em outubro (Figura 12).

Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a abril/16 com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Rondônia													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** área irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição
 falta de chuva

8.7.2. ÁREA E PRODUÇÃO

Em Goiás, as lavouras, de modo geral, apresentaram boa formação de frutos, isto ocorreu devido à quantidade de chuvas consideradas satisfatórias para o desenvolvimento dos grãos (outubro a dezembro). As boas condições pluviométricas em janeiro e fevereiro também colaboraram para um bom desenvolvimento dos frutos principalmente evitando temperaturas altas e grandes oscilações térmicas.

Em abril, até o momento, a estiagem não comprometeu o desenvolvimento da cultura, apenas alguns dias de altas temperaturas associadas à incidência do bicho-mineiro (*Leucoptera coffeella*) prejudicaram as lavouras nesta fase final.

Neste levantamento a principal preocupação dos produtores de Goiás foi em relação ao controle do bicho-mineiro (*Leucoptera coffeella*), os produtos registrados para a cultura não têm surtido efeito satisfatório, nota-se que a cada safra a seleção e a resistência desta praga torna-se maior e de difícil controle. Algumas propriedades em que possuem Manejo Integrado de Pragas (MIP) tem obtido resultados melhores em relação aos demais produtores que utilizam somente defensivos químicos.

Com relação ao distúrbio fisiológico conhecido como “Coração Negro”, no qual ocorrem problemas na translocação de fotoassimilados para o enchimento de grãos (aumentando o número de grãos chochos), não foi relatado como na safra anterior. Manifesta-

ções pontuais deste distúrbio foram pouco registradas até o momento.

Segundo literatura consultada, pode ser explicado pela ocorrência de baixa umidade e altas temperaturas no período de 80 a 120 dias após a florada, seguido de ocorrência de chuvas em excesso sem que ocorra queda significativa de temperatura.

Não foram registrados problemas com cochonilhas, broca do café (*Hypothenemus hampei*) e lagartas.

A totalidade das lavouras de café em Goiás conta com sistema de irrigação, seja por pivô central, ou gotejamento. Nas lavouras conduzidas sob pivô central consegue-se formar um microclima que não permite oscilações térmicas que prejudiquem a formação de fruto.

A colheita da lavoura de café em Goiás se inicia em maio e se estende até agosto, com pequena porcentagem sendo colhida em setembro. No momento, algumas propriedades já iniciam os preparativos para colheita a partir do dia 10 de maio. A área plantada com a cultura de café em Goiás foi levantada em 7.270 hectares visto que desse total, 5.782 hectares (79,5%) estão em produção. Mantém-se a produção de café no estado esperada de 223,1 mil sacas, ou 13.385.700 kg, gerando uma produtividade média de 38,59 sc/ha ou 2.314,8 kg/ha.



8.8. MATO GROSSO

O segundo levantamento indica uma área plantada de café de 14.891 ha, queda de 30,4% em relação à safra anterior, quando foi estimado 21.391 mil ha. Com predominância no cultivo do café Robusta ou Conilon, que totaliza 99,5 % da área plantada, espécie melhor adaptada às condições edafoclimáticas do estado. O restante é preenchido pelo café Arábica.

No que diz respeito às características das lavouras, estas são, geralmente, de reprodução por sementes, com poucos tratamentos culturais, manejo inadequado e baixo uso de tecnologia, vindo a exigir, portanto, necessários incentivos para a sua readequação, visando maiores produtividades. Com isso, acredita-se que muitos produtores estariam dispostos a investir na cultura e outros, a ingressar. É importante ressaltar que o segmento produtor envolvido com a cultura no estado é, em sua totalidade, enquadrado como agricultor familiar.

As lavouras estão em fase de maturação e frutificação. Pequena parcela da cultura, algo em torno de 10 a 20%, já passou pelo processo de colheita, cujo ritmo se intensifica em maio e se estende até junho.

Mesmo com o regime de chuvas pouco favorável para a cultura neste ano, prevê-se aumento de 36,3 % na produtividade do café em relação à safra anterior,

8.9. RIO DE JANEIRO

Para esta safra estima-se um acréscimo em torno de 4,4% na área plantada em relação à safra passada. Indica produção estimada em 326,6 mil sacas, representando variação de crescimento de 5,5%. A produtividade média estimada de 24,95 sc/ha é 1% superior à obtida em 2015.

A área plantada com café arábica no estado soma 13.090 hectares em produção, superior em 552 hectares em relação à safra anterior, que foi de 12.538 hectares.

A produção estimada também registra crescimento para 326,6 mil sc/ha, aumento de 17 mil sacas, quando comparada com a safra anterior, que foi de 309,6 mil sacas.

avançando de 6,34 sc beneficiadas de 60 kg/ha para 8,64 sc/ha, justificado pelo fenômeno de bialidade positiva de produção de café.

Espera-se para o estado, nesta safra, uma produção de aproximadamente 118,9 mil sacas do produto, resultando numa queda de 7 % em relação à produção estimada na safra passada, que foi de 127,9 mil sacas. Os números obtidos neste levantamento mostram que há queda na área na maioria dos municípios produtores. A justificativa para isso, segundo os informantes, seria a falta de incentivo à cultura. Assim, incentivos à cadeia produtiva tornam-se essenciais para a manutenção e crescimento do cultivo de café.

Tais estímulos poderão vir do programa Programa de Incentivo a Cafeicultura (Procafé) a ser lançado pelo governo de Mato Grosso, que tem como objetivo revitalizar a cadeia produtiva de café, através da estruturação de viveiros, distribuição de mudas de café clonal, insumos e assistência técnica aos produtores dos dez municípios com maior produção. Assim, espera-se promover um incremento da produção de café, motivado, principalmente, pelo aumento na produtividade, visto que as mudas de café conilon clonal são mais produtivas que as mudas convencionais presentes na maioria das lavouras do estado.

A produtividade média estimada aumentou para 24,95 sc/ha, superior à safra anterior, que foi de 24,69 sacas.

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bialidade positiva, favorecem as lavouras que encontram-se bem enfolhadas, justificando os ganhos de área, produção e de produtividade em relação à safra passada.

Nas regiões visitadas o plantio do café geralmente tem seu início em outubro e vai até março, isso depende muito das chuvas de outubro, e sua colheita tem seu início em maio e estendendo-se até o início de setembro.





9. RECEITA BRUTA

Tabela 1- Receita bruta - Safra (em R\$ mil)

Local	REC. BRUTA TOTAL 2012-2013	REC. BRUTA TOTAL 2013-2014	REC. BRUTA TOTAL 2014-2015	AUMENTO OU REDUÇÃO - VAR. % (TOTAL - 2014-2015/2013-2014)
Acre	6.058,24	8.612,48	8.655,30	0,50%
Bahia	476.777,89	842.948,76	922.346,49	9,42%
Ceará	9.140,89	9.168,20	11.683,75	27,44%
Distrito Federal	5.056,60	5.103,00	6.927,98	35,76%
Espirito Santo	2.722.571,73	3.125.357,60	3.272.358,31	4,70%
Goiás	64.986,34	78.461,21	82.144,46	4,69%
Mato Grosso	41.385,21	35.237,72	35.106,76	0,37%
Mato Grosso do Sul	7.684,65	8.405,79	7.565,88	9,99%
Minas Gerais	7.704.753,85	9.396.208,77	9.922.769,86	5,60%
Pará	25.167,30	13.937,24	4.177,22	70,03%
Paraná	420.372,32	209.398,19	510.874,31	143,97%
Pernambuco	4.740,33	4.377,12	5.143,46	17,51%
Rio de Janeiro	73.514,88	113.992,18	123.058,35	7,95%
Rondônia	281.155,47	300.332,75	425.302,68	41,61%
São Paulo	1.136.114,66	1.947.920,82	1.802.527,40	7,46%
REGIÃO NORTE	312.381,02	322.882,48	438.135,19	35,69%
REGIÃO NORDESTE	490.659,10	856.494,08	939.173,71	9,65%
REGIÃO CENTRO-OESTE	119.112,81	127.207,72	131.745,09	3,57%
REGIÃO SUDESTE	11.636.955,13	14.583.479,37	15.120.713,93	3,68%
REGIÃO SUL	420.372,32	209.398,19	510.874,31	143,97%
BRASIL (R\$ Mil)	12.979.480,37	16.099.461,84	17.140.642,22	6,47%
TOTAL	175.013.011,29	194.431.569,89	219.190.605,59	12,73%

Fonte: Conab

A receita bruta cresceu nos últimos três anos. A elevação nas duas últimas safras foram mais significativas e a variação apurada na safra 2014/15 em relação à anterior, crescimento de 6,47%. O quadro acima demonstra que a Região Sudeste concentra a maior produção e, portanto, maior valor apurado de receita, com valor acima dos R\$ 15 bilhões de reais. A safra de 2014/15 apresentou crescimento total para a cafeicultura, com valor expressivo de R\$ 17 bilhões de reais. Segue abaixo o comportamento da estrutura apurada de receita bruta para cada Unidade da Federação.

A classificação entre as regiões produtoras estão assim definidas: em primeiro lugar está a Região Sudeste, com 88% da receita apurada; em segundo lugar

a Região Nordeste, com 5,48%; em terceiro a Região Norte, com 2,98%; em quarto lugar a Região Sul, com 2,56% e por final a Região Centro-Oeste, com 0,77%. Percebe-se que o comportamento da produção estabelece o resultado da apuração da receita bruta. Dessa forma, o total produzido e apurado, conforme metodologia de cálculo em âmbito nacional, é de 43.235 (mil toneladas), uma receita bruta total apurada acima de R\$ 17 bilhões de reais e um preço médio praticado de R\$ 396,45 reais.

A produção de café arábica concentra-se em Minas Gerais e São Paulo, enquanto que o produto conilon está mais presente no Espírito Santo, seguido por Bahia e Rondônia.



Gráfico 16 - Receita bruta regionalizada

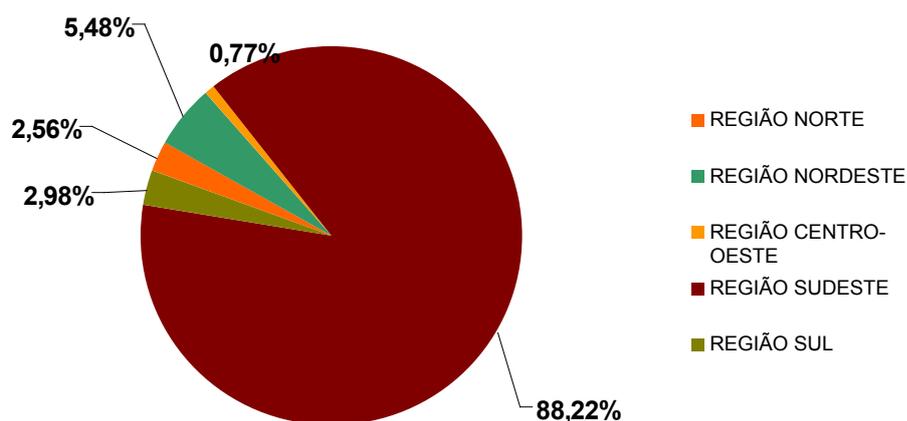


Tabela 2- Evolução da receita bruta por regiões produtoras

Regiões Produtoras	PROD. TOTAL	REC TOTAL (R\$ MIL)	PREÇO MÉD
REGIÃO NORTE	1.777.900	438.135,19	246,43
REGIÃO NORDESTE	2.392.700	939.173,71	392,52
REGIÃO CENTRO-OESTE	398.000	131.745,09	331,02
REGIÃO SUDESTE	37.376.400	15.120.713,93	404,55
REGIÃO SUL	1.290.000	510.874,31	396,03

Fonte:Conab

9.1. ACRE

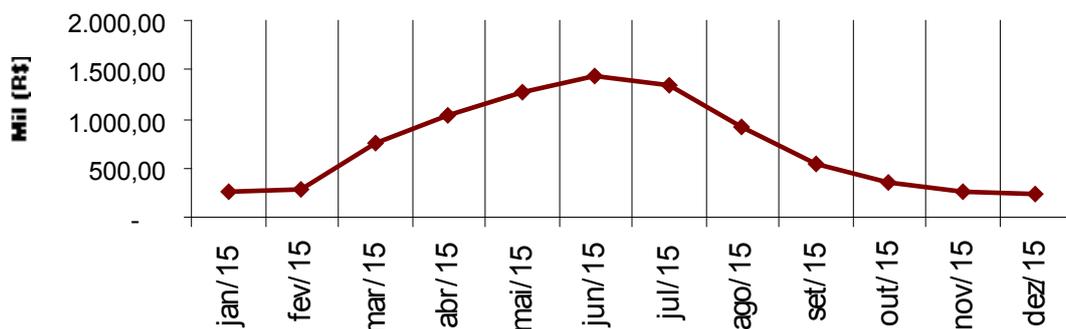
Tabela 3 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	238,00	1.122	267,04	-
fev/15	250,00	1.122	280,50	5,04%
mar/15	250,00	2.992	748,00	166,67%
abr/15	250,00	4.114	1.028,50	37,50%
maí/15	244,00	5.236	1.277,58	24,22%
jun/15	240,00	5.984	1.436,16	12,41%
jul/15	237,00	5.610	1.329,57	7,42%
ago/15	242,50	3.740	906,95	31,79%
set/15	241,00	2.244	540,80	40,37%
out/15	185,30	1.870	346,51	35,93%
nov/15	139,00	1.870	259,93	24,99%
dez/15	156,25	1.496	233,75	10,07%

Fonte:Conab

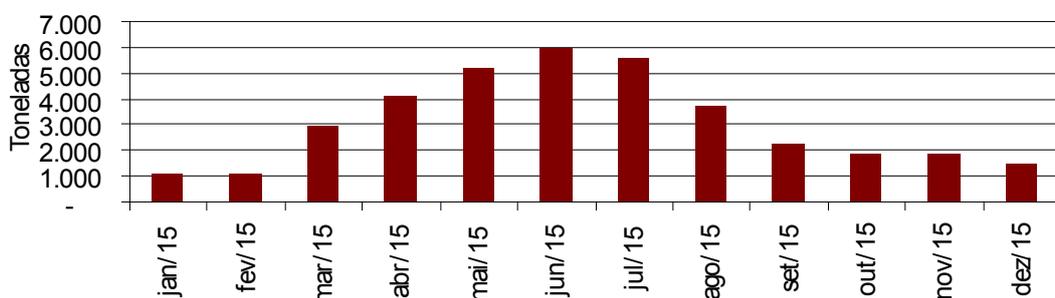


Gráfico 17 - Receita bruta mês a mês



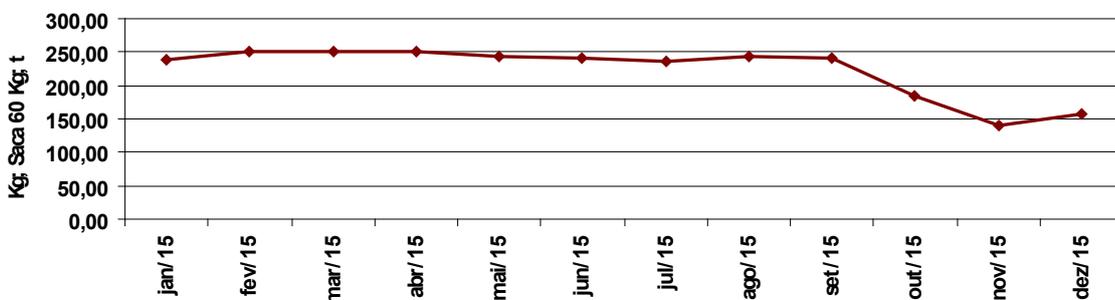
Fonte:Conab

Gráfico 18 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 19 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 231,43, com produção de 37.400 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 8.655,30.



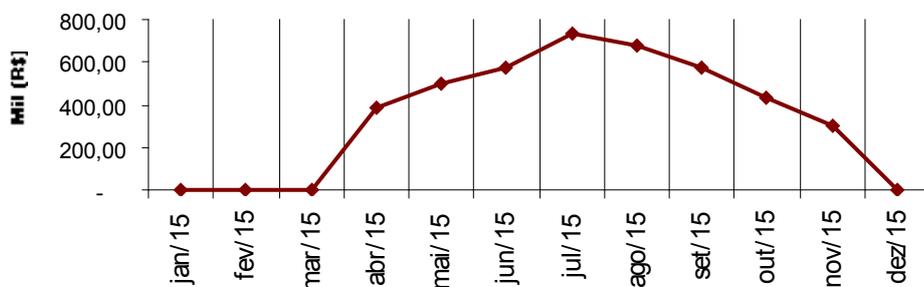
9.2. PARÁ

Tabela 4 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (T.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	231,11	1.660	383,64	-
mai/15	231,44	2.158	499,45	30,19%
jun/15	231,53	2.490	576,51	15,43%
jul/15	245,19	2.988	732,63	27,08%
ago/15	253,96	2.656	674,52	7,93%
set/15	266,57	2.158	575,26	14,72%
out/15	291,59	1.494	435,64	24,27%
nov/15	300,78	996	299,58	31,23%
dez/15	-	-	-	100,00%

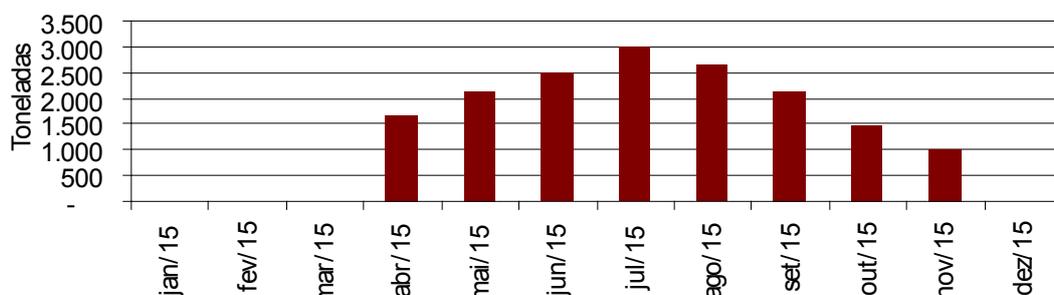
Fonte:Conab

Gráfico 20 - Receita bruta mês a mês



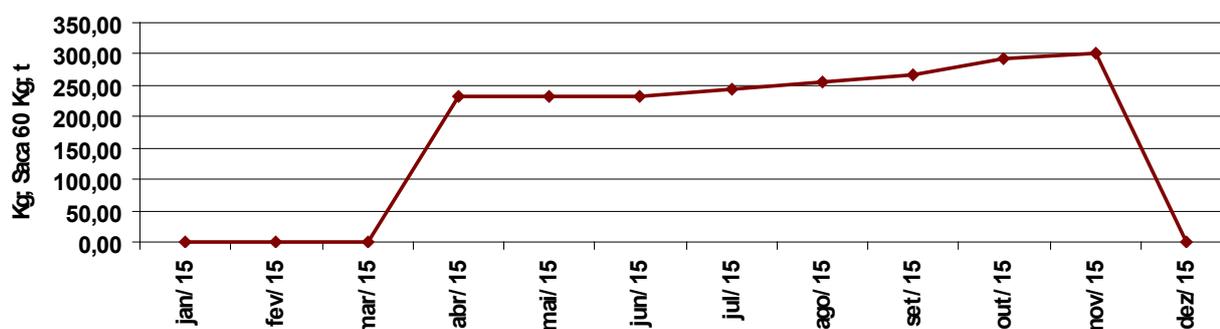
Fonte:Conab

Gráfico 21 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 22 - Preços mês a mês



Fonte:Conab



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

novembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 251,64, com produção de 16.600 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 4.177,22.

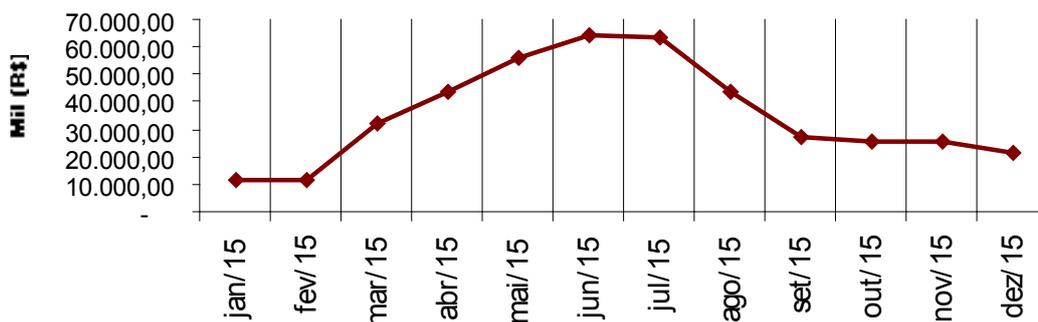
9.3. RONDÔNIA

Tabela 5 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	218,48	51.717	11.299,13	-
fev/15	220,89	51.717	11.423,77	1,10%
mar/15	232,22	137.912	32.025,92	180,34%
abr/15	231,11	189.629	43.825,16	36,84%
mai/15	231,44	241.346	55.857,12	27,45%
jun/15	231,53	275.824	63.861,53	14,33%
jul/15	245,19	258.585	63.402,46	0,72%
ago/15	253,96	172.390	43.780,16	30,95%
set/15	266,57	103.434	27.572,40	37,02%
out/15	291,59	86.195	25.133,60	8,85%
nov/15	300,78	86.195	25.925,73	3,15%
dez/15	307,38	68.956	21.195,70	18,24%

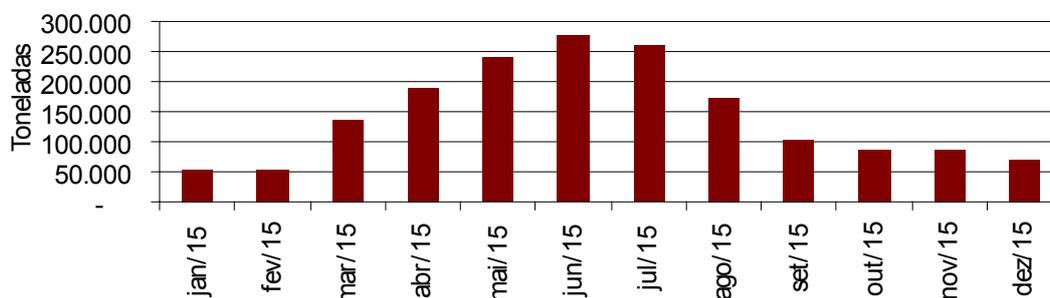
Fonte:Conab

Gráfico 23 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

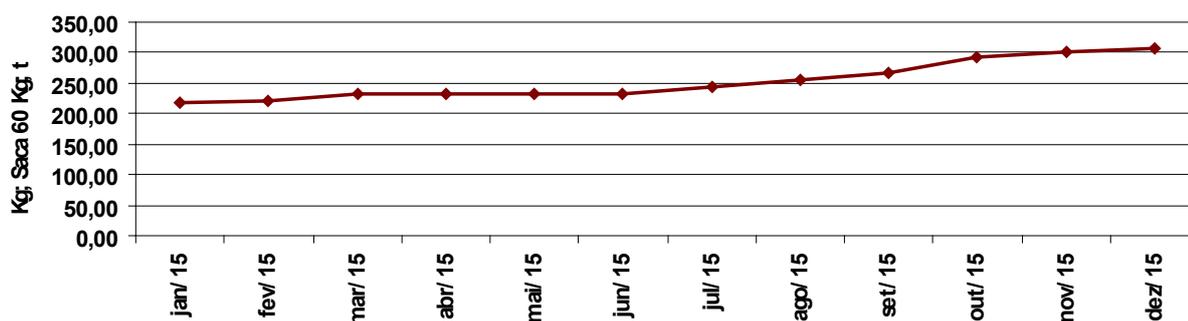
Gráfico 24 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 25 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, a produção/comercialização da produção neste estado está centralizado de janeiro a dezembro

de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 246,71, com produção de 1.723.900 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 425.302,68.

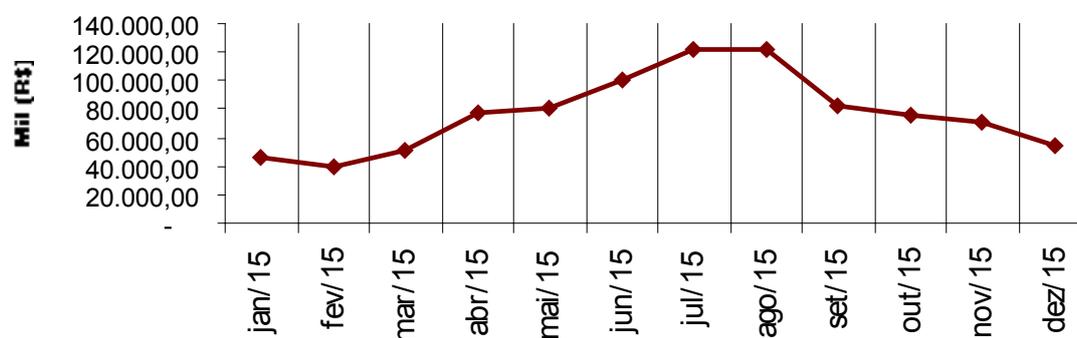
9.4. BAHIA

Tabela 6 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	394,10	117.285	46.222,02	-
fev/15	387,26	100.396	38.879,59	15,89%
mar/15	377,22	134.174	50.612,80	30,18%
abr/15	389,25	200.792	78.157,25	54,42%
mai/15	366,25	221.434	81.100,23	3,77%
jun/15	371,92	268.348	99.804,69	23,06%
jul/15	375,48	325.583	122.249,96	22,49%
ago/15	409,38	298.373	122.147,96	0,08%
set/15	407,42	200.792	81.806,64	33,03%
out/15	427,25	177.335	75.766,79	7,38%
nov/15	415,07	170.767	70.879,82	6,45%
dez/15	419,56	130.421	54.718,75	22,80%

Fonte:Conab

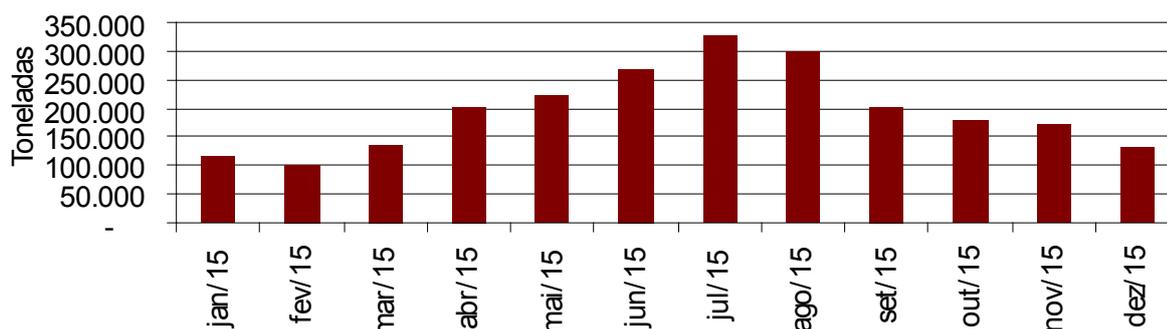
Gráfico 26 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

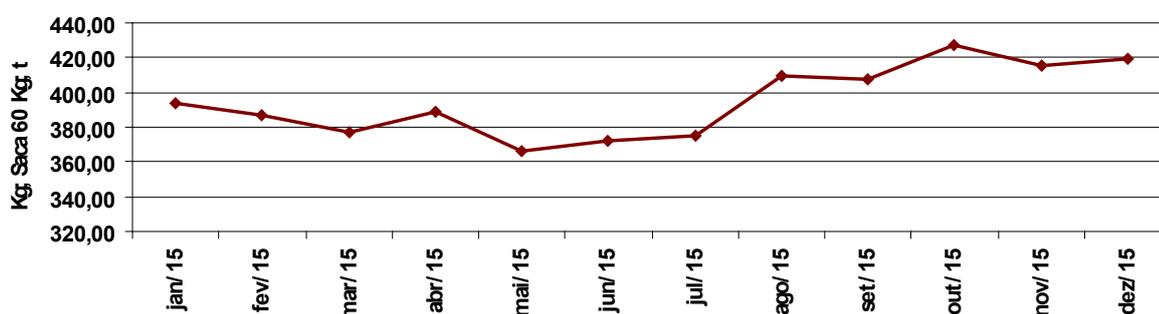


Gráfico 27 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 28 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro

a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 393,21, com produção de 2.345.700 de toneladas e receita bruta apurada de R\$ 922.346,49.

9.5. CEARÁ

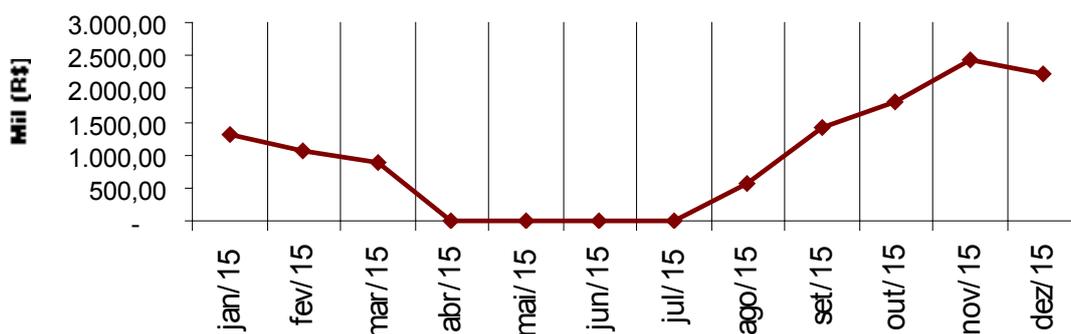
Tabela 7- Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	344,85	3.792	1.307,67	-
fev/15	336,79	3.160	1.064,24	18,62%
mar/15	348,10	2.528	879,98	17,31%
abr/15	-	-	-	100,00%
mai/15	-	-	-	-
jun/15	-	-	-	-
jul/15	-	-	-	-
ago/15	355,18	1.580	561,18	-
set/15	369,53	3.792	1.401,24	149,70%
out/15	380,35	4.740	1.802,84	28,66%
nov/15	386,23	6.320	2.440,97	35,40%
dez/15	391,29	5.688	2.225,63	8,82%

Fonte:Conab

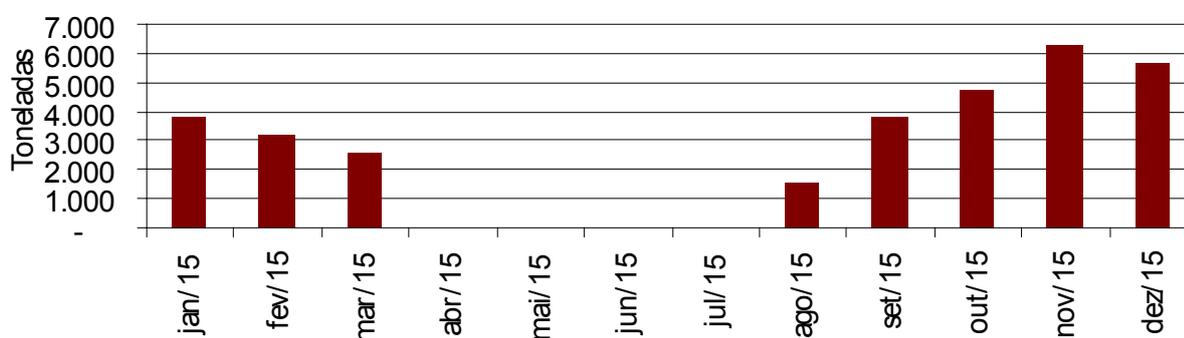


Gráfico 29 - Receita bruta mês a mês



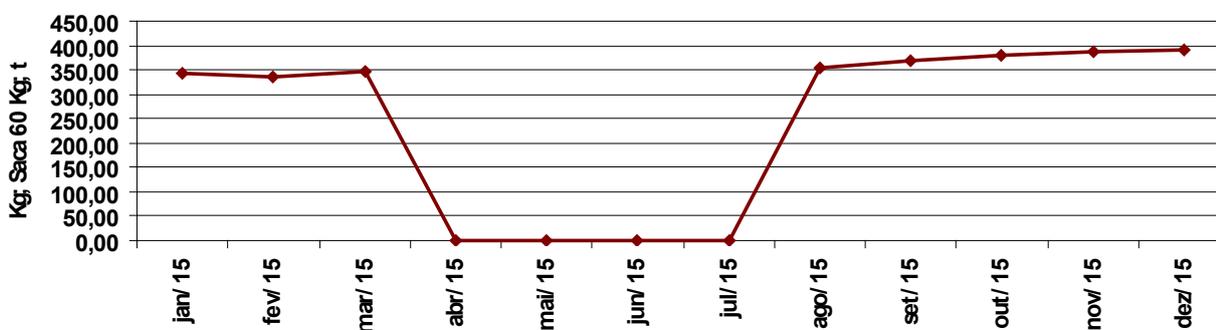
Fonte:Conab

Gráfico 30 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 31 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a mar-

ço e de agosto a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 369,74, com produção de 31.600 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 11.683,75.



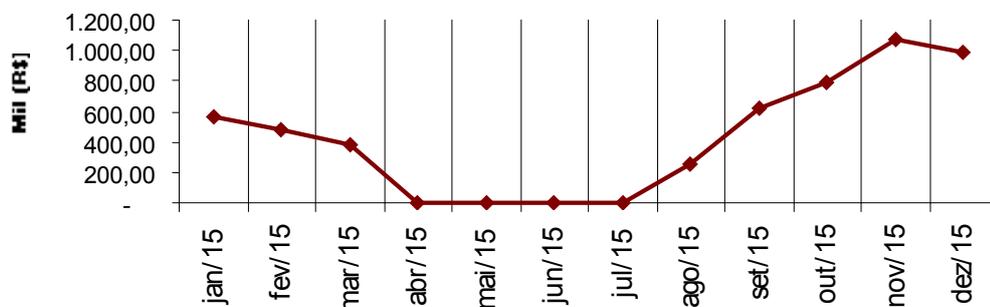
9.6. PERNAMBUCO

Tabela 8 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	305,85	1.848	565,21	-
fev/15	308,23	1.540	474,67	16,02%
mar/15	306,38	1.232	377,46	20,48%
abr/15	-	-	-	100,00%
mai/15	-	-	-	-
jun/15	-	-	-	-
jul/15	-	-	-	-
ago/15	327,59	770	252,24	-
set/15	336,69	1.848	622,20	146,67%
out/15	342,05	2.310	790,12	26,99%
nov/15	349,73	3.080	1.077,17	36,33%
dez/15	355,12	2.772	984,38	8,61%

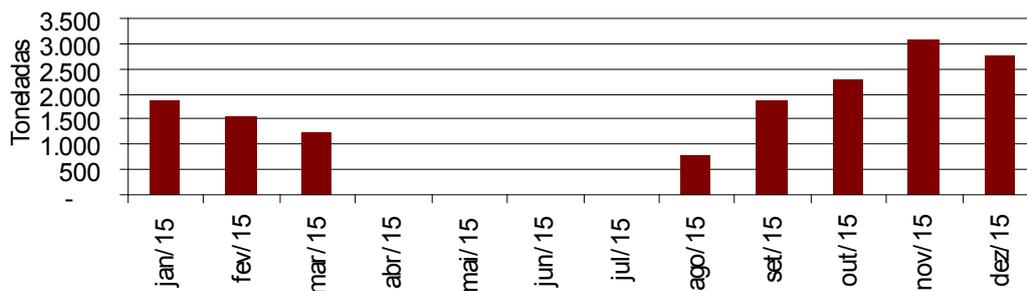
Fonte:Conab

Gráfico 32 - Receita bruta mês a mês



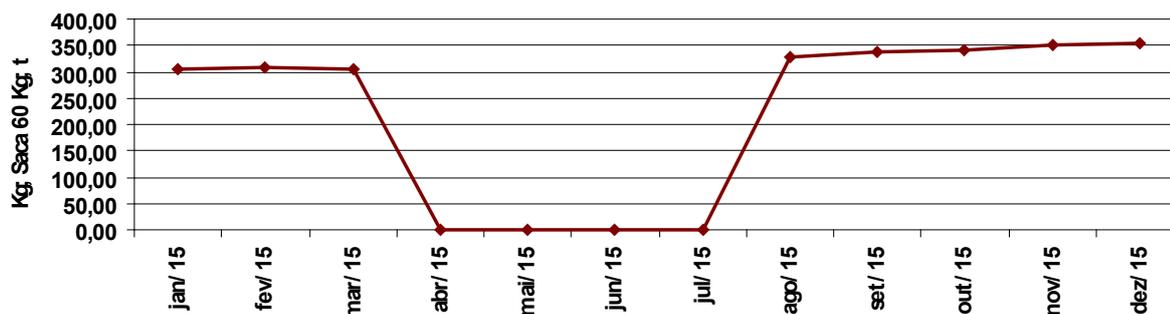
Fonte:Conab

Gráfico 33 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 34 - Preços mês a mês



Fonte:Conab



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a mar-

ço e de agosto a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 333,99, com produção de 15.400 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 5.143,46.

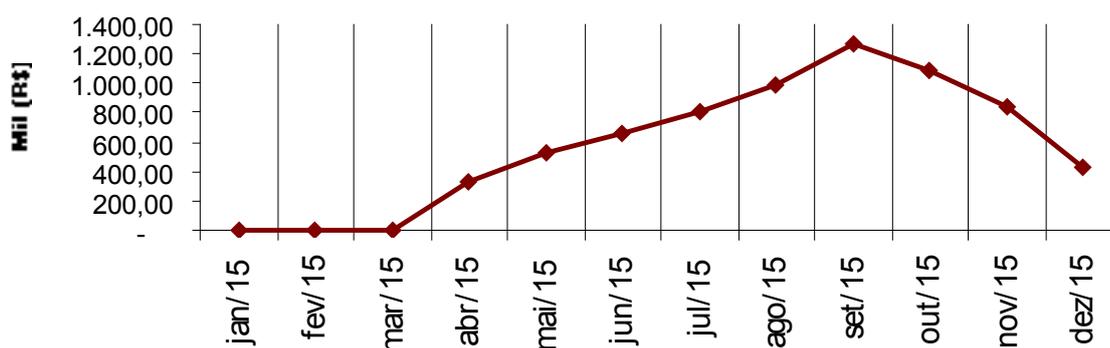
9.7. DISTRITO FEDERAL

Tabela 9 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	302,00	1.090	329,18	-
mai/15	298,10	1.744	519,89	57,93%
jun/15	303,88	2.180	662,46	27,42%
jul/15	308,40	2.616	806,77	21,78%
ago/15	321,25	3.052	980,46	21,53%
set/15	322,88	3.924	1.266,98	29,22%
out/15	330,30	3.270	1.080,08	14,75%
nov/15	324,00	2.616	847,58	21,53%
dez/15	332,25	1.308	434,58	48,73%

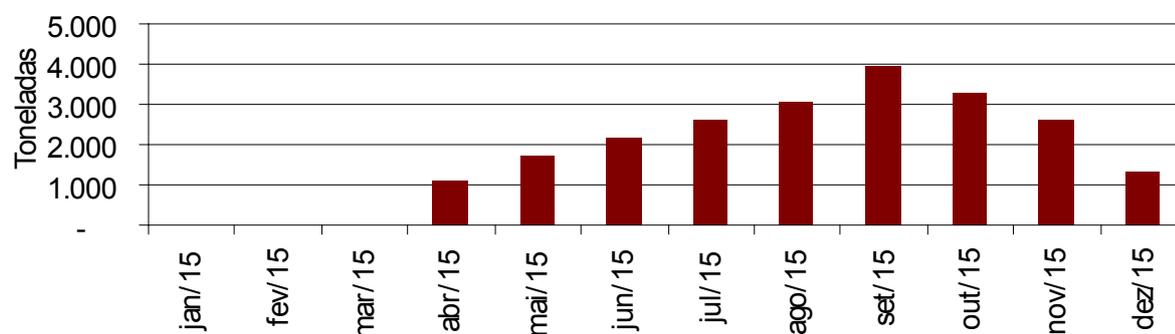
Fonte:Conab

Gráfico 35 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

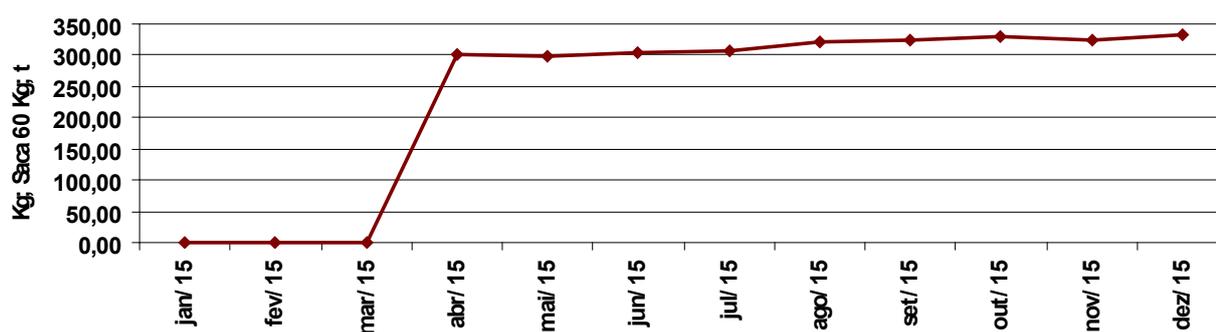
Gráfico 36 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 37 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 317,80, com produção de 21.800 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 6.927,98.

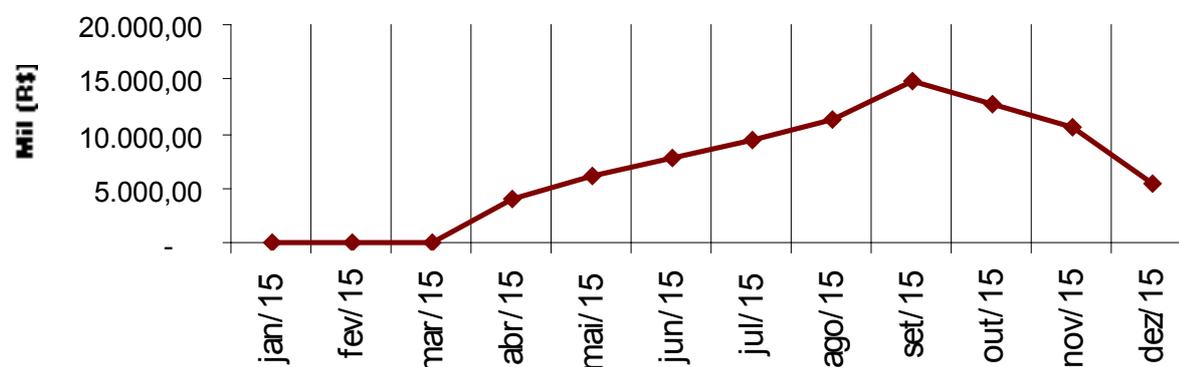
9.8. GOIÁS

Tabela 10 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	352,80	11.310	3.990,11	-
mai/15	335,94	18.096	6.079,17	52,36%
jun/15	345,45	22.620	7.813,97	28,54%
jul/15	343,69	27.144	9.328,99	19,39%
ago/15	357,68	31.668	11.326,85	21,42%
set/15	363,89	40.716	14.815,94	30,80%
out/15	375,23	33.930	12.731,38	14,07%
nov/15	389,12	27.144	10.562,27	17,04%
dez/15	404,94	13.572	5.495,78	47,97%

Fonte:Conab

Gráfico 38 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 39 - Produção mês a mês

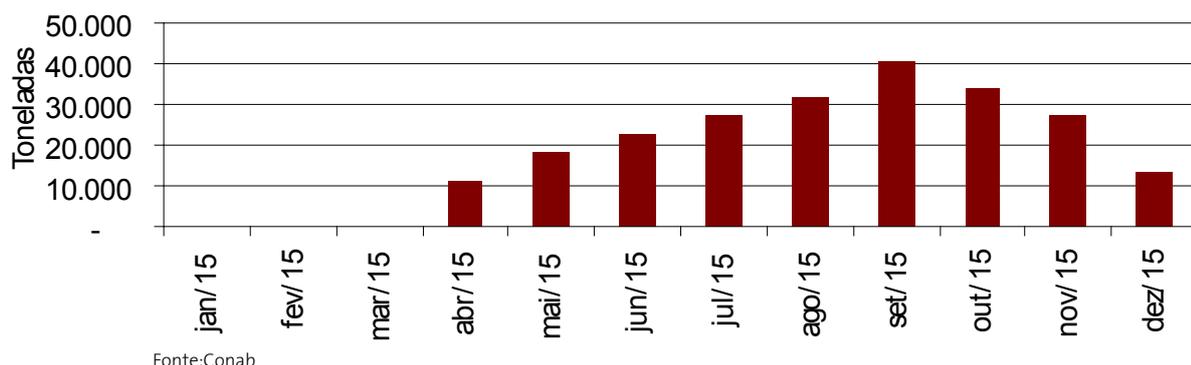
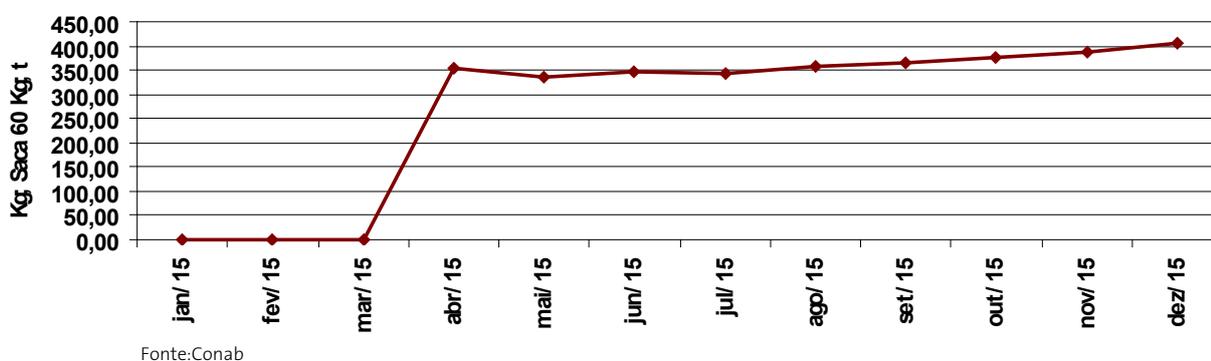


Gráfico 40 - Preços mês a mês



O estado apresentou uma elevação pequena de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado nos meses de

abr. a dez. /2015. Apresentou um preço médio de R\$ 363,15, com produção de 226.200t e receita bruta apurada de R\$ 82.144,46 mil.

9.9. MATO GROSSO DO SUL

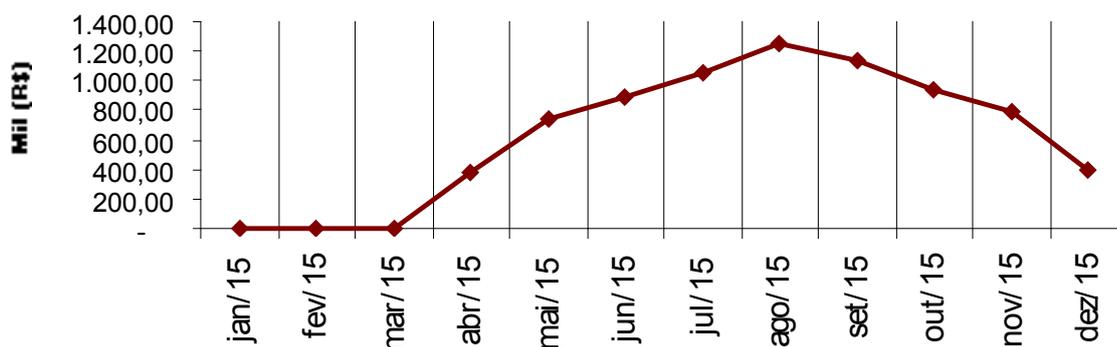
Tabela 11 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	335,83	1.105	371,09	-
mai/15	332,83	2.210	735,54	98,21%
jun/15	335,61	2.652	890,02	21,00%
jul/15	338,46	3.094	1.047,20	17,66%
ago/15	335,18	3.757	1.259,25	20,25%
set/15	342,36	3.315	1.134,91	9,87%
out/15	352,55	2.652	934,95	17,62%
nov/15	358,90	2.210	793,16	15,17%
dez/15	361,78	1.105	399,77	49,60%

Fonte: Conab

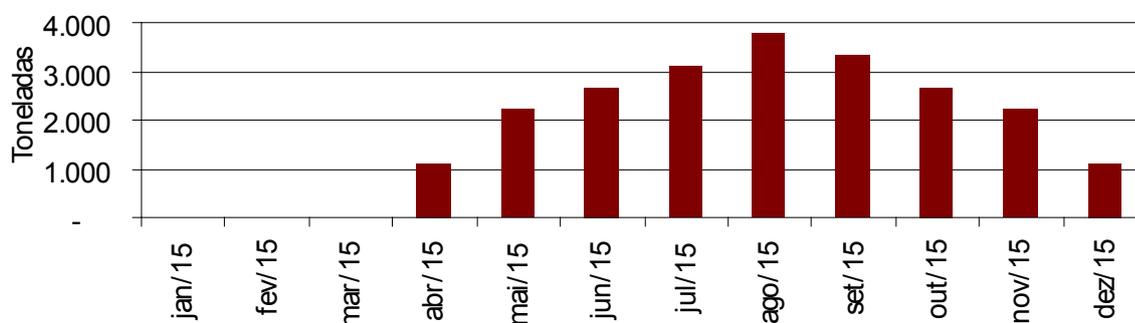


Gráfico 41 - Receita bruta mês a mês



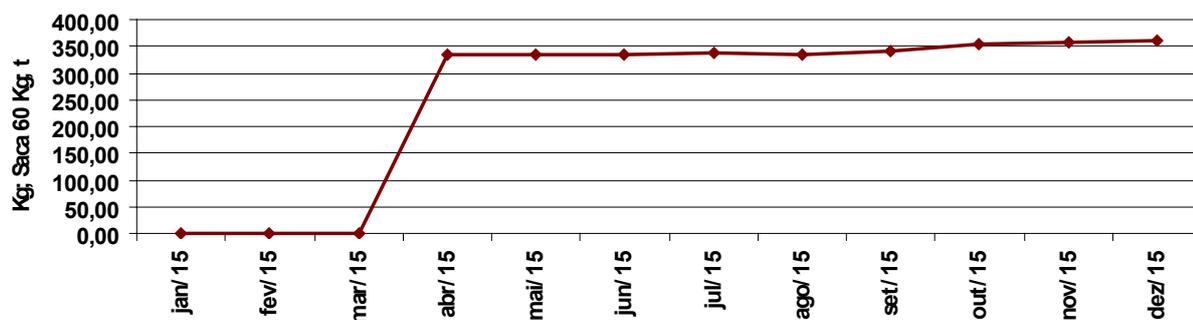
Fonte:Conab

Gráfico 42 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 43 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 342,35, com produção de 22.100 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 7.565,88.



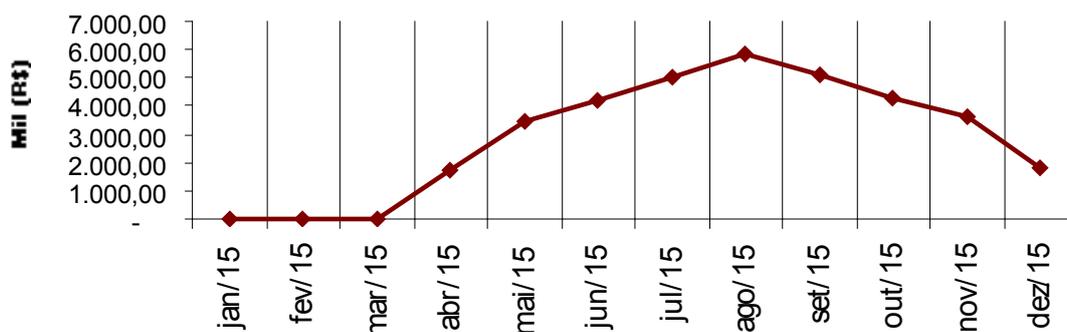
9.10. MATO GROSSO

Tabela 12 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.% (MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	270,00	6.395	1.726,65	-
mai/15	270,00	12.790	3.453,30	100,00%
jun/15	272,50	15.348	4.182,33	21,11%
jul/15	280,00	17.906	5.013,68	19,88%
ago/15	268,00	21.743	5.827,12	16,22%
set/15	268,00	19.185	5.141,58	11,76%
out/15	279,80	15.348	4.294,37	16,48%
nov/15	285,00	12.790	3.645,15	15,12%
dez/15	285,00	6.395	1.822,58	50,00%

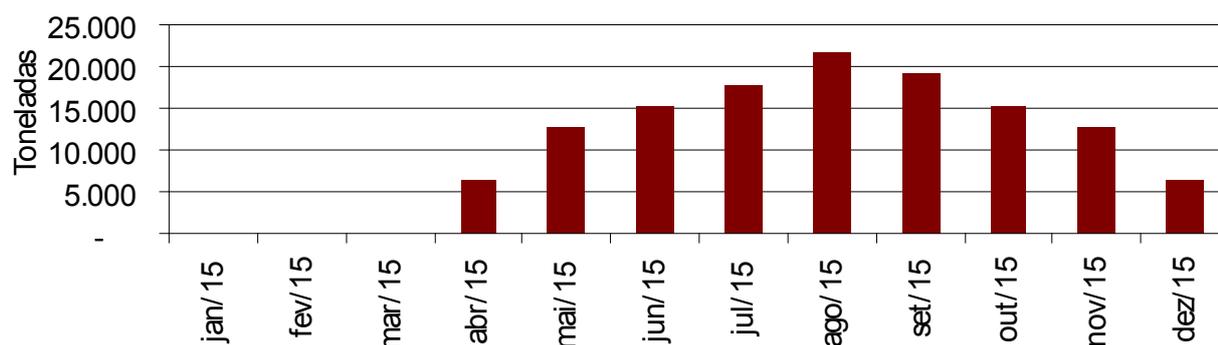
Fonte:Conab

Gráfico 44 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

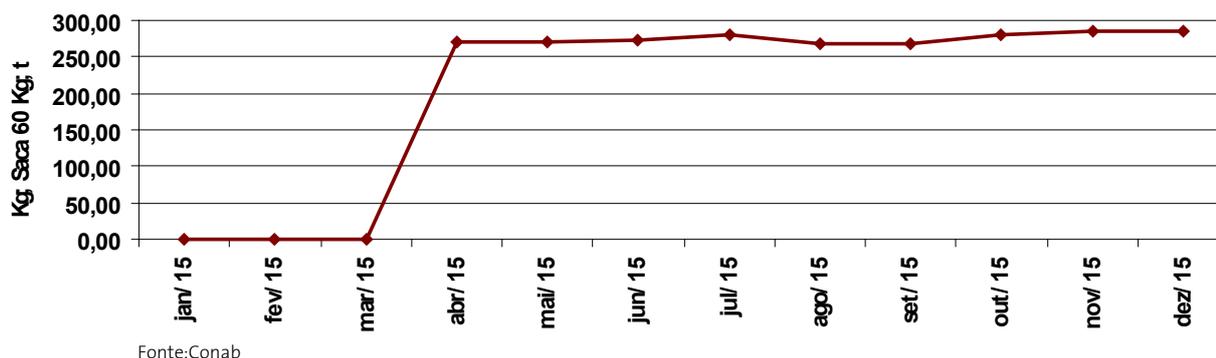
Gráfico 45 - Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 46 - Preços mês a mês



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 274,49, com produção de 127.900 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 35.106,76.

9.11. ESPÍRITO SANTO

Tabela 13 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	272,64	564.960	154.032,95	-
fev/15	286,53	457.960	131.220,93	14,81%
mar/15	288,69	671.960	193.986,25	47,83%
abr/15	287,35	885.960	254.578,83	31,24%
mai/15	281,94	950.160	267.884,31	5,23%
jun/15	287,56	1.164.160	334.763,06	24,97%
jul/15	292,93	1.455.200	426.278,14	27,34%
ago/15	313,40	1.361.040	426.552,66	0,06%
set/15	324,20	1.065.720	345.503,87	19,00%
out/15	340,95	778.960	265.585,48	23,13%
nov/15	348,33	749.000	260.898,27	1,76%
dez/15	354,79	594.920	211.073,57	19,10%

Fonte: Conab

Gráfico 47 - Receita bruta mês a mês

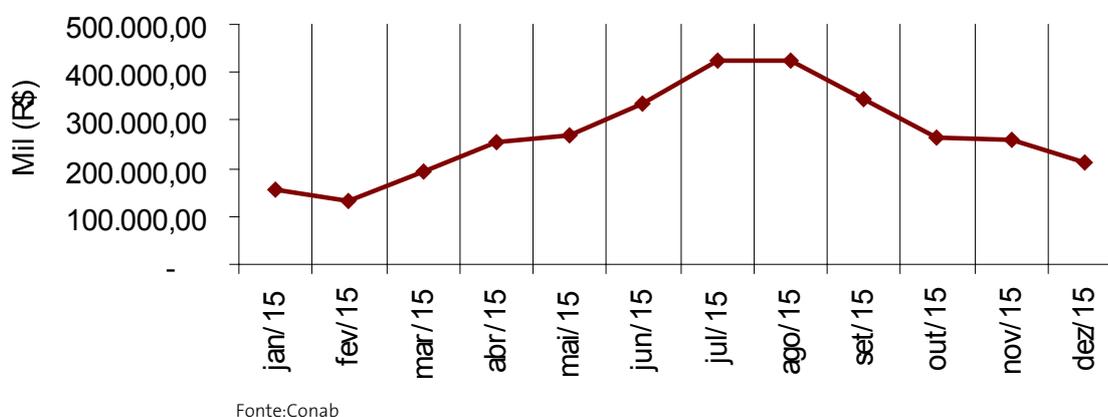
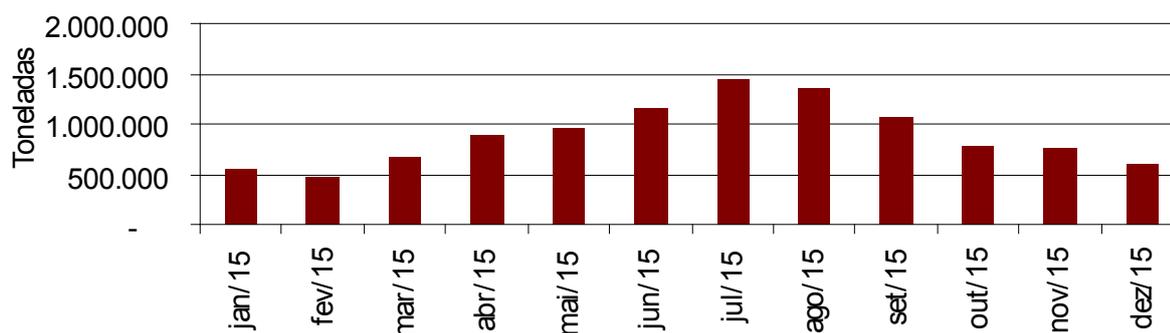
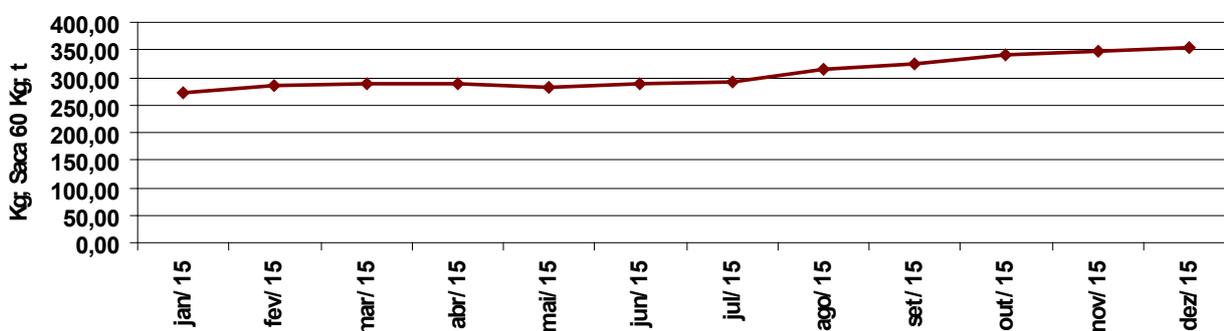


Gráfico 48 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 49 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro

a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 305,83, com produção de 10.700.000 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 3.272.358,31.

9.12. MINAS GERAIS

Tabela 14 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	464,22	1.115.145	517.672,61	-
fev/15	455,93	1.115.145	508.428,06	1,79%
mar/15	439,94	1.115.145	490.596,89	3,51%
abr/15	446,82	2.230.290	996.538,18	103,13%
mai/15	418,13	1.784.232	746.040,93	25,14%
jun/15	417,90	2.230.290	932.038,19	24,93%
jul/15	412,02	2.453.319	1.010.816,49	8,45%
ago/15	453,45	2.676.348	1.213.590,00	20,06%
set/15	448,54	2.230.290	1.000.374,28	17,57%
out/15	471,21	2.007.261	945.841,46	5,45%
nov/15	458,66	1.784.232	818.355,85	13,48%
dez/15	475,58	1.561.203	742.476,92	9,27%

Fonte:Conab



Gráfico 50 - Receita bruta mês a mês

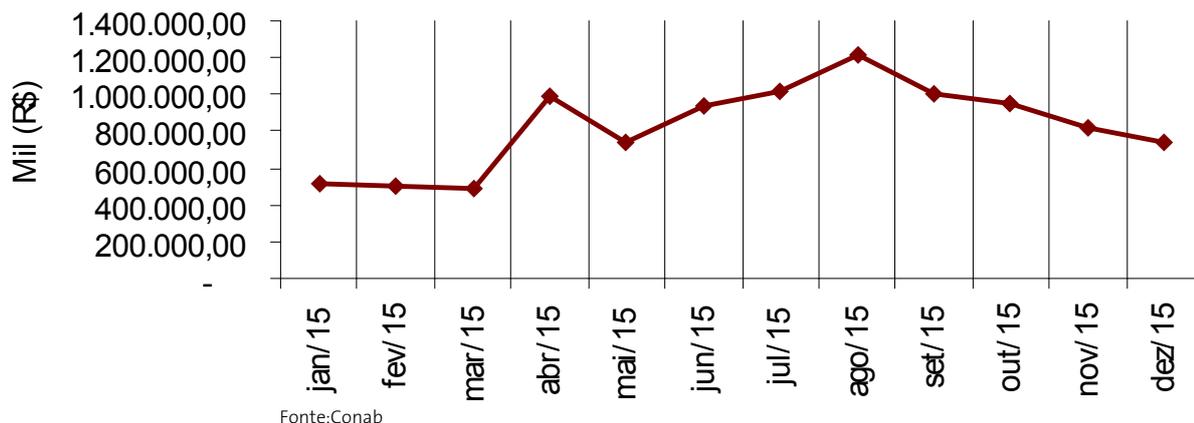


Gráfico 51 - Produção mês a mês

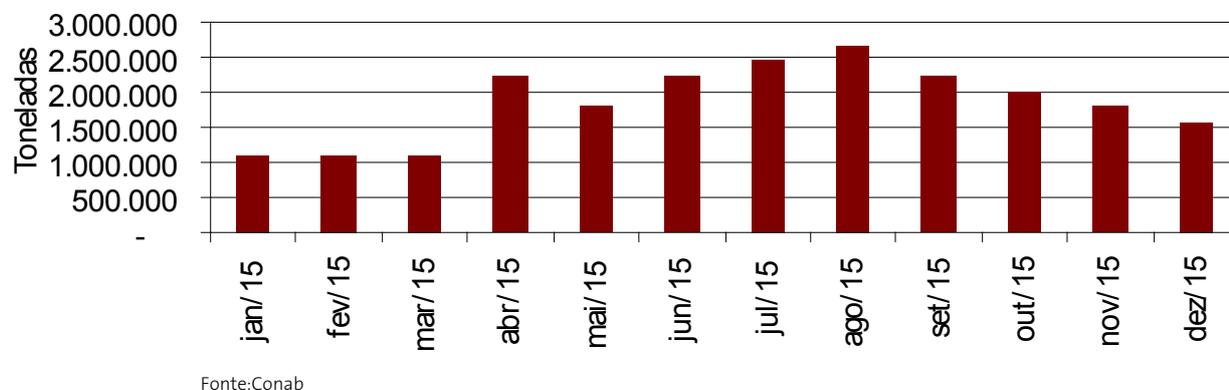
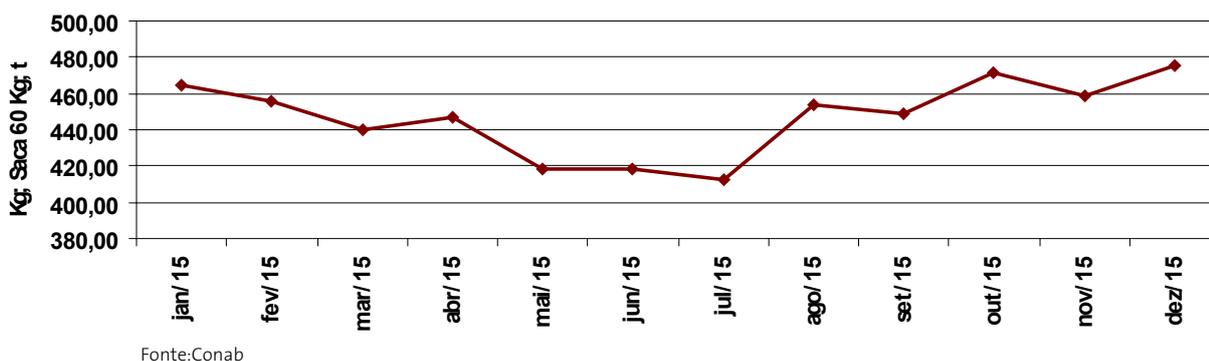


Gráfico 52 - Preços mês a mês



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro

a dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 444,91, com produção de 22.302.900 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 9.922.769,86.



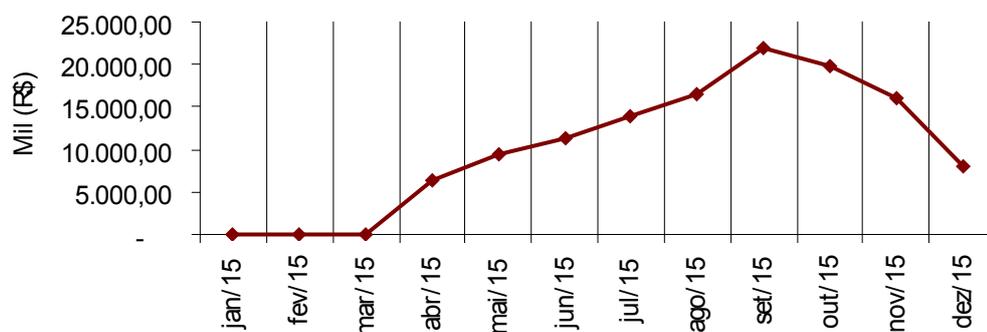
9.13. RIO DE JANEIRO

Tabela 15 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	-	-	-	-
fev/15	-	-	-	-
mar/15	-	-	-	-
abr/15	408,75	15.480	6.327,45	-
mai/15	385,00	24.768	9.535,68	50,70%
jun/15	361,88	30.960	11.203,80	17,49%
jul/15	377,50	37.152	14.024,88	25,18%
ago/15	380,63	43.344	16.498,03	17,63%
set/15	391,63	55.728	21.824,76	32,29%
out/15	424,20	46.440	19.699,85	9,74%
nov/15	431,67	37.152	16.037,40	18,59%
dez/15	425,63	18.576	7.906,50	50,70%

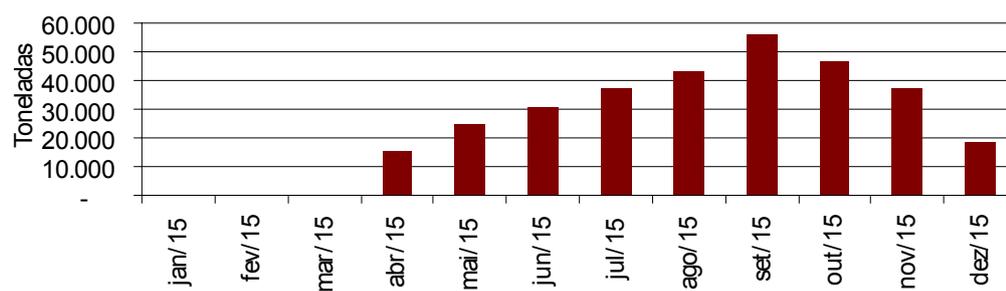
Fonte:Conab

Gráfico 53 - Receita bruta mês a mês



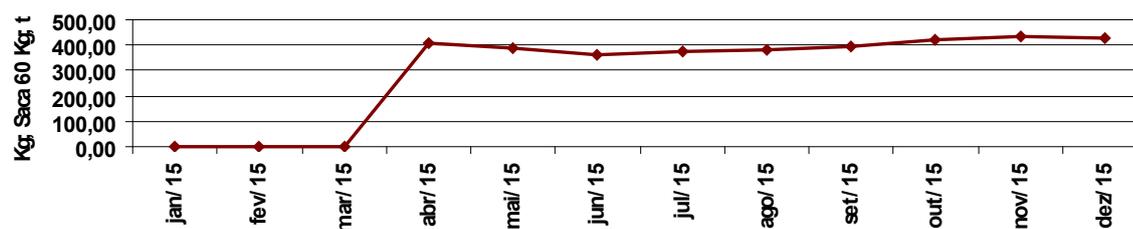
Fonte:Conab

Gráfico 54 - Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 55 - Preços mês a mês



Fonte:Conab



O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de abril a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 397,48, com produção de 309.600 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 123.058,35.

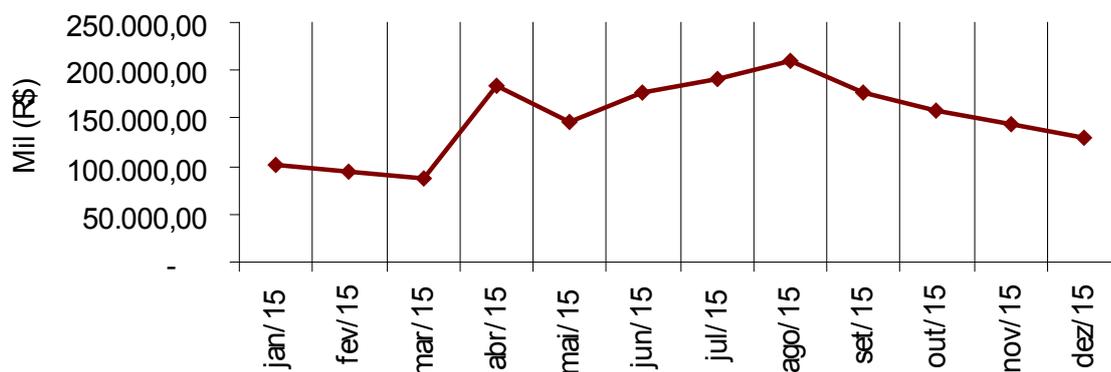
9.14. SÃO PAULO

Tabela 16 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	493,54	203.195	100.284,86	-
fev/15	465,71	203.195	94.629,94	5,64%
mar/15	433,69	203.195	88.123,64	6,88%
abr/15	452,45	406.390	183.871,16	108,65%
mai/15	451,22	325.112	146.697,04	20,22%
jun/15	435,82	406.390	177.112,89	20,73%
jul/15	428,08	447.029	191.364,17	8,05%
ago/15	431,35	487.668	210.355,59	9,92%
set/15	435,34	406.390	176.917,82	15,90%
out/15	435,23	365.751	159.185,81	10,02%
nov/15	443,31	325.112	144.125,40	9,46%
dez/15	456,49	284.473	129.859,08	9,90%

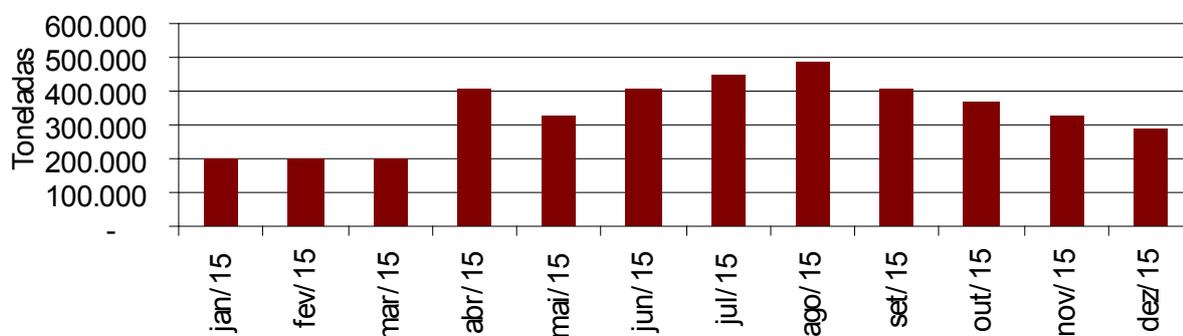
Fonte:Conab

Gráfico 56 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

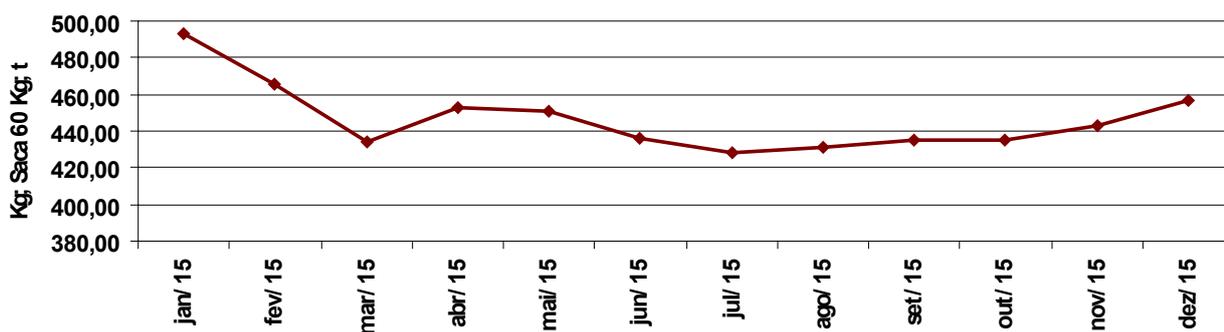
Gráfico 57- Produção mês a mês



Fonte:Conab



Gráfico 58 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 443,55, com produção de 4.063.900 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 1.802.527,40.

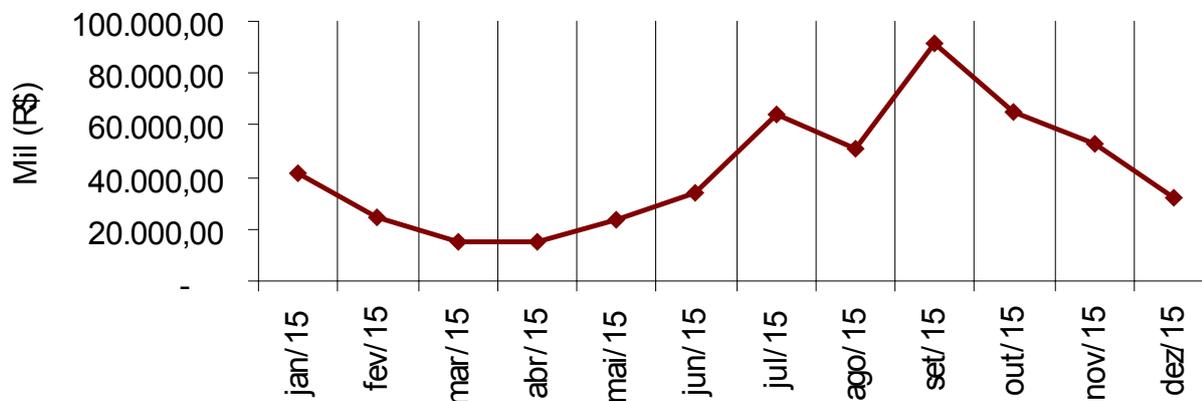
9.15. PARANÁ

Tabela 17 - Receita bruta mês a mês por estado

Mês	PREÇO	PRODUÇÃO (t.)	RECEITA BRUTA	VAR.%(MÊS)
jan/15	399,86	103.200	41.265,55	-
fev/15	386,76	64.500	24.946,02	39,55%
mar/15	383,66	38.700	14.847,64	40,48%
abr/15	380,82	38.700	14.737,73	0,74%
mai/15	368,64	64.500	23.777,28	61,34%
jun/15	377,06	90.300	34.048,52	43,20%
jul/15	383,06	167.700	64.239,16	88,67%
ago/15	397,39	129.000	51.263,31	20,20%
set/15	394,48	232.200	91.598,26	78,68%
out/15	418,75	154.800	64.822,50	29,23%
nov/15	410,51	129.000	52.955,79	18,31%
dez/15	418,25	77.400	32.372,55	38,87%

Fonte:Conab

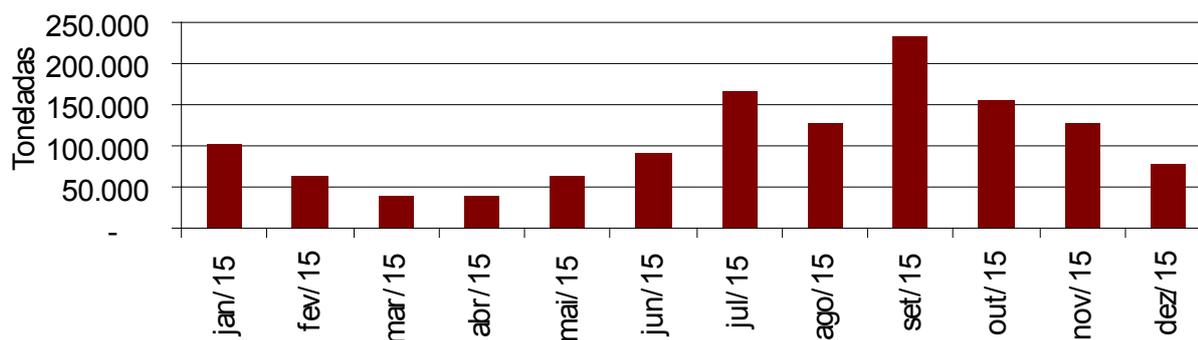
Gráfico 59 - Receita bruta mês a mês



Fonte:Conab

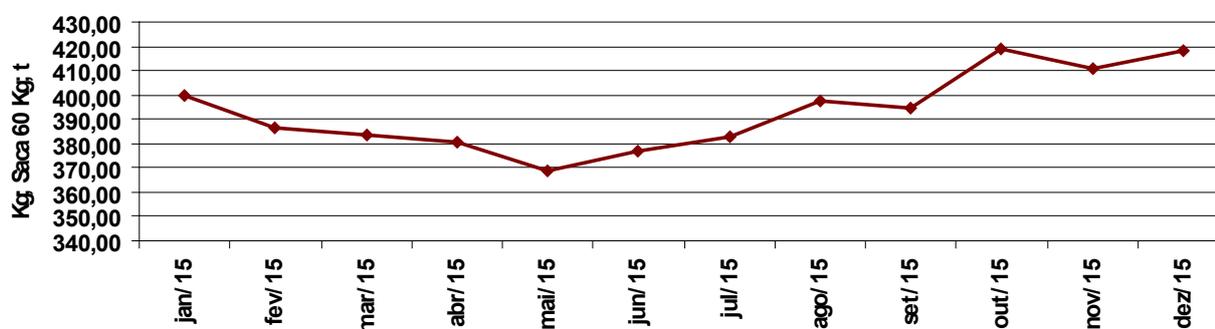


Gráfico 60- Produção mês a mês



Fonte:Conab

Gráfico 61 - Preços mês a mês



Fonte:Conab

O estado apresentou uma pequena elevação de receita bruta, o comportamento da produção/comercialização neste estado está centralizado de janeiro a

dezembro de 2015. Apresentou um preço médio de R\$ 396,03, com produção de 1.290.000 toneladas e receita bruta apurada de R\$ 510.874,31.





10. CUSTOS DE PRODUÇÃO

A cultura do café está distribuída no país de acordo com as espécies cultivadas. Os estados do Sudeste, destacando-se Minas Gerais e São Paulo, agregam a maior parte da produção do café arábica (*Coffea arabica*) e, para o café conilon (*Coffea canephora*), o Espírito Santo e Rondônia se destacam na liderança como maiores produtores brasileiros.

Observamos que os cafeicultores estão bastante conscientes, adotando boas práticas agrícolas, principalmente em seleção de cultivares mais adaptadas, irrigação, adubação adequada, manejo integrado de pragas, mecanização, etc. Avança-se em tecnologia e o resultado é a obtenção de alto potencial de produtividade das suas lavouras e redução de custos.

Na tabela a seguir demonstra-se os resultados comparativos dos custos de produção de café arábica e conilon, elaborados por esta Companhia para os anos de 2015 e 2016. Verifica-se que o valor apurado para o sistema mecanizado de R\$ 290,35 por saca de 60 quilos é inferior em 25,75% ao sistema manual, que é de R\$ 365,13 a saca de 60 quilos. A utilização da mão de obra em algumas operações, principalmente no plantio e colheita, é muito onerosa devido à carência de trabalhadores temporários. Isso fez os valores praticados no mercado para os diaristas ficarem muitos dispendiosos e a opção mais viável foi partir para a mecanização, obtendo-se também melhor desempenho econômico da atividade para o produtor.

Tabela 18- Café arábica - Comparação CV (R\$/60 kg)

UF	Município	Tecnologia	Data Levantamento	Produtividade	jun/15	abr/16	VAR (%)
ES	Venda Nova	Manual	9/12/2014	1.800	325,28	337,13	3,64%
MG	Guaxupé	Manual	5/12/2014	1.800	386,54	408,17	5,60%
MG	Manhuaçu	Manual	26/12/2015	1.440	-	362,29	PCTE Novo
PR	Londrina	Manual	31/7/2012	1.800	340,64	352,94	3,61%
Média				1.710	343,15	365,13	6,41%
MG	São Sebastião do Paraíso	Semi Mecanizado	20/11/2013	1.800	334,27	365,44	9,32%
Média				1.800	334,27	365,44	9,32%
BA	Luís Eduardo Magalhães	Mecanizado	14/8/2012	3.000	238,92	240,72	0,75%
GO	Cristalina	Mecanizado	13/12/2013	3.300	228,89	252,39	10,27%
MG	Guaxupé	Mecanizado	5/12/2014	1.800	308,95	311,47	0,82%
MG	Patrocínio	Mecanizado	22/11/2013	1.800	293,14	312,83	6,72%
MG	São Sebastião do Paraíso	Mecanizado	20/11/2013	1.800	298,55	322,23	7,93%
SP	Franca	Mecanizado	20/11/2013	1.800	302,29	302,46	0,06%
Média				2.250	278,46	290,35	4,27%
Média Geral	CAFÉ ARÁBICA			2.013	307,06	324,37	5,64%

Fonte:Conab

Tabela 19- Café conilon - Comparação CV (R\$/60 kg)

UF	Município	Tecnologia	Data Levantamento	Produtividade	jun/15	abr/16	VAR (%)
ES	Pinheiros	Manual	8/12/2014	3.900	219,18	234,84	7,14%
RO	Cacoal	Irrigado	8/12/2015	3.900	-	143,58	PCTE Novo
RO	Nova Brasilândia	Irrigado	9/12/2015	4.200	-	135,06	PCTE Novo
Média				4.000	219,18	171,16	-21,91%

Fonte:Conab

Como os preços recebidos pelos produtores para o café têm sido remuneradores nos últimos dois anos, a capitalização lhes permitiu adquirirem máquinas e avançarem em tecnologia, de forma que a mecanização da colheita de café já é realidade e avança a cada ano. Os benefícios ficam cada vez mais evidentes e até os pequenos produtores estão também começando a aderir ao sistema. A mecanização mantém um padrão de colheita que faz com que ela seja mais uniforme e evite prejuízos. Além disso, as máquinas permitem que o produtor consiga adequar o ritmo da colheita ao da pós-colheita, que traz benefícios financeiros e reduz os desperdícios.

No caso do café conilon de Rondônia, nos painéis ocorridos no final do ano de 2015 para levantar os coeficientes técnicos dos custos de produção, detectou-se como modal para o estado a adoção de alta tecnologia no cultivo do produto e adoção do sistema de irrigação por aspersão. A produtividade média alcançada a partir do terceiro ano, na fase produtiva, é de 4.050 kg/ha ou 68 sacas de 60 kg. Salientando que nos custos anteriores para a região, no sistema sequeiro, a produtividade era de apenas 25 sc/ha.

Essa boa surpresa, conforme salientado, deve-se ao avanço tecnológico, principalmente na disponibilidade de mudas clonais perfeitamente adaptadas ao

clima e solo da região. Esse trabalho foi executado pela Embrapa, mas também por produtores independentes de mudas. Essas variedades lançadas propiciam boa arquitetura de planta e uniformidade de maturação. Obviamente a produtividade saltou para 68 sc/ha, não somente pela cultivar, mas também e principalmente pela irrigação e pelas boas técnicas agrônômicas, como o uso de fertilizantes, desbrotas, podas e outros tratos culturais. Essa produção de 68 sacos hoje obtida, em média, deve-se também ao fato de que os cafezais ainda são novos, mas já existem propriedades ultrapassando facilmente as 100 sc/ha. Pela adoção dessa nova tecnologia, nos custos de café conilon de Rondônia, se apurou a significativa redução entre anos de 21,9%.

Os resumos dos custos de produção podem ser obtidos na página eletrônica da Conab, na internet, no seguinte endereço:

http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1556&t=2&Pagina_objcmsconteudos=2#A_objcmsconteudos e a Metodologia de Custos de Produção da Conab em:

<http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/0086a569bafb14cebf87bd11936e115..pdf>



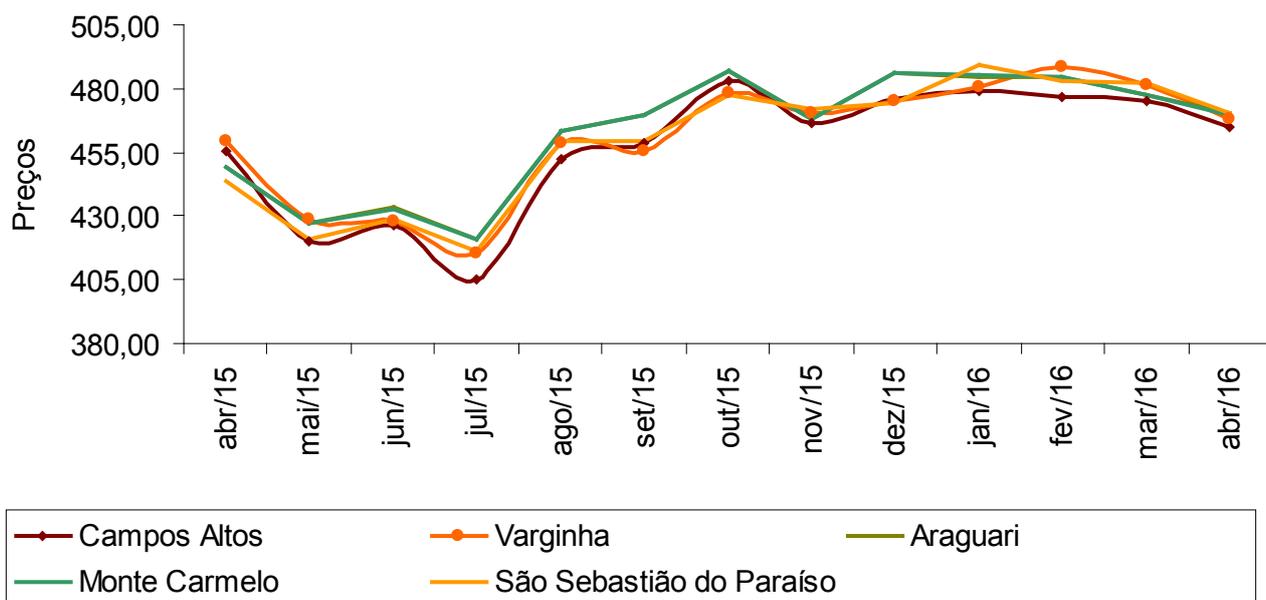


11. PREÇOS DO CAFÉ BENEFICIADO

As regiões produtoras de café, arábica e conilon, no Brasil, está no Paraná, Bahia, Espírito Santo, Rondônia, Minas Gerais e São Paulo, e têm os preços recebidos pelo produtor, para a saca de 60 quilos, acompanhados mês a mês, no período de abril de 2015 a abril de 2016.

Os preços relacionados ao café arábica para os municípios apresentados, referentes a Minas Gerais, refletem comportamento semelhante entre os valores dos distintos municípios. Isto posto, observa-se aumento dos valores recebidos pelos produtores da região entre julho de 2015 e outubro de 2015 e, após esse período, uma manutenção dos preços recebidos até abril de 2016.

Gráfico 62 -Preços café arábica - MG

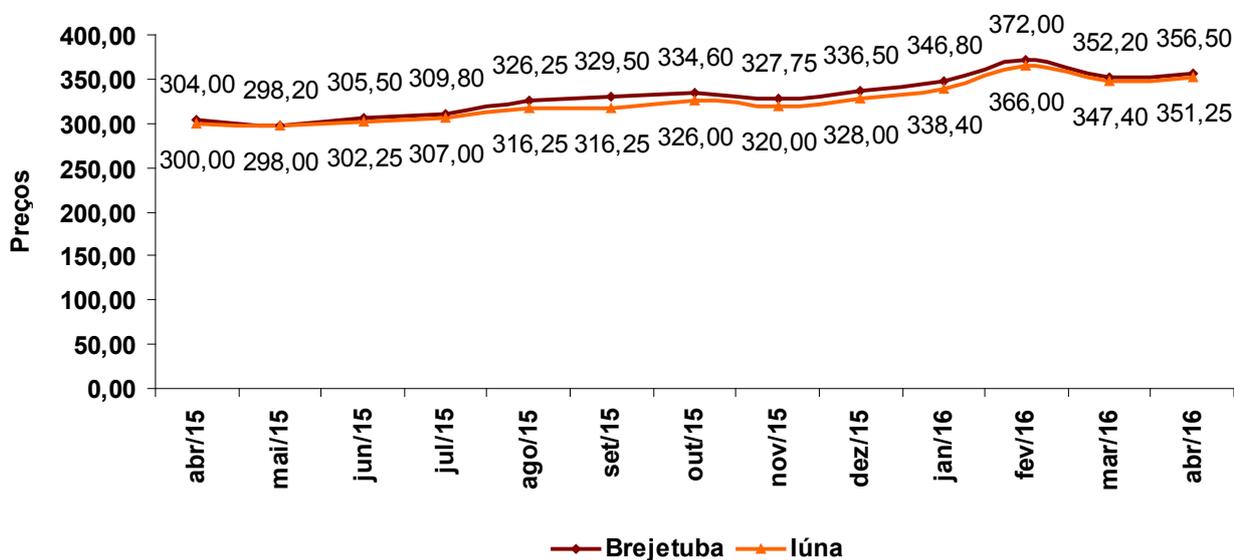


Fonte:Conab

O Espírito Santo apresenta produção relevante tanto para o café arábica como para o conilon. Isto posto, a partir das representações gráficas apresentadas a seguir, pode-se perceber que os preços dos distintos municípios representados apresentam quase inexis-

tente variação entre os respectivos valores, com tendência de estabilização para o café arábica e ligeira tendência de incremento para o café conilon, no período apresentado, de forma análoga ao observado em Minas Gerais.

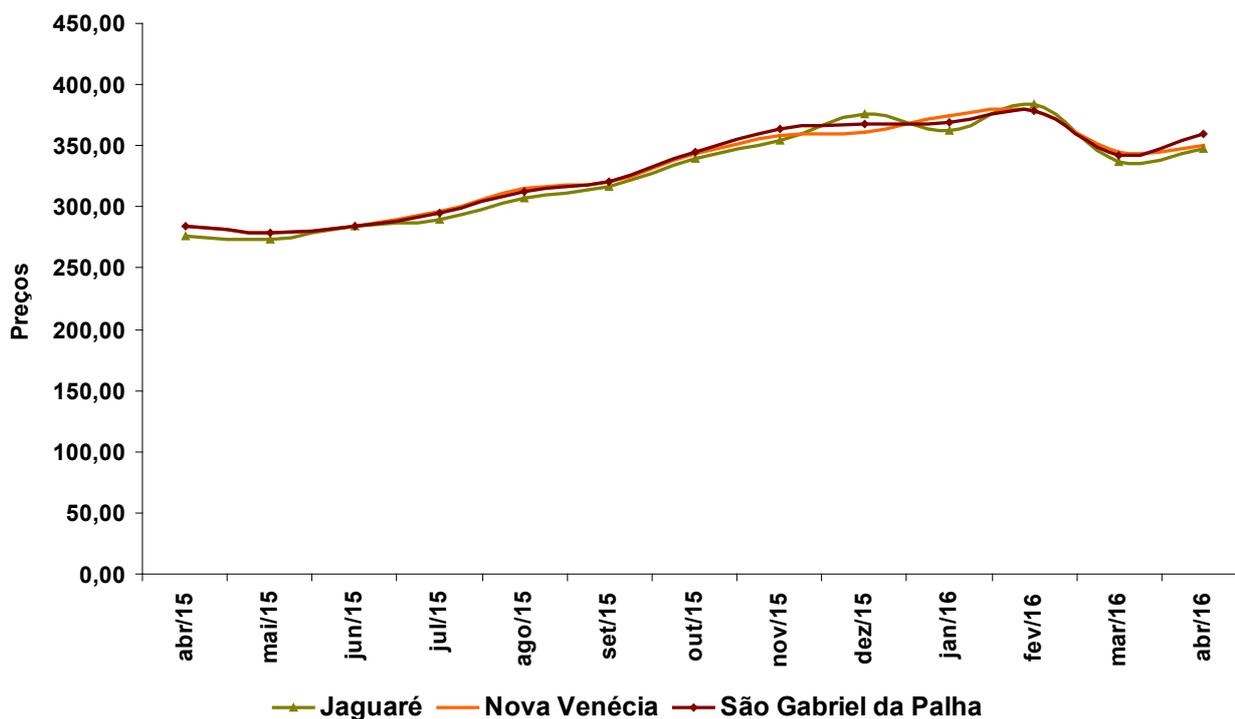
Gráfico 63 -Preços café arábica - ES



Fonte:Conab



Gráfico 64 -Preços café conilon - ES

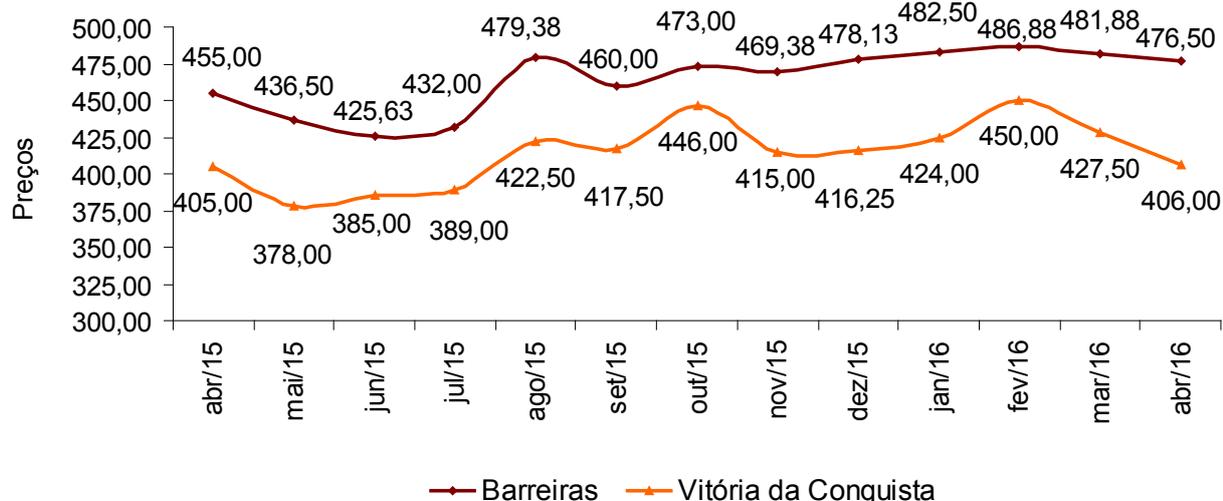


Fonte:Conab

A Bahia está aqui representada pelos municípios produtores de café arábica de Barreiras e Vitória da Conquista. Os preços recebidos pelos produtores nesses municípios apresentam constante diferença, na qual os valores observados em Barreiras são sempre supe-

riores àqueles verificados em Vitória da Conquista. Em agosto de 2015 observou-se pico no preço recebido em Barreiras e em outubro e fevereiro de 2016 picos nos valores referentes à Vitória da Conquista.

Gráfico 65 -Preços café arábica - BA



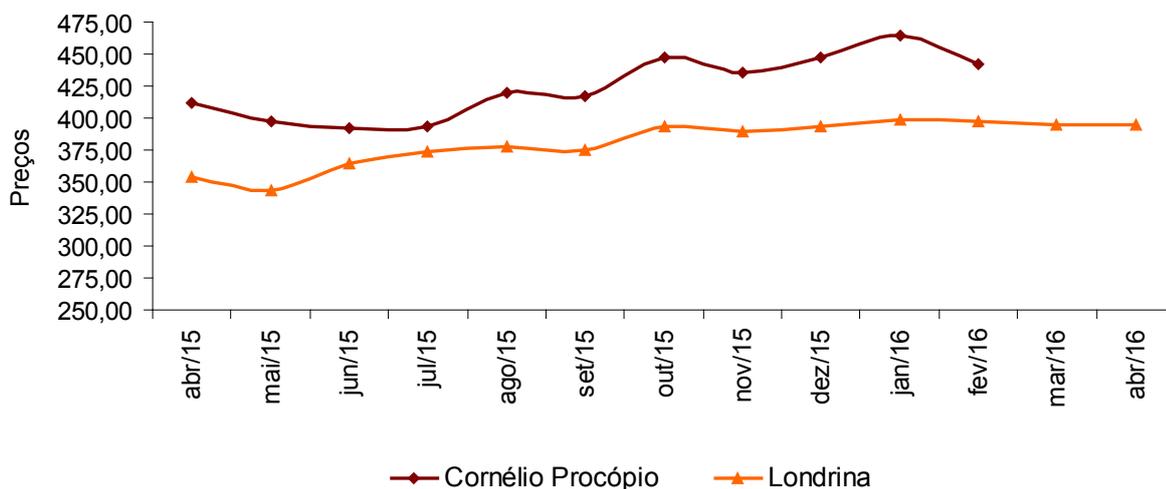
Fonte:Conab



Para o Paraná, apresentam-se dois municípios produtores de café arábica, Cornélio Procópio e Londrina. Os preços recebidos pelo produtor não estão disponíveis para o município de Cornélio Procópio, em março e abril de 2016. A partir da análise da representação

gráfica, a seguir, nota-se um preço médio inferior para o município de Londrina em relação aos valores observados para Cornélio Procópio. Em termos gerais há ligeiro incremento para ambos os municípios nos preços disponíveis para análise.

Gráfico 66 -Preços café arábica - PR

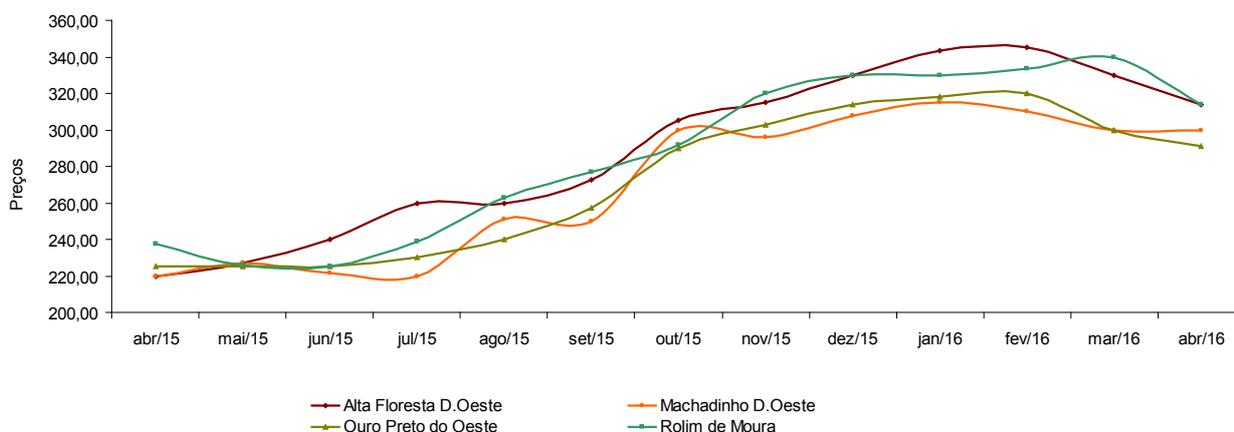


Fonte:Conab

Por fim, Rondônia, forte produtor de café conilon, apresenta variação entre os preços recebidos pelo produtor para os municípios de Alta Floresta D'Oeste, Machadinho D'Oeste, Ouro Preto do Oeste e Rolim de

Moura. Todavia, em média, para o período de abril de 2015 a abril de 2016 observa-se leve tendência de incremento para os valores recebidos pelo produtor dos municípios supracitados.

Gráfico 67 -Preços café conilon -RO



Fonte:Conab





12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Tabela 20 - Síntese do saldo comercial

PERÍODO	SOMA DE US\$			SOMA DE KG			SOMA DE TONELADAS			VAR. % MÊS A MÊS (EX. T.)	VAR. % ACUM. (EX.T.)
	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO COM.	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO COM.	EXPOR- TAÇÃO	IMPOR- TAÇÃO	SALDO COM.		
JAN-14	391.421.811	3.743.000	387.678.811	159.942.608	247.628	159.694.980	159.943	248	159.695		
FEV-14	408.474.512	3.418.465	405.056.047	162.757.117	193.097	162.564.020	162.757	193	162.564	1,76%	1,76%
MAR-14	451.693.821	3.460.790	448.233.031	159.264.386	215.227	159.049.159	159.264	215	159.049	-2,15%	-0,42%
ABR-14	554.116.945	4.317.244	549.799.701	179.391.906	267.835	179.124.071	179.392	268	179.124	12,64%	12,16%
MAI-14	552.767.341	6.679.394	546.087.947	168.671.839	363.468	168.308.371	168.672	363	168.308	-5,98%	5,46%
JUN-14	551.866.760	7.345.605	544.521.155	164.828.299	385.165	164.443.134	164.828	385	164.443	-2,28%	3,05%
JUL-14	582.686.699	6.519.016	576.167.683	174.443.150	357.346	174.085.804	174.443	357	174.086	5,83%	9,07%
AGO-14	567.915.915	5.761.407	562.154.508	168.832.203	347.982	168.484.221	168.832	348	168.484	-3,22%	5,56%
SET-14	614.296.480	2.592.299	611.704.181	173.645.719	170.685	173.475.034	173.646	171	173.475	2,85%	8,57%
OUT-14	692.295.634	7.529.188	684.766.446	191.872.855	382.467	191.490.388	191.873	382	191.490	10,50%	19,96%
NOV-14	613.109.003	4.179.399	608.929.604	177.077.262	297.589	176.779.673	177.077	298	176.780	-7,71%	10,71%
DEZ-14	681.228.473	4.454.746	676.773.727	190.336.023	245.283	190.090.740	190.336	245	190.091	7,49%	19,00%
JAN-15	589.036.755	3.869.866	585.166.889	169.409.030	244.844	169.164.186	169.409	245	169.164	-10,99%	5,92%
FEV-15	540.035.913	5.955.836	534.080.077	156.964.112	289.611	156.674.501	156.964	290	156.675	-7,35%	-1,86%
MAR-15	575.296.904	5.232.371	570.064.533	179.015.848	317.044	178.698.804	179.016	317	178.699	14,05%	11,93%
ABR-15	525.221.458	5.399.646	519.821.812	176.680.329	356.598	176.323.731	176.680	357	176.324	-1,30%	10,46%
MAI-15	483.859.813	10.785.694	473.074.119	164.734.763	616.580	164.118.183	164.735	617	164.118	-6,76%	3,00%
JUN-15	449.591.068	14.244.351	435.346.717	151.239.883	1.082.479	150.157.404	151.240	1.082	150.157	-8,19%	-5,44%
JUL-15	461.010.185	11.129.091	449.881.094	158.097.204	581.671	157.515.533	158.097	582	157.516	4,53%	-1,15%
AGO-15	477.197.497	6.609.607	470.587.890	167.778.489	454.551	167.323.938	167.778	455	167.324	6,12%	4,90%
SET-15	507.078.885	5.450.888	501.627.997	182.463.272	372.944	182.090.328	182.463	373	182.090	8,75%	14,08%
OUT-15	552.403.119	6.860.648	545.542.471	206.073.819	640.382	205.433.437	206.074	640	205.433	12,94%	28,84%
NOV-15	498.330.497	5.779.911	492.550.586	192.646.454	504.936	192.141.518	192.646	505	192.142	-6,52%	20,45%
DEZ-15	499.677.625	2.705.372	496.972.253	186.283.635	214.522	186.069.113	186.284	215	186.069	-3,30%	16,47%
JAN-16	403.561.340	3.642.084	399.919.256	155.395.476	236.616	155.158.860	155.395	237	155.159	-16,58%	-2,84%
FEV-16	447.542.783	4.868.631	442.674.152	168.113.112	439.941	167.673.171	168.113	440	167.673	8,18%	5,11%
MAR-16	454.820.911	4.886.800	449.934.111	174.233.473	351.555	173.881.918	174.233	352	173.882	3,64%	8,93%
TOTAL GLOBAL	14.126.538.147	157.421.349	13.969.116.798	4.660.192.266	10.178.046	4.650.014.220	4.660.192	10.178	4.650.014		-8,27%

Fonte: Agrosat(Mapa).

tações em 36 toneladas e para o saldo comercial uma variação da média de 2.527 toneladas.

A quantidade de café em toneladas apresentou, no período de janeiro 2014 a março de 2016, um crescimento médio de 172.600 toneladas nas exportações e 377 toneladas nas importações, considerados os 27 meses apurados. Neste período, a produção média oscilou nas exportações em 2.524 toneladas, nas impor-

Observa-se, na tabela abaixo, que os valores de produção máxima exportada foi de 206.074 toneladas e a importação máxima observada foi de 1.082 toneladas. Esse comportamento é fruto da atividade produtiva da cafeicultura nacional para o período analisado, o que caracteriza sua produção e vocação para o mer-



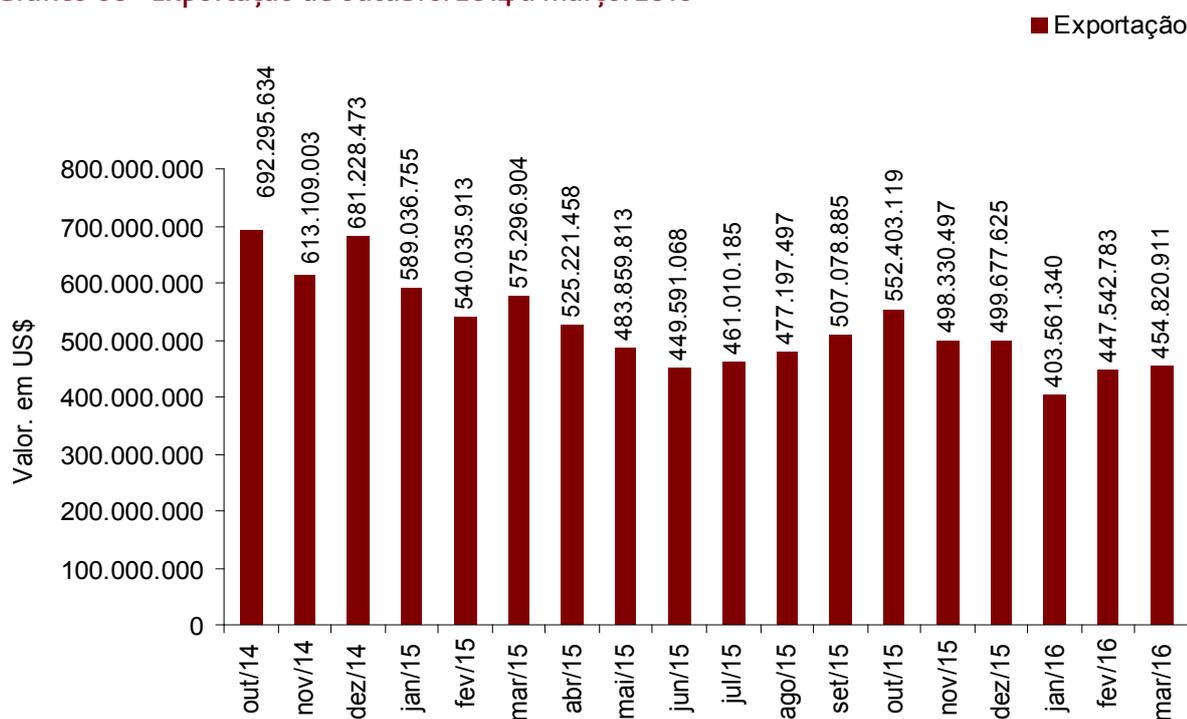
Tabela 21 - Produção em toneladas

EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO COMERCIAL	
Média	172.600	Média	377	Média	172.223
Erro padrão	2.524	Erro padrão	36	Erro padrão	2.527
Mediana	169.409	Mediana	352	Mediana	169.164
Desvio padrão	13.114	Desvio padrão	189	Desvio padrão	13.132
Variância da amostra	171980063,3	Variância da amostra	35575,41381	Variância da amostra	172449650,5
Curtose	0,189339	Curtose	6,721352	Curtose	0,147498
Assimetria	0,629962	Assimetria	2,221323	Assimetria	0,598360
Intervalo	54.834	Intervalo	912	Intervalo	55.276
Mínimo	151.240	Mínimo	171	Mínimo	150.157
Máximo	206.074	Máximo	1.082	Máximo	205.433
Soma	4.660.192	Soma	10.178	Soma	4.650.014
Contagem	27	Contagem	27	Contagem	27

O potencial exportador é representativo em termos de valores nominais. Nota-se pela Tabela 18, que houve um declínio das exportações em valores nominais

(US\$), redução observada desde outubro de 2014. O gráfico abaixo mostra o declínio.

Gráfico 68 - Exportação de outubro/2014 a março/2016



O quadro resumido das exportações, importações e saldo comercial estão a seguir. Nesse, verifica-se um comportamento médio no Saldo Comercial de US\$ 517.374.696. Atualmente o Saldo em dólares está abai-

xo da média com valor de US\$ 454.820.911, entretanto, este valor é superior quando se observa os três últimos meses do ano corrente (Tabela 18).



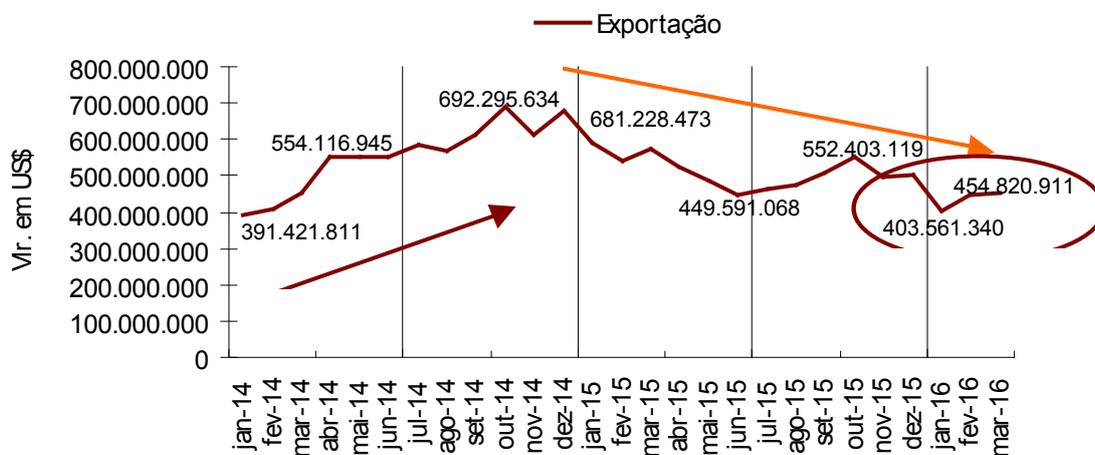
Tabela 22 - Produção em US\$

EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO COMERCIAL	
Média	523.205.117	Média	5.830.420	Média	517.374.696
Erro padrão	15.147.076	Erro padrão	514.155	Erro padrão	15.195.344
Mediana	525.221.458	Mediana	5.399.646	Mediana	519.821.812
Desvio padrão	78.706.514	Desvio padrão	2.671.629	Desvio padrão	78.957.322
Variância da amostra	6,19472E+15	Variância da amostra	7,1376E+12	Variância da amostra	6,23426E+15
Curtose	-0,306724	Curtose	3,054530	Curtose	-0,374571
Assimetria	0,309912	Assimetria	1,623759	Assimetria	0,325163
Intervalo	300.873.823	Intervalo	11.652.052	Intervalo	297.087.635
Mínimo	391.421.811	Mínimo	2.592.299	Mínimo	387.678.811
Máximo	692.295.634	Máximo	14.244.351	Máximo	684.766.446
Soma	14.126.538.147	Soma	157.421.349	Soma	13.969.116.798
Contagem	27	Contagem	27	Contagem	27

O desempenho da agricultura cafeeira no primeiro trimestre de 2016 apresentou um crescimento no nível de exportação em toneladas, o que justifica os ganhos em dólares. Por meio do gráfico a seguir, visualiza-se o crescimento das exportações nos semestres a partir de jan. 2014. Desde então, observa-se alta nas exportações em dólares até novembro de 2014 e posterior declínio até o momento atual.

A partir de junho de 2015 as importações em toneladas decresceram e as exportações seguiram em sentido contrário. É importante observar que as exportações em toneladas cresceram de janeiro de 2014 a janeiro de 2015 a taxa acumulada de 5,92%, visto que de janeiro de 2015 a janeiro de 2016 apresentou queda acumulada de - 8,27%.

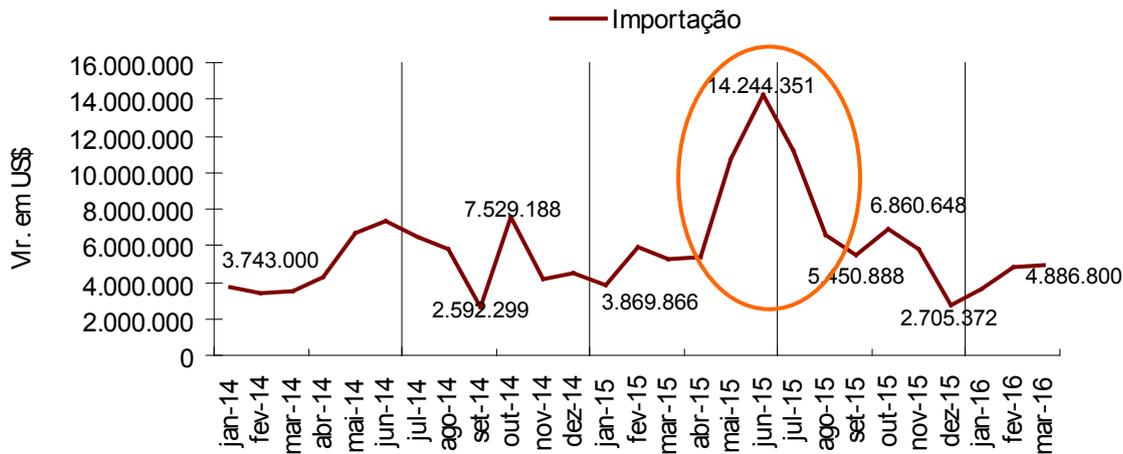
Gráfico 69 - Exportação de café em US\$ - Janeiro/2014 a março/2016



Fonte: Agrosat (Mapa).

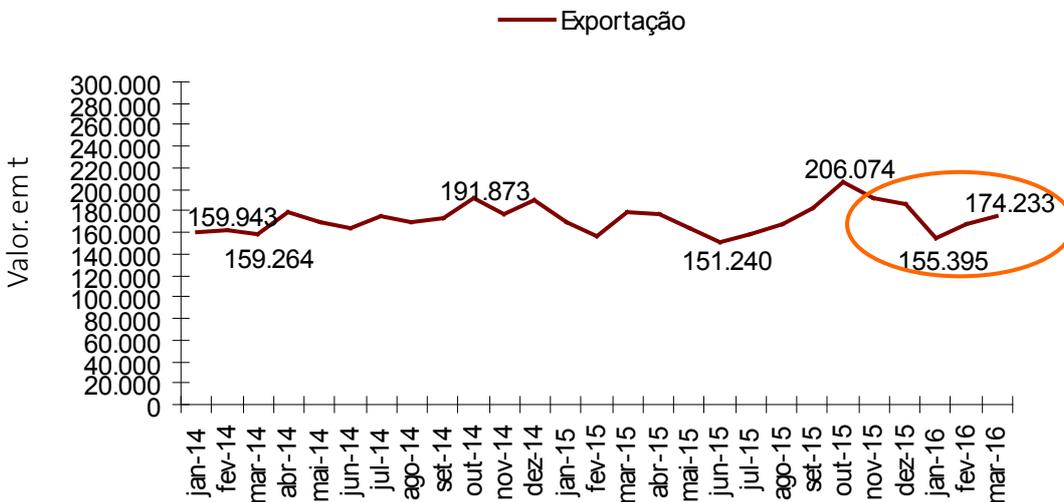


Gráfico 70 - Importação de café em US\$ - Janeiro/2014 a março/2016



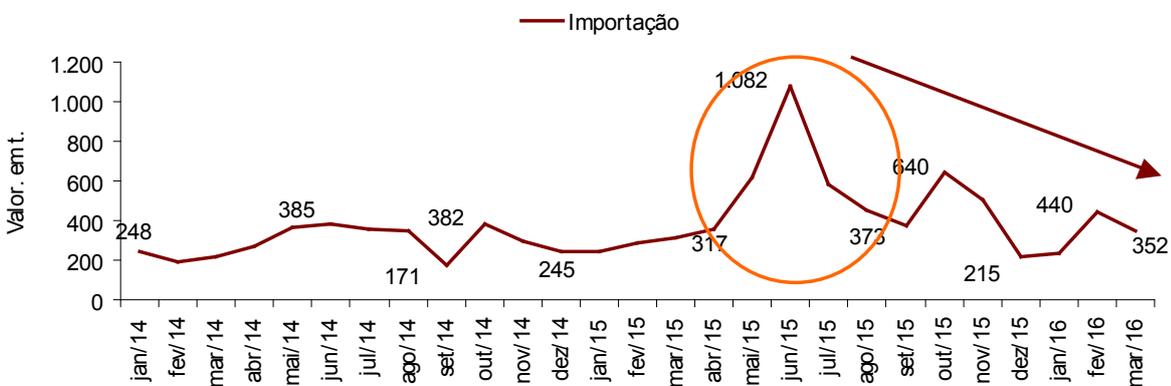
Fonte: Agrosat (Mapa):

Gráfico 71 - Exportação de café em toneladas - Janeiro/2014 a março/2016



Fonte: Agrosat (Mapa).

Gráfico 72 - Importação de café em kg - Janeiro/2014 a março/2016



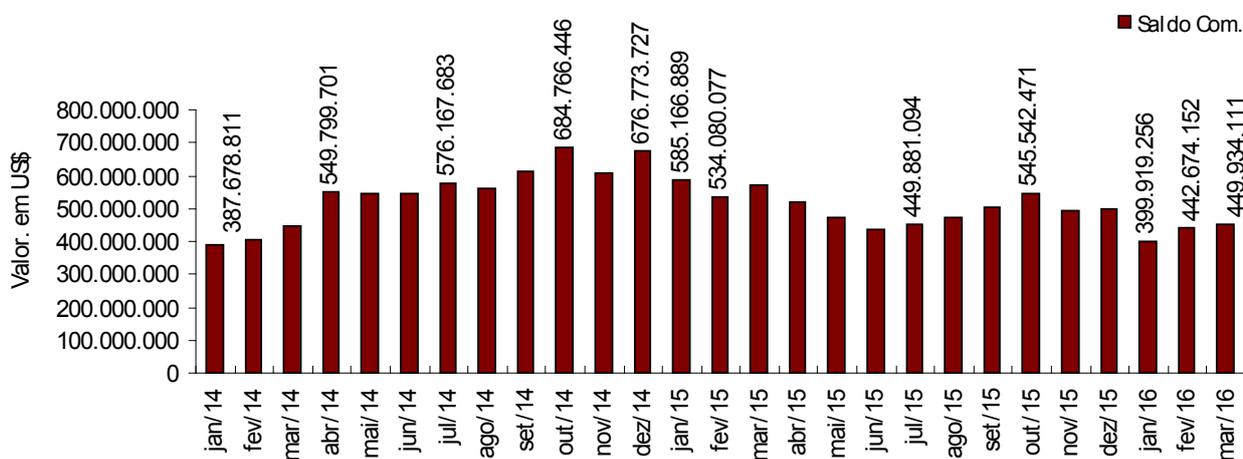
Fonte: Agrosat (Mapa).



O saldo comercial acompanha o crescimento das exportações, por serem as importações muito pouco representativas no mercado nacional. O que se observa é que de abril a junho de 2015 houve aumento das importações, entretanto, esse movimento não foi

expressivo a ponto de impactar no saldo comercial. O comportamento do mercado exportador é verificado, portanto, na potencialidade que tem o Brasil de ser fornecedor desta iguaria.

Gráfico 73 - Saldo comercial - Exportações e importações



Fonte: Agrosat (Mapa):

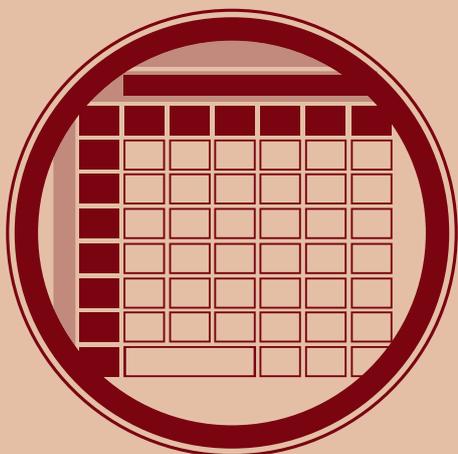
Cumprido ao mercado observar o padrão de comportamento médio das variáveis exportação (valor em US\$ e toneladas) e adequar a estrutura contratual face aos preços praticados no mer-

cado. Assim, os dados abaixo servem de auxílio para balizar o mercado sobre o comportamento exportador do último ano corrente (2015).

Tabela 23 - Dados balizadores do mercado - Comportamento exportador (2015)

Ex. VALOR. US\$		Ex. TONELADAS	
Média	480.024.598	Média	173.645
Erro padrão	11.541.119	Erro padrão	4.672
Mediana	480.528.655	Mediana	171.173
Desvio padrão	39.979.610	Desvio padrão	16.183
Variância da amostra	1,59837E+15	Variância da amostra	261901682,6
Curtose	0,228795	Curtose	-0,133245
Assimetria	-0,046677	Assimetria	0,554260
Intervalo	148.841.779	Intervalo	54.834
Mínimo	403.561.340	Mínimo	151.240
Máximo	552.403.119	Máximo	206.074
Soma	5.760.295.181	Soma	2.083.740
Contagem	12	Contagem	12





13. RESULTADO DETALHADO

Tabela 24 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - safras 2015 e 2016

Região/Estado	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88.900,0	88.324,0	(0,6)	19,58	18,55	(5,3)	1.740,5	1.638,2	(5,9)
RO	87.657,0	87.657,0	-	19,67	18,56	(5,6)	1.723,9	1.626,9	(5,6)
PA	1.243,0	667,0	(46,3)	13,35	16,94	26,9	16,6	11,3	(31,9)
NORDESTE	138.678,0	141.923,8	2,3	16,91	18,59	9,9	2.345,7	2.638,9	12,5
BA	138.678,0	141.923,8	2,3	16,91	18,59	9,9	2.345,7	2.638,9	12,5
Cerrado	9.129,0	10.000,0	9,5	37,00	34,00	(8,1)	337,8	340,0	0,7
Planalto	94.321,0	93.173,0	(1,2)	8,74	10,70	22,4	824,3	996,9	20,9
Atlântico	35.228,0	38.750,8	10,0	33,60	33,60	-	1.183,6	1.302,0	10,0
CENTRO-OESTE	26.364,0	19.554,0	(25,8)	13,43	17,49	30,2	354,1	342,0	(3,4)
MT	20.189,0	13.772,0	(31,8)	6,34	8,63	36,3	127,9	118,9	(7,0)
GO	6.175,0	5.782,0	(6,4)	36,63	38,59	5,3	226,2	223,1	(1,4)
SUDESTE	1.613.623,3	1.631.362,8	1,1	23,16	26,81	15,8	37.376,4	43.743,7	17,0
MG	968.872,0	1.008.038,8	4,0	23,02	28,27	22,8	22.302,9	28.499,8	27,8
Sul e Centro-Oeste	478.056,0	523.041,6	9,4	22,61	28,56	26,3	10.808,3	14.939,7	38,2
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	170.634,0	183.273,2	7,4	24,81	37,00	49,1	4.232,9	6.780,7	60,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	287.340,0	269.484,0	(6,2)	23,00	22,80	(0,9)	6.609,5	6.145,0	(7,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.842,0	32.240,0	(1,8)	19,86	19,68	(0,9)	652,2	634,4	(2,7)
ES	433.242,0	410.057,0	(5,4)	24,70	23,06	(6,6)	10.700,0	9.455,0	(11,6)
RJ	12.538,0	13.090,0	4,4	24,69	24,95	1,0	309,6	326,6	5,5
SP	198.971,3	200.177,0	0,6	20,42	27,29	33,6	4.063,9	5.462,3	34,4
SUL	44.500,0	47.300,0	6,3	28,99	23,60	(18,6)	1.290,0	1.116,3	(13,5)
PR	44.500,0	47.300,0	6,3	28,99	23,60	(18,6)	1.290,0	1.116,3	(13,5)
OUTROS	10.009,0	13.590,0	35,8	12,82	13,94	8,7	128,3	189,4	47,6
NORTE/NORDESTE	227.578,0	230.247,8	1,2	17,96	18,58	3,5	4.086,2	4.277,1	4,7
CENTRO-SUL	1.684.487,3	1.698.216,8	0,8	23,16	26,62	14,9	39.020,5	45.202,0	15,8
BRASIL	1.922.074,3	1.942.054,6	1,0	22,49	25,58	13,7	43.235,0	49.668,5	14,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 25- Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)			
	Safr 2015 (a)	Safr 2016 (B)	VAR. % (B/A)	Safr 2015 (C)	Safr 2016	VAR. %	Safr 2015 (e)	Safr 2016	VAR. %	
					(d)	(d/c)		(f)	(f/e)	
NORDESTE	103.450,0	103.173,0	(0,3)	11,23	12,96	15,4	1.162,1	1.336,9	15,0	
BA	103.450,0	103.173,0	(0,3)	11,23	12,96	15,4	1.162,1	1.336,9	15,0	
	Cerrado	9.129,0	10.000,0	9,5	37,00	34,00	(8,1)	337,8	340,0	0,7
	Planalto	94.321,0	93.173,0	(1,2)	8,74	10,70	22,4	824,3	996,9	20,9
CENTRO-OESTE	6.286,0	5.915,0	(5,9)	36,26	38,21	5,4	227,9	226,0	(0,8)	
MT	111,0	133,0	19,8	15,32	21,80	42,4	1,7	2,9	70,6	
GO	6.175,0	5.782,0	(6,4)	36,63	38,59	5,3	226,2	223,1	(1,4)	
SUDESTE	1.317.124,3	1.358.402,8	3,1	22,23	27,59	24,1	29.278,2	37.472,2	28,0	
MG	955.497,0	995.110,8	4,1	22,99	28,32	23,2	21.965,7	28.181,3	28,3	
	Sul e Centro-Oeste	478.056,0	523.041,6	9,4	22,61	28,56	26,3	10.808,3	14.939,7	38,2
	Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	170.634,0	183.273,2	7,4	24,81	37,00	49,1	4.232,9	6.780,7	60,2
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	278.646,0	261.081,0	(6,3)	22,93	22,74	(0,8)	6.390,3	5.938,0	(7,1)
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.161,0	27.715,0	(1,6)	18,97	18,87	(0,5)	534,2	522,9	(2,1)
ES	150.118,0	150.025,0	(0,1)	19,58	23,34	19,2	2.939,0	3.502,0	19,2	
RJ	12.538,0	13.090,0	4,4	24,69	24,95	1,0	309,6	326,6	5,5	
SP	198.971,3	200.177,0	0,6	20,42	27,29	33,6	4.063,9	5.462,3	34,4	
SUL	44.500,0	47.300,0	6,3	28,99	23,60	(18,6)	1.290,0	1.116,3	(13,5)	
PR	44.500,0	47.300,0	6,3	28,99	23,60	(18,6)	1.290,0	1.116,3	(13,5)	
OUTROS	8.450,0	9.906,0	17,2	10,66	11,83	11,0	90,1	117,2	30,1	
NORTE/NORDESTE	103.450,0	103.173,0	(0,3)	11,23	12,96	15,4	1.162,1	1.336,9	15,0	
CENTRO-SUL	1.367.910,3	1.411.617,8	3,2	22,51	27,50	22,1	30.796,1	38.814,5	26,0	
BRASIL	1.479.810,3	1.524.696,8	3,0	21,66	26,41	22,0	32.048,3	40.268,6	25,6	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Amazonas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 26 - Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)			
	Safr 2015 (a)	Safr 2016 (B)	VAR. % (B/A)	Safr 2015 (C)	Safr 2016	VAR. %	Safr 2015 (e)	Safr 2016	VAR. %	
					(d)	(d/c)		(f)	(f/e)	
NORTE	88.900,0	88.324,0	(0,6)	19,58	18,55	(5,3)	1.740,5	1.638,2	(5,9)	
RO	87.657,0	87.657,0	-	19,67	18,56	(5,6)	1.723,9	1.626,9	(5,6)	
PA	1.243,0	667,0	(46,3)	13,35	16,94	26,9	16,6	11,3	(31,9)	
NORDESTE	35.228,0	38.750,8	10,0	33,60	33,60	-	1.183,6	1.302,0	10,0	
BA	35.228,0	38.750,8	10,0	33,60	33,60	-	1.183,6	1.302,0	10,0	
	Atlântico	35.228,0	38.750,8	10,0	33,60	33,60	-	1.183,6	1.302,0	10,0
CENTRO-OESTE	20.078,0	13.639,0	(32,1)	6,29	8,51	35,3	126,2	116,0	(8,1)	
MT	20.078,0	13.639,0	(32,1)	6,29	8,51	35,3	126,2	116,0	(8,1)	
SUDESTE	296.499,0	272.960,0	(7,9)	27,31	22,98	(15,9)	8.098,2	6.271,5	(22,6)	
MG	13.375,0	12.928,0	(3,3)	25,21	24,64	(2,3)	337,2	318,5	(5,5)	
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.694,0	8.403,0	(3,3)	25,21	24,63	(2,3)	219,2	207,0	(5,6)
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.681,0	4.525,0	(3,3)	25,21	24,64	(2,3)	118,0	111,5	(5,5)
ES	283.124,0	260.032,0	(8,2)	27,41	22,89	(16,5)	7.761,0	5.953,0	(23,3)	
OUTROS	1.559,0	3.684,0	136,3	24,50	19,60	(20,0)	38,2	72,2	89,0	
NORTE/NORDESTE	124.128,0	127.074,8	2,4	23,56	23,14	(1,8)	2.924,1	2.940,2	0,6	
CENTRO-SUL	316.577,0	286.599,0	(9,5)	25,98	22,29	(14,2)	8.224,4	6.387,5	(22,3)	
BRASIL	442.264,0	417.357,8	(5,6)	25,29	22,52	(11,0)	11.186,7	9.399,9	(16,0)	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas e Ceará



Tabela 27 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.954,0	6.922,0	(0,5)	88.900,0	88.324,0	(0,6)	95.854,0	95.246,0	(0,6)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
PA	50,0	18,0	(64,0)	1.243,0	667,0	(46,3)	1.293,0	685,0	(47,0)
NORDESTE	15.738,0	14.239,1	(9,5)	138.678,0	141.923,8	2,3	154.416,0	156.162,9	1,1
BA	15.738,0	14.239,1	(9,5)	138.678,0	141.923,8	2,3	154.416,0	156.162,9	1,1
Cerrado	5.058,0	4.500,0	(11,0)	9.129,0	10.000,0	9,5	14.187,0	14.500,0	2,2
Planalto	6.917,0	7.017,0	1,4	94.321,0	93.173,0	(1,2)	101.238,0	100.190,0	(1,0)
Atlântico	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	38.750,8	10,0	38.991,0	41.472,9	6,4
CENTRO-OESTE	2.530,0	2.607,0	3,0	26.364,0	19.554,0	(25,8)	28.894,0	22.161,0	(23,3)
MT	1.202,0	1.119,0	(6,9)	20.189,0	13.772,0	(31,8)	21.391,0	14.891,0	(30,4)
GO	1.328,0	1.488,0	12,0	6.175,0	5.782,0	(6,4)	7.503,0	7.270,0	(3,1)
SUDESTE	292.183,4	239.346,0	(18,1)	1.613.623,3	1.631.362,8	48,2	1.905.806,7	1.870.708,8	(1,8)
MG	236.074,0	186.710,0	(20,9)	968.872,0	1.008.038,8	4,0	1.204.946,0	1.194.748,8	(0,8)
Sul e Centro-Oeste	149.727,0	103.405,0	(30,9)	478.056,0	523.041,6	9,4	627.783,0	626.446,6	(0,2)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	33.500,0	25.205,0	(24,8)	170.634,0	183.273,2	7,4	204.134,0	208.478,2	2,1
Zona da Mata, Rio Doce e Central	49.938,0	54.354,0	8,8	287.340,0	269.484,0	(6,2)	337.278,0	323.838,0	(4,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.909,0	3.746,0	28,8	32.842,0	32.240,0	(1,8)	35.751,0	35.986,0	0,7
ES	42.057,0	42.059,0	-	433.242,0	410.057,0	(5,4)	475.299,0	452.116,0	(4,9)
RJ	3,0	3,0	-	12.538,0	13.090,0	4,4	12.541,0	13.093,0	4,4
SP	14.049,4	10.574,0	(24,7)	198.971,3	200.177,0	0,6	213.020,7	210.751,0	(1,1)
SUL	8.550,0	3.200,0	(62,6)	44.500,0	47.300,0	6,3	53.050,0	50.500,0	(4,8)
PR	8.550,0	3.200,0	(62,6)	44.500,0	47.300,0	6,3	53.050,0	50.500,0	(4,8)
OUTROS	884,0	729,0	(17,5)	10.009,0	13.590,0	35,8	10.893,0	14.319,0	31,5
NORTE/NORDESTE	22.692,0	21.161,1	(6,7)	227.578,0	230.247,8	1,2	250.270,0	251.408,9	0,5
CENTRO-SUL	303.263,4	245.153,0	(19,2)	1.684.487,3	1.698.216,8	0,8	1.987.750,7	1.943.369,8	(2,2)
BRASIL	326.839,4	267.043,1	(18,3)	1.922.074,3	1.942.054,6	1,0	2.248.913,7	2.209.097,7	(1,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 28 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11.975,0	11.517,0	(3,8)	103.450,0	103.173,0	(0,3)	115.425,0	114.690,0	(0,6)
BA	11.975,0	11.517,0	(3,8)	103.450,0	103.173,0	(0,3)	115.425,0	114.690,0	(0,6)
Cerrado	5.058,0	4.500,0	(11,0)	9.129,0	10.000,0	9,5	14.187,0	14.500,0	2,2
Planalto	6.917,0	7.017,0	1,4	94.321,0	93.173,0	(1,2)	101.238,0	100.190,0	(1,0)
CENTRO-OESTE	1.378,0	1.488,0	8,0	6.286,0	5.915,0	(5,9)	7.664,0	7.403,0	(3,4)
MT	50,00	-	(100,0)	111,0	133,0	19,8	161,0	133,0	(17,4)
GO	1.328,0	1.488,0	12,0	6.175,0	5.782,0	(6,4)	7.503,0	7.270,0	(3,1)
SUDESTE	264.795,4	211.804,0	(20,0)	1.317.124,3	1.358.402,8	48,2	1.581.919,7	1.570.206,8	(0,7)
MG	235.115,0	185.507,0	(21,1)	955.497,0	995.110,8	4,1	1.190.612,0	1.180.617,8	(0,8)
Sul e Centro-Oeste	149.727,0	103.405,0	(30,9)	478.056,0	523.041,6	9,4	627.783,0	626.446,6	(0,2)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	33.500,0	25.205,0	(24,8)	170.634,0	183.273,2	7,4	204.134,0	208.478,2	2,1
Zona da Mata, Rio Doce e Central	49.315,0	53.572,0	8,6	278.646,0	261.081,0	(6,3)	327.961,0	314.653,0	(4,1)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.573,0	3.325,0	29,2	28.161,0	27.715,0	(1,6)	30.734,0	31.040,0	1,0
ES	15.628,0	15.720,0	0,6	150.118,0	150.025,0	(0,1)	165.746,0	165.745,0	-
RJ	3,0	3,0	-	12.538,0	13.090,0	4,4	12.541,0	13.093,0	4,4
SP	14.049,4	10.574,0	(24,7)	198.971,3	200.177,0	0,6	213.020,7	210.751,0	(1,1)
SUL	8.550,0	3.200,0	(62,6)	44.500,0	47.300,0	6,3	53.050,0	50.500,0	(4,8)
PR	8.550,0	3.200,0	(62,6)	44.500,0	47.300,0	6,3	53.050,0	50.500,0	(4,8)
OUTROS	411,0	395,0	(3,9)	8.450,0	9.906,0	17,2	8.861,0	10.301,0	16,3
NORTE/NORDESTE	11.975,0	11.517,0	(3,8)	103.450,0	103.173,0	(0,3)	115.425,0	114.690,0	(0,6)
CENTRO-SUL	274.723,4	216.492,0	(21,2)	1.367.910,3	1.411.617,8	3,2	1.642.633,7	1.628.109,8	(0,9)
BRASIL	287.109,4	228.404,0	(20,4)	1.479.810,3	1.524.696,8	3,0	1.766.919,7	1.753.100,8	(0,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Amazonas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 29 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.954,0	6.922,0	(0,5)	88.900,0	88.324,0	(0,6)	95.854,0	95.246,0	(0,6)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
PA	50,0	18,0	(64,0)	1.243,0	667,0	(46,3)	1.293,0	685,0	(47,0)
NORDESTE	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	38.750,8	10,0	38.991,0	41.472,9	6,4
BA	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	38.750,8	10,0	38.991,0	41.472,9	6,4
Atlântico	3.763,0	2.722,1	(27,7)	35.228,0	38.750,8	10,0	38.991,0	41.472,9	6,4
CENTRO-OESTE	1.152,0	1.119,0	(2,9)	20.078,0	13.639,0	(32,1)	21.230,0	14.758,0	(30,5)
MT	1.152,00	1.119,0	(2,9)	20.078,0	13.639,0	(32,1)	21.230,0	14.758,0	(30,5)
SUDESTE	27.388,0	27.542,0	0,6	296.499,0	272.960,0	48,2	323.887,0	300.502,0	(7,2)
MG	959,0	1.203,0	25,4	13.375,0	12.928,0	(3,3)	14.334,0	14.131,0	(1,4)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	623,0	782,0	25,5	8.694,0	8.403,0	(3,3)	9.317,0	9.185,0	(1,4)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	336,0	421,0	25,3	4.681,0	4.525,0	(3,3)	5.017,0	4.946,0	(1,4)
ES	26.429,0	26.339,0	(0,3)	283.124,0	260.032,0	(8,2)	309.553,0	286.371,0	(7,5)
OUTROS (*)	473,0	334,0	(29,4)	1.559,0	3.684,0	136,3	2.032,0	4.018,0	97,7
NORTE/NORDESTE	10.717,0	9.644,1	(10,0)	124.128,0	127.074,8	2,4	134.845,0	136.718,9	1,4
CENTRO-SUL	28.540,0	28.661,0	0,4	316.577,0	286.599,0	(9,5)	345.117,0	315.260,0	(8,7)
BRASIL	39.730,0	38.639,1	(2,7)	442.264,0	417.357,8	(5,6)	481.994,0	455.996,9	(5,4)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas e Ceará



Tabela 30 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total- safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)			
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	10.852,6	12.559,2	15,7	139.163,7	135.529,7	(2,6)	150.016,3	148.088,9	(1,3)	
RO	10.742,6	12.510,2	16,5	136.394,3	133.822,2	(1,9)	147.136,9	146.332,4	(0,5)	
PA	110,0	49,0	(55,5)	2.769,4	1.707,5	(38,3)	2.879,4	1.756,5	(39,0)	
NORDESTE	63.121,6	57.603,4	(8,7)	432.265,1	467.784,7	8,2	495.386,7	525.388,1	6,1	
BA	63.121,6	57.603,4	(8,7)	432.265,1	467.784,7	8,2	495.386,7	525.388,1	6,1	
	Cerrado	27.819,0	24.750,0	(11,0)	50.209,5	55.000,0	9,5	78.028,5	79.750,0	2,2
	Planalto	22.771,8	23.788,9	4,5	264.497,6	259.175,2	(2,0)	287.269,4	282.964,1	(1,5)
	Atlântico	12.530,8	9.064,5	(27,7)	117.558,0	153.609,5	30,7	130.088,8	162.674,0	25,0
CENTRO-OESTE	9.202,5	8.552,4	(7,1)	74.793,1	47.383,9	(36,6)	83.995,6	55.936,3	(33,4)	
MT	2.786,2	2.234,1	(19,8)	46.346,5	21.146,3	(54,4)	49.132,7	23.380,4	(52,4)	
GO	6.416,3	6.318,3	(1,5)	28.446,6	26.237,6	(7,8)	34.862,9	32.555,9	(6,6)	
SUDESTE	1.020.088,2	842.186,6	(17,4)	4.852.736,0	4.927.199,3	48,2	5.872.824,2	5.769.385,9	(1,8)	
MG	843.008,7	670.297,4	(20,5)	3.032.059,9	3.154.535,7	4,0	3.875.068,6	3.824.833,1	(1,3)	
	Sul e Centro-Oeste	524.044,8	361.917,9	(30,9)	1.434.167,4	1.569.124,9	9,4	1.958.212,2	1.931.042,8	(1,4)
	Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	133.998,9	100.818,1	(24,8)	597.219,0	641.456,1	7,4	731.217,9	742.274,2	1,5
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	174.784,3	192.976,6	10,4	888.101,7	833.661,1	(6,1)	1.062.886,0	1.026.637,7	(3,4)
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.180,7	14.584,8	43,3	112.571,8	110.293,6	(2,0)	122.752,5	124.878,4	1,7
ES	139.280,0	139.262,0	-	1.142.772,0	1.094.239,0	(4,2)	1.282.052,0	1.233.501,0	(3,8)	
RJ	6,4	6,4	-	26.329,8	27.489,0	4,4	26.336,2	27.495,4	4,4	
SP	37.793,1	32.620,8	(13,7)	651.574,3	650.935,6	(0,1)	689.367,4	683.556,4	(0,8)	
SUL	29.100,0	12.800,0	(56,0)	143.900,0	155.200,0	7,9	173.000,0	168.000,0	(2,9)	
PR	29.100,0	12.800,0	(56,0)	143.900,0	155.200,0	7,9	173.000,0	168.000,0	(2,9)	
OUTROS	2.404,5	1.984,6	(17,5)	29.614,0	34.790,4	17,5	32.018,5	36.775,0	14,9	
NORTE/NORDESTE	73.974,2	70.162,6	(5,2)	571.428,8	603.314,4	5,6	645.403,0	673.477,0	4,3	
CENTRO-SUL	1.058.390,7	863.539,0	(18,4)	5.071.429,1	5.129.783,2	1,2	6.129.819,8	5.993.322,2	(2,2)	
BRASIL	1.134.769,4	935.686,2	(17,5)	5.672.471,9	5.767.888,0	1,7	6.807.241,3	6.703.574,2	(1,5)	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 31 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)			
	Safra 2015(a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (c)	Safra 2016(d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015(e)	Safra 2016(f)	VAR. % (e/f)	
NORDESTE	50.590,8	48.538,9	(4,1)	314.707,1	314.175,2	(0,2)	365.297,9	362.714,1	(0,7)	
BA	50.590,8	48.538,9	(4,1)	314.707,1	314.175,2	(0,2)	365.297,9	362.714,1	(0,7)	
	Cerrado	27.819,0	24.750,0	(11,0)	50.209,5	55.000,0	9,5	78.028,5	79.750,0	2,2
	Planalto	22.771,8	23.788,9	4,5	264.497,6	259.175,2	(2,0)	287.269,4	282.964,1	(1,5)
CENTRO-OESTE	6.532,2	6.318,3	(3,3)	28.714,1	26.467,8	(7,8)	35.246,3	32.786,1	(7,0)	
MT	115,90	-	(100,0)	267,5	230,2	(13,9)	383,4	230,2	(40,0)	
GO	6.416,3	6.318,3	(1,5)	28.446,6	26.237,6	(7,8)	34.862,9	32.555,9	(6,6)	
SUDESTE	941.408,7	762.772,1	(19,0)	4.182.172,9	4.307.109,3	48,2	5.123.581,6	5.069.881,4	(1,0)	
MG	839.652,2	666.086,9	(20,7)	2.991.934,8	3.115.751,7	4,1	3.831.587,0	3.781.838,6	(1,3)	
	Sul e Centro-Oeste	524.044,8	361.917,9	(30,9)	1.434.167,4	1.569.124,9	9,4	1.958.212,2	1.931.042,8	(1,4)
	Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	133.998,9	100.818,1	(24,8)	597.219,0	641.456,1	7,4	731.217,9	742.274,2	1,5
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	172.602,6	190.239,8	10,2	862.020,4	808.451,5	(6,2)	1.034.623,0	998.691,3	(3,5)
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.005,9	13.111,1	45,6	98.528,0	96.719,2	(1,8)	107.533,9	109.830,3	2,1
ES	63.957,0	64.058,0	0,2	512.334,0	512.933,0	0,1	576.291,0	576.991,0	0,1	
RJ	6,4	6,4	-	26.329,8	27.489,0	4,4	26.336,2	27.495,4	4,4	
SP	37.793,1	32.620,8	(13,7)	651.574,3	650.935,6	(0,1)	689.367,4	683.556,4	(0,8)	
SUL	29.100,0	12.800,0	(56,0)	143.900,0	155.200,0	7,9	173.000,0	168.000,0	(2,9)	
PR	29.100,0	12.800,0	(56,0)	143.900,0	155.200,0	7,9	173.000,0	168.000,0	(2,9)	
OUTROS	1.117,9	1.074,4	(3,9)	25.623,0	25.359,4	(1,0)	26.740,9	26.433,8	(1,1)	
NORTE/NORDESTE	50.590,8	48.538,9	(4,1)	314.707,1	314.175,2	(0,2)	365.297,9	362.714,1	(0,7)	
CENTRO-SUL	977.040,9	781.890,4	(20,0)	4.354.787,0	4.488.777,1	3,1	5.331.827,9	5.270.667,5	(1,1)	
BRASIL	1.028.749,6	831.503,7	(19,2)	4.695.117,1	4.828.311,7	2,8	5.723.866,7	5.659.815,4	(1,1)	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Amazonas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 32 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)			
	Safra 2015(a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (c)	Safra 2016(d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015(e)	Safra 2016(f)	VAR. % (e/f)	
NORTE	10.852,6	12.559,2	15,7	139.163,7	135.529,7	(2,6)	150.016,3	148.088,9	(1,3)	
RO	10.742,6	12.510,2	16,5	136.394,3	133.822,2	(1,9)	147.136,9	146.332,4	(0,5)	
PA	110,0	49,0	(55,5)	2.769,4	1.707,5	(38,3)	2.879,4	1.756,5	(39,0)	
NORDESTE	12.530,8	9.064,5	(27,7)	117.558,0	153.609,5	30,7	130.088,8	162.674,0	25,0	
BA	12.530,8	9.064,5	(27,7)	117.558,0	153.609,5	30,7	130.088,8	162.674,0	25,0	
	Atlântico	12.530,8	9.064,5	(27,7)	117.558,0	153.609,5	30,7	130.088,8	162.674,0	25,0
CENTRO-OESTE	2.670,3	2.234,1	(16,3)	46.079,0	20.916,1	(54,6)	48.749,3	23.150,2	(52,5)	
MT	2.670,30	2.234,1	(16,3)	46.079,0	20.916,1	(54,6)	48.749,3	23.150,2	(52,5)	
SUDESTE	78.679,5	79.414,5	0,9	670.563,1	620.090,0	(48,2)	749.242,6	699.504,5	(6,6)	
MG	3.356,5	4.210,5	25,4	40.125,1	38.784,0	(3,3)	43.481,6	42.994,5	(1,1)	
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.181,7	2.736,8	25,4	26.081,3	25.209,6	(3,3)	28.263,0	27.946,4	(1,1)
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.174,8	1.473,7	25,4	14.043,8	13.574,4	(3,3)	15.218,6	15.048,1	(1,1)
ES	75.323,0	75.204,0	(0,2)	630.438,0	581.306,0	(7,8)	705.761,0	656.510,0	(7,0)	
OUTROS	1.286,6	910,2	(29,3)	3.991,0	9.431,0	136,3	5.277,6	10.341,2	95,9	
NORTE/NORDESTE	23.383,4	21.623,7	(7,5)	256.721,7	289.139,2	12,6	280.105,1	310.762,9	10,9	
CENTRO-SUL	81.349,8	81.648,6	0,4	716.642,1	641.006,1	(10,6)	797.991,9	722.654,7	(9,4)	
BRASIL	106.019,8	104.182,5	(1,7)	977.354,8	939.576,3	(3,9)	1.083.374,6	1.043.758,8	(3,7)	

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em maio/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas e Ceará





14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

14.1. COLHEITA DE CAFÉ

A colheita de café segue um calendário bem definido que geralmente se inicia no mês de março e termina em outubro, fato que ocorreu nas últimas 8 safras (2008 a 2015), sendo que na safra 2016 a estimativa é que ocorra o mesmo padrão. A concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita a partir de setembro de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

Em função de sua fisiologia, o café pode apresentar mais de uma florada, o que acarreta em frutos com diferentes estádios de maturação. A presença de diferentes tipos de café afeta a composição química e a qualidade do produto, sendo ideal conhecer o momento propício para iniciar a colheita, sem que haja prejuízos na qualidade (CARVALHO JUNIOR, et al, 2003).

Sendo assim, é necessário verificar a quantidade de café ainda verde e a queda de frutos já secos de modo a determinar o momento ideal para início da colheita. Recomenda-se que se inicie quando o percentual de grãos verdes for igual ou inferior a 5%. Em anos de maturação muito desuniforme, toleram-se teores de até 20%, apesar de afetar a qualidade do café colhido (VILELA E PEREIRA, 1998). A colheita é feita com o fruto no estágio “cereja”, denominado assim em função do seu aspecto avermelhado quando maduro e também por seu tamanho (cerca de 10 a 15 mm de diâmetro).

No cafeeiro a colheita depende das condições climáticas, uma vez que as mesmas determinam os intervalos entre as floradas e o período de maturação de

grãos (CORTEZ, 2001), sendo que o crescimento e maturação dos frutos dependem da altitude, latitude e clima (PIMENTA; VILELA, 2003).

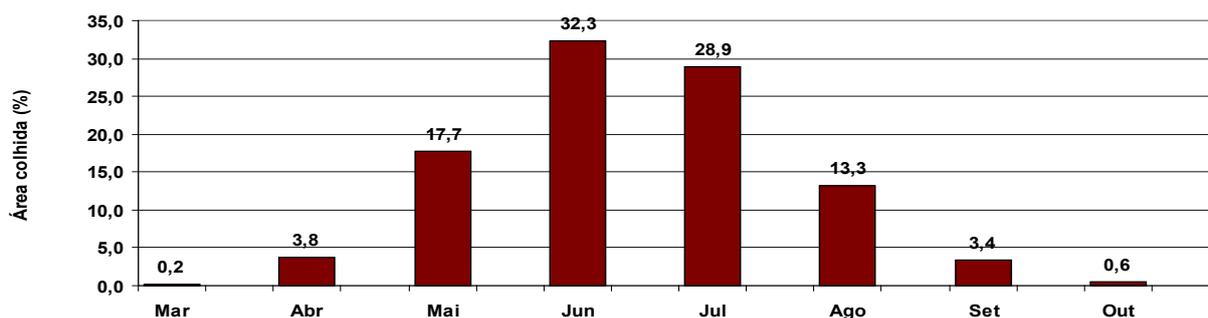
Tabela 33 - Café beneficiado - Safra 2016 - Estimativa mensal de colheita - Em percentual e mil sacas

U.F	PRODUÇÃO	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
RO	1.626,9	5,0	81,3	15,0	244,0	40,0	650,8	30,0	488,1	10,0	162,7	-	-	-	-	-	-
BA	2.638,9	-	-	7,5	197,0	30,6	807,5	31,0	818,9	23,3	616,1	5,7	149,5	1,9	49,8	-	-
GO	223,1	-	-	-	-	9,0	20,1	28,0	62,5	43,0	95,9	18,0	40,2	2,0	4,5	-	-
MG	28.499,8	-	-	1,0	285,0	10,0	2.850,0	35,0	9.974,9	35,0	9.974,9	15,0	4.275,0	3,5	997,5	0,5	142,5
ES	9.455,0	-	-	7,5	709,1	29,5	2.789,2	34,5	3.262,0	15,6	1.475,0	8,7	822,6	2,6	245,8	1,6	151,3
RJ	326,6	-	-	20,0	65,3	50,0	163,3	20,0	65,3	10,0	32,7	-	-	-	-	-	-
SP	5.462,3	-	-	5,0	273,1	25,0	1.365,6	20,0	1.092,5	25,0	1.365,6	20,0	1.092,5	5,0	273,1	-	-
PR	1.116,3	-	-	5,0	55,8	7,0	78,1	15,0	167,4	49,0	547,0	17,0	189,8	7,0	78,1	-	-
OUTROS	308,3	-	-	10,0	30,8	20,0	61,7	30,0	92,5	30,0	92,5	5,0	15,4	5,0	15,4	-	-
BRASIL	49.668,5	0,2	81,3	3,8	1.863,1	17,7	8.790,7	32,3	16.028,0	28,9	14.362,4	13,3	6.584,9	3,4	1.664,3	0,6	293,8

Fonte: Conab

Nota: Sul e Centro-Oeste; Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste; Zona da Mata, Rio Doce e Central; Norte, Jequitinhonha e Mucuri.

Gráfico 74 - Estimativa mensal de colheita



13.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO JUNIOR, C.; BOREM, F. M.; PEREIRA, R. G. F. A. and SILVA, F. M. Influência de diferentes sistemas de colheita na qualidade do café (*Coffea arabica* L.). **CIÊNC. AGROTEC.** [online]. 2003, vol.27, n.5, pp. 1089-1096.

CORTEZ, J. G. **EFEITO DE ESPÉCIES E CULTIVARES E DO PROCESSAMENTO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL NAS CARACTERÍSTICAS DA BEBIDA DO CAFÉ**. 2001. 71p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba.

PIMENTA, J. C.; VILELA, E. R. Efeito do tipo e época de colheita na qualidade do café (*Coffea arabica* L.). **ACTA SCIENTIARUM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 131-136, 2003.

VILELA, E. R.; PEREIRA, R. G. F. A. Armazenamento e processamento de produtos agrícolas: pós-colheita e qualidade do café. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA, 27., 1998, Poços de Caldas. **ANAIS...** Poços de Caldas: [s.n.], 1998. p. 219-274.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

